

100 ANOS DE ARTES PLÁSTICAS

bibRIA

AVEIRO
1882 - 1982

SALÃO CULTURAL - CÂMARA MUNICIPAL - 10 a 27 de Março

FL
908
141

BOLETIM MUNICIPAL DE AVEIRO



INTERDITO
AO
EMPRESTIMO



OFERTA

bibRIA

EDIÇÃO
PROPRIEDADE
DA

CÂMARA MUNICIPAL DE AVEIRO

N.º 1/Março 1983

bibRIA



O Plano de Actividades da Câmara Municipal de Aveiro, para 1983, refere no capítulo da cultura, o propósito de criação de um boletim de índole cultural, dando aliás satisfação ao desejo e várias vezes manifestado por alguns membros da Assembleia Municipal e outras pessoas ou entidades interessadas na vida autárquica.

Naquele documento se alude também expressamente à exposição evocativa da "EXPOSIÇÃO DISTRICTAL DE AVEIRO", de 1882, iniciativa que desde a primeira hora mereceu o melhor acolhimento por parte deste órgão executivo.

Na convicção de que a exposição ora empreendida, sob a designação "100 ANOS DE ARTES PLÁSTICAS", constitui um verdadeiro acontecimento cultural na região Aveirense e com o objectivo de o perpetuar através dos tempos, deliberou esta Câmara proceder à publicação dos trabalhos apresentados pela Comissão Organizadora, integrando o primeiro número do Boletim Municipal de Aveiro.

A todos quantos contribuíram para o êxito desta realização cultural e em especial à Comissão Organizadora, o agradecimento e apreço da

Câmara Municipal de Aveiro

bibRIA

Quando, em 1882, o Grémio Moderno assumiu a responsabilidade de organizar "uma exposição de objectos de arte decorativa, e produtos das indústrias actuais do districto, a fim de melhor se compararem as grandezas do passado, com as maravilhas do presente", estava também no espírito da agremiação associar-se, dessa forma às grandes celebrações nacionais do 1.º centenário da morte do Marquês de Pombal, a quem se devia a elevação de Aveiro à categoria de cidade.

O programa, recebido com entusiasmo, mereceu o apoio das mais proeminentes figuras da vida aveirense, constituindo-se em êxito absoluto, para mais reforçado com a solidariedade das forças económicas, em defesa do património cultural da Região. Uma comissão de mais de três dezenas de pessoas dispôs-se a perder o seu tempo e a dar o melhor de si próprias, em benefício do bem público.

E, para além da presença que, então, Aveiro marcou com essa célebre "Exposição Districtal", no campo das Artes — inserida naquele conjunto de manifestações do género que o Porto, Lisboa, Aveiro, Coimbra, Viana... realizaram no último quartel de Oitocentos e em que intervieram os melhores artistas e críticos de Arte, gerando polémica, reflexão e, conseqüentemente, novos horizontes para a criação artística — legaram-nos o excelente catálogo que a documenta.

Mas os tempos mudaram!

Em princípios de 1982, lembrámo-nos de evocar essa grande exposição, mantendo, no essencial, as rubricas nela contempladas. Mas as dificuldades surgiram: pouca disponibilidade das pessoas, fraca receptividade dos autarcas em geral (o projecto apresentado à Assembleia Distrital não teve acolhimento das Câmaras do Distrito), poucos apoios económicos... o que nos levou a concluir por uma certa insensibilidade em relação ao Património Cultural e sua valorização, a nível distrital, nos últimos lustros de Novecentos.

Em consequência, restringimos o projecto apenas às Artes Plásticas e avançámos, dispostos, pelo menos, a não deixar em silêncio acontecimento cultural de tal relevância, realizado há cem anos, e deste modo, prestar homenagem a quantos se empenharam na sua concretização, sobressaindo, naturalmente, Joaquim de Vasconcelos e o aveirógrafo notável que foi Marques Gomes.

Para o efeito, formámos uma pequena comissão de seis elementos — Cor. Cândido Teles, Dr. Vasco Branco, Dr. Ênio Semedo, P.º João Gaspar, Dr. Diamantino Dias e eu próprio — à qual a Associação de Defesa do Património Cultural e Natural da Região de Aveiro (ADERAV) inicialmente deu todo o apoio logístico.

As eleições autárquicas do Outono, porém, a par com indefinições por parte do Museu Nacional de Aveiro, onde apostáramos para a exposição, protelaram o andamento dos trabalhos. Entretanto, largas dezenas de convites foram endereçados aos artistas que, tendo tratado “a paisagem e o meio humano de Aveiro” (Distrito), tivessem representatividade em organismos culturais, especialmente Museus, nas modalidades de pintura, gravura, desenho, cerâmica, tapeçaria, escultura e medalhística, no máximo de três obras por modalidade.

Quanto aos falecidos, impunha-se um primeiro inventário, com a consciência de que nunca poderia ser exaustivo!

Hoje, abre ao público a exposição evocativa, sob o título “Cem anos de Artes Plásticas”.

Tínhamos sonhado melhor... Ainda assim, foi possível inventariar artistas esquecidos, a quem se presta a singela homenagem da biografia e dos traços fundamentais da sua arte, para além de recuperar a valorização de obras que são precioso testemunho das capacidades criadoras de gerações dedicadas à nossa terra e suas gentes, a que juntamos alguns dados sobre indústrias mais identificadas com as “artes tradicionais”, a que andam ligados muitos cidadãos anónimos que as tornaram célebres, com os seus dotes artísticos... esperando, desta forma, incentivar o aparecimento de novas temáticas e de novos valores, dando aos mais novos esta possibilidade de contacto com os mais velhos.

Outros artistas e outras empresas com produção de reputada qualidade foram lembrados. Por razões diferentes, não puderam ou não quiseram estar representados. E se houve esquecimentos ou lacunas, fica desde já a garantia de não ter sido acto de vontade.

E como se tanto se não devesse exclusivamente ao amor das coisas que são nossas, o projecto irá mais longe, se para tanto houver apoios morais e materiais, a ponto de fazer germinar o Museu Municipal. Com efeito, o único existente até hoje na capital do Vouga está instalado no antigo Convento de Jesus e deve-se, em embrião, a essa exposição de 1882.

Volvido um século, um outro se impõe — e já vem tarde! —, identificado com o homem e o meio em que vivemos (oxalá se pense no terceiro, antes de volvidas mais dez décadas!!!), para o que a própria comissão se dispunha a recolher material, logo que existissem instalações, mesmo provisórias, no tempo e no espaço sem ficarmos à espera das instalações da Fábrica Campos.

Finalmente, apesar dos tempos de austeridade económica que o país atravessa, uma palavra de apreço pelo encorajamento e apoios que o Governo Civil e a Câmara de Aveiro nos proporcionaram desde a primeira hora, enquanto organismos estatais vocacionados para a Arte e Cultura se mantiveram em silêncio.

E um voto: que outras manifestações surjam em defesa da identidade cultural da Região de Aveiro.

AMARO NEVES

AVEIRO NOS ÚLTIMOS CEM ANOS

Apontamento histórico

Em 1882, ocorreu o primeiro centenário sobre a morte do Marquês de Pombal. Na ocasião, Aveiro não esqueceu o notável estadista de el-Rei D. José I, que, na sua multiforme actividade, também procurou engrandecer a urbe e sustê-la no resvalar de uma acentuada e progressiva decadência: elevou a cidade, fê-la sede da comarca ou provedoria de Esgueira, pediu ao Papa a criação da Diocese, interessou-se pela instalação de indústrias de vidro e de seda. O Grémio Moderno, fundado em Janeiro do ano anterior ao presidido por Francisco Augusto da Fonseca Regala, organizou uma exposição, que teve lugar no edifício da Escola Primária da Vera-Cruz; tal mostra, revelando "reliquias de arte nacionais", dividiu-se em várias secções: tecidos, mobiliário, ourivesaria e joalharia, armas e bronzes, obras de latão, cerâmicas e vidros, cristais e esmaltes.

Ao olharmos, quase num relance, para o último século de história de Aveiro, logo damos conta do seu progresso evidente em vários e múltiplos factores.

O índice demográfico, por exemplo, não parou de subir, apesar de certa emigração; se em 1878 a cidade contava 7.137 habitantes, em 1940 tinha 14.820 e em 1981 subia a 29.155. No concelho e no distrito tem correspondido um aumento proporcional. Foram causas decisivas deste progresso a implantação de indústrias, a expansão do comércio e o desenvolvimento do porto, aliados ao lançamento de estradas e à passagem do caminho de ferro. E não ficará por aqui a evolução de Aveiro, dada a situação geográfica e o espírito animoso dos seus habitantes. A melhoria da barra, a ampliação das instalações portuárias e a projectada rodovia para Vilar Formoso, em direcção à Espanha e ao centro da Europa, serão meios para um maior crescimento não só de toda a região da ria, mas também de todo o território que do Rio Douro se espraia até ao Mondego.

Entretanto, pela última reforma das Forças Armadas, ficou em Aveiro um Batalhão de Infantaria e, em S. Jacinto, encontram-se duas unidades militares: uma Base Operacional de Tropas Paraquedistas e um Aeródromo de Manobra. Foram multiplicadas as secções e os postos da Guarda Nacional Republicana, actualmente agrupados em duas Companhias, cujas sedes são em Aveiro e em S. João da Madeira. Em 1887, foi criado o Corpo de Polícia Civil do Distrito de Aveiro, que, em 1927, recebeu a designação de Polícia de Segurança Pública. Em 1982, foi instalada na cidade uma Companhia da Guarda Fiscal; no mesmo ano, também foi para aqui destacada uma Delegação da Polícia Judiciária.

Em Aveiro, no breve espaço de dezoito anos da segunda metade do século XIX, registaram-se três pavorosos incêndios: em 1864, ardeu o palácio dos Tavares, que fora paço episcopal e era então a sede do Governo Civil; em 1871, um fogo reduziu a cinzas o palacete do visconde de Almeida; e, em 1882, as chamas destruíram o secular convento das Franciscanas da Madre de Deus, em Sá.

Nesta ocasião, sem perder tempo, um punhado de homens decididos formaram a Companhia de Bombeiros Voluntários, que mais tarde se designaria por Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro, comumente conhecida por "Bombeiros Velhos".

Todavia, em 1908, não corriam bem as coisas nos corpos directivos da corporação dos bombeiros. Um reduzido grupo de homens da "Beira-Mar", aproveitando-se da oportunidade, concretizou o anseio de um novo corpo de voluntários, que se chamaria Companhia Voluntária de Salvação Pública Guilherme Gomes Fernandes, vulgarmente designada por "Bombeiros Novos".

No campo do ensino, também Aveiro ocupa lugar condigno. Desde a fundação do Liceu Nacional em 1851, mercê da influência de José Estêvão até à instalação do Centro de Estudos e Telecomunicações e da Universidade em 1973, passando pela Escola Industrial e Comercial — sucedânea em 1914 da Escola de Desenho Industrial — pelos vários colégios particulares, pelo Seminário Diocesano e pela Escola do Magistério Primário, diversos centros escolares, que procuram agora ajustar-se às novas exigências, formaram e continuam a formar cidadãos mais úteis e melhor preparados. Desta maneira, os responsáveis do presente pretendem dar condições e proporcionar meios para que as novas gerações possam assumir nas suas mãos a responsabilidade da evolução de uma região que deseja valorizar-se cada vez mais, na senda do progresso e da liberdade, numa linha coerente e justa.

Os jornais são, por sua própria natureza, a memória escrita do vulgar quotidiano ou do acontecimento marcante na vida dos cidadãos; mas eles são também a expressão de íntimos anseios, de comuns interesses e de profundos ideais dos povos onde se redigem e publicam. Por conseguinte, não se podem aqui esquecer os jornais aveirenses que, durante o período que focamos, contribuíram para a difusão daquelas aspirações que orientaram tantas vidas. Da mais variada ideologia — religiosa, política, artística, literária, histórica, desportiva... — eles são mesmo uma preciosa fonte para o estudo da vida cidadina, regional e até nacional.

Em 1882, publicavam-se em Aveiro três periódicos: — **O Campeão das Províncias**, iniciado em 1852 por iniciativa de Manuel Firmino de Almeida Maia com o nome **d'O Campeão do Vouga**; o **Distrito de Aveiro**, que viria a ser editado, como o precedente, por muitas dezenas de anos; e **O Povo de Aveiro** — esse semanário singular e cáustico, que perdurou até 1941, fundado e dirigido por Homem Cristo.

Em 1883, surgiram mais duas publicações: o **Jornal Académico**, que era dos estudantes; e **A Locomotiva**, que se confessava periódico dos Caminhos de Ferro e teve vida curta. O Dr. Joaquim de Melo Freitas, em 1885, fundou **A Época**, que alcançaria os finais de 1888.

Pelo papel infuente que exerceram na opinião pública aveirense, anotam-se mais alguns periódicos locais: **A Beira-Mar**, de 1890 a 1910; a **Vitalidade** que, tendo aparecido em 1894, alcançou boa penetração no nosso meio; o **Progresso de Aveiro**, órgão do Partido Progressista no Distrito, que, saindo do prelo em 1900, se editou por uns dez anos; a **Folha Nova**, semanário republicano, publicado em 1904 por Arnaldo Ribeiro, que, em princípios de 1908, assumiu a direcção de **O Democrata**, cargo que desempenharia ao longo de quarenta anos.

Na vizinha freguesia de Eixo, em 1903, veio a lume o **Correio do Vouga**, que viria a findar em 1913.

Em 1911, após a implantação da República no ano anterior, surgiram novos títulos; contudo, apenas se manteve com maior duração **A Liberdade**, dirigida pelo Dr. Alberto Souto.

Mais recentemente viram a luz do dia **O Debate**, que, a partir de 1922, persistiu por mais de um decénio, a revista **Labor**, iniciada em 1926 e vocacionada para os problemas do ensino, o **Correio do Vouga**, cujo primeiro número é de 1930, a revista **Arquivo do Distrito de Aveiro**, orientada desde que nasceu em 1935 para assuntos de arqueologia, história e arte locais, o semanário **Litoral**, principiado

em 1954, a revista **Selos e Moedas**, editada trimestralmente desde 1963 pela Secção Filatélica e Numismática do Clube dos Galitos, o **Lutador** que, a partir de 1964 e por um decénio, militou sob a inspiração política da chamada "Revolução Nacional", e a revista semestral **Aveiro e o seu Distrito**, franqueada aos mais diversos temas de interesse para todo o Distrito, a qual começou a publicar-se em 1966.

Simultaneamente, continua a existir, na freguesia de Cacia, o trimensário **Ecos de Cacia**, fundado em 1917.

Depois da revolução de 25 de Abril de 1974, surgiram novas publicações, cada qual da sua cor ideológica; todas tiveram uma duração mais ou menos curta, apenas se mantendo o **Jornal de Aveiro**, de influência social-democrata, o **Nosso Jornal**, mensário dos trabalhadores do Centro Fabril da Portucel (Cacia), e o **Boletim da Associação de Defesa do Património Cultural e Natural da Região de Aveiro (ADERAV)**.

Este rápido conspecto da actividade jornalística aveirense também serve para homenagear os nomes de alguns dos nossos conterrâneos que, pela pena, ilustraram e serviram a sua terra e os seus ideais, lutando, do modo que lhes era próprio, pelo progresso e pela liberdade.

Segundo parece, a primeira congregação de elementos com tendências republicanas, em Aveiro, ficou a dever-se ao entusiasmo juvenil de Francisco Manuel Homem Cristo. No verão de 1881, ele próprio fundava o **Centro Eleitoral Republicano Aveirense**. O semanário **O Povo de Aveiro**, que lançava em Janeiro seguinte, orientar-se-ia por essa parcialidade ideológica. Um nome bem conhecido, entre os demais, como grande paladino da República foi Sebastião de Magalhães Lima, decerto não aveirense pelo nascimento, mas sim pela ascendência paterna; pois ele foi um dos membros da sociedade formada para se fazer publicar aquele periódico.

Antes da revolução portuense de 1891, formou-se em Aveiro um comité revolucionário, com o fim de proclamar a República após o grito de revolta, que deveria ser secundado em todo o país.

Cerca de 1900 ou 1901, organizou-se uma **Comissão Municipal Republicana**. Contudo, iria ser verdadeiramente predominante a acção do **Centro Escolar Republicano**, criado no início de 1909; na sua sede foram constantes as conferências políticas e as reuniões de propaganda, além dos passatempos e leituras proporcionados aos sócios.

A República foi implantada em 5 de Outubro de 1910. O primeiro acto público efectuou-se nos Paços do Concelho, no dia 7, onde a bandeira — a do **Centro Escolar Republicano** — foi hasteada pelo Dr. André dos Reis. Na mesma data, o auto-designado **Comité Revolucionário de Aveiro** endereçava ao povo uma "Proclamação", anunciando oficialmente a instauração do novo Regime.

Um outro facto do último século da nossa história, que merece ser registado, refere-se à Diocese de Aveiro. Criada em 1774, viria a ser extinta em 1882, aquando de uma nova delimitação das circunscrições eclesiásticas portuguesas.

Contudo, não se acomodaram os aveirenses à perda da sua autonomia religiosa; da sua lamentação fez-se eco Rangel de Quadros em artigos publicados no "Jornal de Estarreja", depois compilados em livro impresso em 1884. Ficava de pé a ideia da restauração do Bispado, forçadamente extinto.

Em 1924, começava a passar ao campo das realizações o projecto que novamente faria de Aveiro uma cidade episcopal. O sonho antigo tomava agora corpo, mercê de um grupo de pessoas dedicadas em que se destacou uma senhora humilde da Costeira, D. Conceição Maria dos Anjos, falecida em 1953. Anos mais tarde, também o Conselheiro Luís Cipriano Coelho de Magalhães, filho de José Estêvão, viria a interessar-se pelo assunto. D. João Evangelista de Lima Vidal, nascido na freguesia da Vera-Cruz, tomaria a ideia como sua, aglutinaria em si todas as boas vontades e acompanharia activamente o desenrolar do processo desde 1932 até final. Pela via religiosa, é este outrossim um marco na história da liberdade em Aveiro.

É evidente que não se pretende referir os nomes de todos aqueles aveirenses que se distinguiram

num ou noutro campo de actividade; mas seria imperdoável não rememorar algumas figuras que viveram nestes últimos cem anos — e tantas foram elas!

Manuel José Mendes Leite (1809-1887), que, no Parlamento, tomou a iniciativa da abolição da pena de morte nos crimes políticos; António Luís de Seabra (1798-1895), natural de Mogofores, que codificou o primeiro Código Civil Português; Joaquim da Costa Cascais (1815-1898), militar, escritor e dramaturgo; Bento Rodrigues Xavier de Magalhães (1820-1869), advogado de argumentação fina e de palavra fluente; Sebastião de Carvalho Lima (1821-1896), natural de Eixo, que se evidenciou pela auto-cultura, pela agudeza de espírito e pela inteligência penetrante; Sebastião de Magalhães Lima (1850-1928), pensador e político de renome; Jaime de Magalhães Lima (1859-1936), pensador romancista, ensaísta, contista, crítico, conferencista, jornalista, sociólogo, etnólogo e paisagista; José Luciano de Castro Pereira Corte-Real (1834-1914), nascido na Oliveirinha do Vouga, advogado, jornalista, deputado, ministro e presidente do Conselho de Ministros; José Maria Barbosa de Magalhães (1855-1910), jurisconsulto, causídico, escritor, jornalista e orador, que se mostrou indomável na defesa da justiça e intransigente na luta pelos direitos cívicos; Francisco Manuel Homem Cristo (1860-1943), professor universitário, deputado, paladino da instrução popular, escritor, jornalista, inconfundível fundibulário, defensor das obras da barra e do porto, aguerrido propagandista de tudo o que engrandecesse Aveiro; José Reinaldo Rangel de Quadros Oudinot (1842-1918), jornalista e escritor, que registou e deu a conhecer a nossa terra e os nossos monumentos em livros, opúsculos e periódicos; João Augusto Marques Gomes (1853-1931), conhecido aveirógrafo, que nos legou páginas e páginas da nossa história e que organizou o museu no edifício do velho Mosteiro de Jesus; António Gomes da Rocha Madahil (1893-1969), natural de Ílhavo, que honrou Aveiro com a descoberta e a vulgarização de fontes documentais do passado; Gustavo Ferreira Pinto Basto, nascido em Oiã em 1842, homem de notável iniciativa e acção; Lourenço Simões Peixinho, falecido em 1843, invulgar presidente do Município, a quem se deve o jardim parque do Infante D. Pedro e a execução do plano da avenida central; D. João Evangelista de Lima Vidal (1874-1958), arcebispo querido e saudoso que sentindo-se aveirense até ao âmago, dizia ser — e era efectivamente — “uma nesga, embora minúscula, desta deliciosa aguarela de Aveiro, um pedaço da nossa terra”; Alberto Souto, homem simples e culto, orador empolgante, arqueólogo apaixonado, deputado e publicista, que demonstrava amar entranhadamente Aveiro; Comandante Silvério da Rocha e Cunha (1876-1944), publicista e ministro da Marinha, a quem o porto de Aveiro ficou a dever nas obras da sua consolidação e expansão; José Maria Ferreira de Castro (1898-1974), nascido em Ossela — Oliveira de Azeméis, jornalista, romancista, escritor de reconhecido mérito, precursor do neo-realismo português, cujas obras mais significativas estão traduzidas em várias línguas.

Mas... não se podem alongar estas páginas, que se destinam a um catálogo. Aqui fica apenas um apontamento que poderá estimular a curiosidade em saber como a última centúria da história de Aveiro se cifra num saldo bem positivo no contexto nacional. Orgulhamo-nos por isso e esperamos que os Aveirenses continuem na esteira dos seus antepassados.

J.G.

bibRIA

... Houve a ideia... e esta se fez palavra!

Da palavra veio a imagem. As imagens... as palavras... umas e outras se completaram!!!

As imagens, esculpidas, pintadas... não são silenciosas. Estão carregadas de mensagens. Provocam o diálogo, permanente, para além dos traços e das cores, dos volumes, das correntes...

E voltam as palavras! Textos... que também pela sua arte e côr, nos dão a imagem, a "plástica" das gentes e das terras do Distrito de Aveiro. Foram, muitas vezes — e cremos que continuarão a sê-lo!, a inspiração dos artistas, na cadeia dos tempos. De resto, onde morre a palavra e começa a imagem?

São marcos, documentos cuja riqueza importa não esquecer, com o que, no conjunto, a nossa obra, se valorizará? Mas as palavras não podem ser emolduradas. Aqui, porém, fazem parte da mesma evocação... e, sem pretendermos uma antologia... podem constituir um primeiro passo para a colec-tânea que todos desejamos.

A.N.

... AVEIRO

Eu nasci em Aveiro, ao que suponho na proa de alguma bateira. Fui baptizado à mesma hora, nas águas da nossa ria. Abriam-se-me os ouvidos ao som cadencioso dos remos no mar, ao pio estrí-dulo das famintas gaivotas, ao praguejo inocente dos pescadores. Encheu-se-me o peito à nascença do ar salgado da maresia. S. Francisco de Assis chamava a estas coisas irmãos, chamava a estas coisas irmãs: o irmão Vouga, o irmão luar que à noite o prateia, os irmãos peixes, as irmãs espumas, areias, estrelas.

Mas aqui há mais do que uma simples fraternidade, há mais do que a suave harmonia da natureza e da alma de Aveiro; chego a crer que há uma verdadeira encarnação, o encontro de duas coisas no mesmo ser.

Nós, os de Aveiro, somos feitos, dos pés à cabeça, de ria, de barcos, de remos, de redes, de velas, de montinhos de sal e areia, até de naufrágios. Se nos abrissem o peito, encontrariam lá dentro um barquinho à vela, ou então uma bóia ou uma feteira, ou então a Senhora dos Navegantes.

Assim plasmado de Aveiro, com os beijos a saber a salgado, a pingar gotas da ria por todo o corpo, por toda a alma, eu sou uma nesga, embora minúscula, desta deliciosa aguarela de Aveiro; eu sou um pedaço da nossa terra.

D. JOÃO EVANGELISTA DE LIMA VIDAL

A paisagem aveirense tem as transparências cristalinas do céu do Mediterrâneo e conjuntamente a suavidade e a velada languidez duma primavera da Holanda ou dos recessos abrigados dos mares escandinavos; tem a vastidão da estepe e os mimos e a frescura dos vales protegidos das montanhas.

Jaime de Magalhães Lima

Anoitecia. O sol sumira-se no horizonte por detrás de uma nuvem escura, franjada, que a luz debruava de oiro. Mais longe, a norte e a sul, o debrum passava a ser esbranquiçado brilhante, com intervalos luzentes nos mais elevados cumes. Pelo céu, aqui e além, viam-se farrapos de nuvens pelos quais se espalhavam as cores do espectro que o sol na agonia lhes dispensava, como último adeus do dia a desaparecer na fuga para o outro hemisfério. O amarelo e o alaranjado predominavam nas ilhas flutuantes das nuvens mais próximas e o verde e o roxo coloriram as mais distantes para as bandas do nascente. E, pouco a pouco, as sombras iam caindo e o silêncio foi-se apossando da tripulação bulhenta do barco.

Já a caminho do esteiro da aldeia, nasceu a lua. No canal, as rugas de água multiplicavam as luzes reflectidas em rosário de contas luminosas, ao lado da embarcação.

A lua ascendia em quarto crescente avantajado; em torno abronzeava-se a atmosfera e havia uma ligeira viração de suave melancolia a cobrir-nos a todos, na contemplação daquele quadro que pedia a paleta de Corot.

Tudo recolhia. Os barcos da faina do dia, os trabalhadores das mondas dos milheirais e da abertura e limpeza das rigueiras dos juncais vizinhos. Chilreavam vagamente as aves mais retardatárias que se acoitavam nos campos marginais. As codornizes por lá se conservavam. A fortaleza das chuvas ainda as não fizera descer aos campos em busca da milhã. Mas essas aves de há muito dormiam sono alvorçado, com receio dos caçadores.

Todos — e até a nossa caravana — se sentiam fatigados a caminho dos lares, naquele lusco-fusco crepuscular em que a natureza se torna mais modesta, na quietação das coisas.

Somente daí a pouco, surgiram, em caminho oposto, as bateiras e caçadeira que iam para a pesca. As fainas alternam-se nestas aldeias da Beira-Ria...

No cimo de um outeiro vimos a capelinha de S. Paio, caíadinha de branco, afastada dos palheiros sombrios que se apinhavam à margem da Ria. O vento não era de feição; mas lá nos ia levando de margem a margem, ora mirando as matas verdejantes dos pinheiros ainda novos das quintas, a contrastar com o branco das dunas ainda não dominadas pela vegetação, ora as terras escuras do Bunheiro e da Murtosa, donde tinha saído o milho louro, agora amanhadas para reverdecerem de boa erva para o gado, às primeiras chuvas outoniças...

... Em toda essa região, de lés-a-lés, da Ria de Aveiro, a tricana é um símbolo. É a representante do povo. Se houvesse eleições livres ascenderiam ao Parlamento!

Sucede, porém, que às vezes, como consequência de mudança de situação pelo matrimónio, as imposições sociais as obrigam a pôr chapéu, a comprimirem-se em espartilhos e a usar peles caras. Foge-lhes a graça antiga no alambicado do novo arranjo do vestuário e mais ainda nos inestéticos arrebiques com que lhe descompõem os cabelos! O olhar — sei lá porquê? — já não tem o mesmo brilho e a troca do xaile de merino, reluzente e escorregadio, pelas raposas de preço, deve corresponder ao desaparecimento das túnicas gregas que, a dar-se crédito a Teófilo Braga, por ali passaram, dando realce ao colo de garça que ainda continua a divisar-se nas festas a que concorrem. É a queda de uma estátua de Fídias, um arranjo de adelo! A tricana ou morre ou desaparece, mascarada no caminho. Que se deixe seduzir pelos doutores está certo, mas que mantenha a sua indumentária.

A tricana não é apenas vestuário, bem o sei; também luzem as suas qualidades morais, a graça das maneiras, a altivez do porte, o brilho do olhar... Mas a indumentária, o garbo como traça o xaile escuro e enlaça os cabelos de azeviche nas dobras do lenço, ficando a espreitar pelas falhas da frente e dos lados, é fundamental. Traz-lhe o donaire que lhe é próprio e constitui a base do seu principal encanto.

Escrevo-te e não sei quem és — como face para sempre talhada! A mais antiga memória que guardo de ti é a ria a transbordar por praças e vielas, nas marés vivas. Sob os lampiões dos Arcos, Rua dos Mercadores abaixo, vogavam bateiras conduzindo os teus íncolas (ia a dizer os teus doges) às soleiras das portas. E eu batia palmas de menino com brinquedo, na janela da avó. Casa escura, com mofo a rato, olhares de José Estêvão no louceiro antigo, um opúsculo do Marques Gomes a dizer-me que um tio de antanho fora decapitado pelo D. Miguel, grades de pimpons nas sacadas de pedra antiga — em que um dia entalei a cabeça (para retomar essa tradição, quem sabe?), tendo sido liberto, depois de muito suor e ferros, por um serralheiro do Mindelo.

Cá fora, os teus ares lavados e tranquilos, escalas tocadas ao piano dos suplícios prendados, uma passagem por baixo do andor de Santa Clara para cortar o freio da língua, luta pelas cavacas do S. Gonçalvesinho, musicatas nos coretos — e pouco mais...

Salto o calendário e fustiga-me o rosto a saíbrada que o vento erguia, corro pela Mina, mergulho nas Pirâmides, pergunto pelo dicionário ao sapateiro da Fonte Nova (...) encaixilho num dos bancos do Jardim uma conversa entre Homem Cristo e Rocha e Cunha, tenho uma iterícia de ovos moles...

*Vamos crescendo, os dois, já sem laranjas roubadas na Rua do Gravito e sem aventuras nocturnas pelos arrabaldes — e descubro a beleza com que te despedes (te despes) do Sol, perco-me em versos pelos carreiros das marinhas, levo a pasta da namorada à Estação, invento um jornalzinho de estudantes, colaboro no crime nefando de manter (sob a pera de José Estêvão!) o anãozinho das sentinas... Aprendo a respeitar professores como João Joaquim Pires, José Pereira Tavares, Francisco de Assis Maia George Agostinho da Silva, António Salgado Júnior, guardo um profundo desprezo por outros, peço dez tostões à minha mãe para comprar **O Diabo**, lanço uma cervantina burricada pelo teu centro, compenso o José Estêvão ensinando-lhe (junto às grades da estátua) o canto em coro da **Internacional** — conspiro adolescentemente...*

*Que te aconteceu entretanto? Não dou fé disso. Estavas aí, talvez. Mas há tanto que ler e esgravatar, que só me lembro de te ter nos braços nos bailes dos Bombeiros (**Fahrenheit Adão & Eva**), de falar em lobos de Alsácia aos bigodes e à barretina de Homem Cristo, de colher nas palmas das mãos o frio de aço de uma das tuas tão singelas (mas tão típicas!) pontezinhas...*

E redescubro, olhando-o melhor, que eras uma vilazinha apenas, perdida nas brumas do passado... Como eu, cresces desajeitada e errabunda. Largas os calções, engravatas-te, ganhas borbulhas na cara, abres risca na cabeça, asphaltas as pantalonas, escanhoas o arvoredado até ao sangue, pões moderno onde devia ser antigo e antigo onde devia ser moderno, encastelas pornografia barata no forum administrativo, tiras o nome do teu génio tutelar do frontespício do Liceu, cintas os novos edifícios escolares de casarios que os abafam, coqueteias com um arquitecto francês a perda do teu carácter, ergues altos fornos nas costas da tua sentinela cívica... Deliras, ó púbere! (...)

*Passaram os tempos em que davas ovos moles e políticos. (Os ovos eram bons, hoje menos. Os políticos óptimos, mas deu neles a pílula). Deixaste de produzir Cartas Constitucionais, mas ainda promúlgas Cartas Comerciais de **week end** à John Bull, que barcos de guerra saúdam desflorando-te o porto. E, todavia, és pura ainda, ó Aveiro! Tens o sal, tens o sol, tens o céu encaixilhado nas marinhas — e o bacalhau, sem **shorts** nem nada, a bronzear-se nos tabuleiros... Serás cidade um dia, ó vila de outra! Entre les deux ton coeur balance indecisamente — e o meu com o teu... Mas o meu com cães e, o teu, indesvendado ainda, como sempre! Foste noiva, foste esposa e és viuva dum só Homem: o que filtra bronze num pedestal eterno... Dele te ficou o segredo de Juvêncio, cujas águas te remoçam transbordando em plenilúnio. Tens dilúvios aguazados, minha Querida, e arcas de Noé que trazem da Terra Nova os hirsutos precursores dos hippies de hoje... Com eles dormes e com eles refloresces, minha Incógnita! O bronze e a salmoira te protejam até à consumação dos séculos! Amen.*

AGUARELA

*Campos de Aveiro.
Manchas verdes de arroz,
E a vela dum barco moliceiro
Que um pirata ali pôs.*

*A servir de moldura,
O velho mar cansado;
E um céu alto e a ter fundura
Na quilha reluzente de um arado.*

bibRIA

Miguel Torga

Aveiro, 24 de Maio de 1958 — Gosto desta terra. Não por se parecer com outras lá de fora, com que se não parece, aliás, mas por ser a realidade portuguesa que é — uma originalíssima expressão urbana, ao mesmo tempo firme e movediça dentro do corpo da pátria, cais de embarque e terreiro de discussão, doce e salgada no sabor, e perpetuamente arejada por uma fresca brisa de maresia e revolta. Entra-se nela, e respira-se doutra maneira. O peito oprimido enche-se dum oxigénio imprevisto e generoso, ainda nativo, e já com todo o iodo tónico de largo. O iodo tónico da liberdade...

Miguel Torga

Quem, por uma calma e luminosa manhã de Agosto ou Setembro, deixar a cidade, seguindo a estrada da Barra, e, parando a meio caminho, pelas alturas do lago do Paraíso, circunvagando em torno a vista, terá a larga visão panorâmica duma das mais admiráveis e soberbas paisagens do nosso país.

Luís de Magalhães

Olhando retrospectivamente até aos meus tempos da gaiato, raros pontos de Aveiro, compreendidos no âmbito do meu circunscrito «mundo» explorado, me merecem tão íntima simpatia e me proporcionam tão vivazes e saudosas evocações como o Rossio... Lá me despertaram, novas e incitantes, as emulações, provei o trazo da derrota e o gosto de vencer, comecei a temperar no viver de relação o ânimo amornecido no mimado aconchego do ambiente familiar, cimenteí as primeiras amizades.

No Rossio travei as minhas batalhas de lídimo «cagaréu», ripostando à pedrada, por sobre o fosso do Canal Central, às provocações inocentes dos antagonistas «ceboleiros»; desarvorei em corrimaças desordenadas, repetidas até soltar pela boca ofegante os bofes exauridos, na guerra das «nações», na «bandeira» ou na «barra».

Para esse palco desatravancado, franco às traquinices do rapazio, ilha de liberdade nos domínios da burguesa compostura austeramente vigiada pela férula policial, transplantei com um grupo de camaradas constantes — já reduzido nestes cinco lustres com algumas baixas irremissíveis — as apaixonantes lutas de polícias e ladrões com que as emotivas fitas em séries estimulavam a nossa avidez de pelejas, algumas vezes menos incruentas do que as nossas intenções deixariam prever...

No Rossio, tirante o período da «Feira de Março», tão pródiga de encantos e atractivos, era, aliás, o campo de largas fronteiras, ao mesmo tempo isento de aperreações e ao alcance dos zelos paternais, onde se consentia libérrima independência aos impulsos espontâneos do irrequietismo dos filhos famílias. Era o parque infantil, sem limitações regulamentares além das aceites pelo mútuo consenso e a geral compreensão das conveniências da comunidade, numa época em que as crianças não haviam merecido aos adultos a instituição de recintos adequadamente apetrechados ao seu divertimento e exercício, mas elas mesmas, com o próprio engenho e inventiva, com inesgotável imaginação criadora, com o recurso das suas intactas potencialidades, supriam sobejamente a falta...

O Rossio que então conheci, e tão nítido revive na minha memória, pouco difere do actual, apenas mais limpo de ervas e cardos, mais regularizado, emoldurado num renque de palmeiras — sucessoras mais afortunadas de umas pobres árvores sem viço que sucessivas vereações e as «festas da árvore», tão injustamente esquecidas e lançadas no ridículo, não lograram fazer vingar — e mais liberto das travessuras do rapazio. Pouco mudou desde então...

Eduardo Cerqueira

Quem surriba chão de areia não encontra onde enterrar raízes de esperança e quem irriga duna virgem sabe que mija numa peneira! Quem lança a semente num ventre que é maninho não pode ter esperanças de fecundação. E por isso, o Gafanhão, antes de cultivar a lomba, teve de corrigir-lhe a esterilidade servindo-se da Ria que lhe passa à ilharga, procurando nela a nata com que amamentou a semente que deixou cair, amorosamente, naquele chão danado. E humanizou a duna...

A paisagem que nos cerca é macia e acetinada. Um não sei quê de aquarela almofada a retina de um sossego repousante e calmo e, por muito que se trepe no relevo do distrito até ao cume dos montes, avista-se sempre uma nesga de água de superfície serena e polida a refrescar o conjunto da paz e de lirismo...

A Ria estende-se em canais, em esteiros, em valas, em fiozinhos de água, dividindo-se e subdividindo-se até ao capilar, entrando pela terra dentro, recortando-a e irrigando-a de água salgada, ou, pelo menos, salobra, e que se vai adocicando à medida que foge do mar e se estende, por aí fora, a servir de espelho a uma lavoura anfíbia que lança a semente ao chão e penteia o fundo lodoso das cales, que surriba terra até sentir os pés encharcados e pesca pimpões nas valas intercalares nos fugidios momentos de lazer.

Os longes de água são emoldurados por um debrum delgadinho — topo de planície rasa povoada de casas alapadas — e tem-se a sugestão de que a terra se envergonha e se humilha perante a imensidade da laguna, esfumando-se e diluindo-se no horizonte de encontro ao perfil violeta dos montes das distâncias...

Em certas manhãs, doiradas pelo sol nascente, a Ria parece toda um espelho onde, apenas, um trémulo de evaporação — ténue e vibrátil — põe um vestígio de movimento ritmado.

E, então, os malhadaís, os montes de sal, os palheiros exíguos e pintados de zarcão, duplicam-se invertidos, nas águas quietas onde, de vez em quando, uma gaivota, maleabilíssima e ágil, raspa uma tangente quase imperceptível.

As pálpebras cerram-se sobre a pupila magoada por esta duplicação da luz que se remira no espelho da água e, no silêncio inundado de sol, o chap chap de uns remos, ou o golpe da ponta de uma vara que empurram o barco que desliza, põem uma nota fugidia de onomatopeia...

O moliceiro! Deixemos-lhe lá a origem para os catadores de raízes; entreguemos-lhe a árvore genealógica aos pesquisadores de impossíveis e fixemos os olhos no seu perfil de agora, presente sobre o alçado da nossa visão, a bolinar quase contra o vento, todo impertigado na sua proa policromada de ornatos e figurinhas polvilhadas de ironia e de malícia, a ilustrar textos ingénuos salpicados de harmoniosos erros de ortografia.

Deslizam na água, vaidosos e vibrantes, com os ancinhos descomunais a arrastar, com a borda rasando o lume de água, sob o peso do moliço de um verde fresco e intenso, a vela a panear tocada pela aragem levezinha, quando viram de rumo para novo bordo.

Homens da terra a pentear o leito da laguna para fertilizar as dunas — vidro moído ainda há poucos anos estéril, ainda há poucos anos maninha — terra que parecia gafada, a terra da Gafanha!

Os gabões de Aveiro, uso perdido — apesar de uma, mais ou menos vã, ainda que louvável, tentativa de ressurgimento — relegaram-se à evocação da passada indumentária característica.

Tão ao sabor de Aveiro como as embarcações da Ria, haviam irradiado como agasalho e vestimenta, ou envoltório para disfarce ou ocultação providente de divagações furtivas, maus passos, ou aventuras que exigiam capas não translúcidas. Em certas circunstâncias de sigilo conveniente às boas reputações, cada um, com o gabão, se poderia furtar a olhares indiscretos e a línguas malévolas, badaladoras da novidadezinha comprometedora.

Eça de Queirós — esse imorredouro «pobre homem da Póvoa do Varzim» que, no fundo e até final, ficaria um «filho de Aveiro, quase peixe da Ria» — lembra-os nesta função acobertadora de passos a que não convém as testemunhas mais ou menos incontinentes e linguareiras. E, também, no seu espesso pano de surrobeco, ou mais graduada fazenda, as reminiscências da meninice, passada em Verde-milho ou na cidade, a dois passos da igreja paroquial de Nossa Senhora da Apresentação, na mais específica função agasalhadora.

Já algures aponteí nestes precisos termos, mencionando as referências do grande escritor a Aveiro: ...«o gabão, agasalho então em voga por todo o país, dentro do qual se encolhia o «famoso Craveiro» enquanto congeminava a «Morte de Satanaz» e que o próprio Carlos da Maia, elegante e rico, não desdenhava de encafuar nas suas visitas à «Toca», para mais fácil dissimulação».

Na quadra dos «Ramos», nas noites gaudiosas, aparece ainda hoje, em esporádicas exumações — que o costume exige-o, como à opa da manhã.

Com efeito, no início do ano, como na derradeira semana do precedente, a cerimónia festiva do calendário tradicional subsiste ainda — e cremos que por longos anos ainda — na «Entrega dos Ramos».

Eduardo Cerqueira

... O homem da faixa marítima onde nasci, que ama a Deus porque ama as procissões, requintadamente artísticas, com uma ordem e disciplina admiráveis, sem balandraus de paninhos nem chimpanzés como as de quase todos os outros pontos do país — onde ele ostenta as suas luvas, o seu calção e meia, o seu sapato de entrada baixa, a sua opa de seda, o seu donaire, a sua elegância, a sua nativa distinção, fidalgo de nascença ...

... Quem viu uma procissão em Aveiro não viu decência maior em parte nenhuma.

Aqueles homens da beira-mar andavam ontem na sua faina, nas companhas de S. Jacinto ou da Costa-Nova-do-Prado, dentro dos grandes barcos de proa esguia, a remar, a deitar as redes, ou, à pancada de água, a dirigir as manobras do saco; de ceroulas arregaçadas, de peito ao léu, cheio de escamas, gritando a todo o pulmão. E hoje, ali vão eles, irrepreensivelmente bem postos, de fato preto, de calção a luzir, de gravata branca e de luvas brancas, de opa de seda com cordão de borlas de ouro!

Quem há como a sra. Marquinhos Carvalho para compor um anjinho?! Aquelas cabeças encaracoladas, aureoladas e floridas, são na realidade as cabeças dos serafins que Murillo fazia brotar das nuvens que emolduravam as suas Virgens; aquele ouro, distribuído com sobriedade e com arte, está infinitamente longe de ser, como noutras partes, a exposição ambulante de algum ourives de feira; e os sapatinhos de setim branco amoldam-se tão perfeitamente ao formato dos pequeninos pés que os calçam, que por um lado não fazem a menor ruga, e por outro não estorvam o menor movimento, a menor contracção.

Os andores, a maior parte das vezes, são verdadeiros encantos de ornato: nem uma coisa a mais, nem uma coisa a menos; e cada coisa no seu lugar próprio!

Os pendões bordados e as cruzes de prata, a sequência grave das irmandades, o brilho das vestes litúrgicas, a custódia debaixo do pálio, a «música-nova» ou a «música-velha» a bulir-nos na alma, o nosso esplêndido povo pelas janelas e pelas ruas, tudo se apresenta tão bem, que digam-me se eu não tenho razão em repetir o que escrevi ao princípio: quem viu uma procissão em Aveiro não viu decência maior em parte nenhuma.

Homem Cristo

Aveiro, que sítio esquisito... Passei lá há séculos a caminho do Porto, queriam à força que eu visitasse o Vouga: uma cidadezinha vulgar, horrorosa, a cheirar a peixe e a podre.

À tarde passeámos em silêncio por Aveiro, e das ruas, das casas, das pracetas, desprendia-se um aroma húmido e morno, um bafo animal de coisa viva que o frio de Fevereiro assassinava...

la anoitecendo em Aveiro, alguns anúncios de lojas piscavam já, dentro em breve as feiras dos candieiros da rua acender-se-iam bairro por bairro, hesitantes de início, reduzidos aos filamentos das lâmpadas, ganhando força depois, inchadas com acne de luz, suspensas dos seus pontos de interrogação de metal, e o Vouga sumir-se-ia nas trevas como um gigantesco pântano submerso.

.....ancorei no lodo e na lama de Aveiro como os botes sem préstimo, reduzidos ao esqueleto das travessas, comidos pelos mexilhões e pelas lulas.

... à medida que a manhã se dilatava e crescia sentia-se como se circulasse numa luminosidade de sotão, num ovo de vidro, numa espécie de cristal de pus que modificava os sons, reagrupava as árvores numa ordem diferente, dividia o vento e trazia consigo o odor rombo da ria, semelhante ao cheiro podre de um cadáver.

...as gaivotas gritavam estridentes, nas paredes do meu crânio, os eucaliptos oscilavam, a primeira revoada de pardais soltou-se em desordem do pomar na direcção da mata...

Conseguí distinguir... os contornos da cidade do outro lado da ria, que se apequenavam devagar até se sumirem por completo no nevoeiro descolorido da manhã.

bibRIA

ANTÓNIO LOBO ANTUNES

Formoso é o aspecto de Aveiro que, sentada num extenso tapete de verdura, sob o azul dum céu puríssimo, vê deslizar a seus pés as plácidas águas da ria... esse lago em que se unem em fraternal abraço as águas do Oceano com as do Vouga.

Marques Gomes

Aveiro é uma cidadezinha linda, cantante, arejada, que dasabrocha como uma fresca flor aquática, como um enorme nenúfar branco...

Terra de encanto! Paisagem de maravilha! Nunca os nossos olhos extasiados se fartam de contemplar o formoso país que cinge a cidadezinha clara!...

Domingos Guimarães

Ninguém vem a Aveiro que não fique seduzido, e noutro país esta região seria um lugar de vilegiatura privilegiado. É um sítio para contemplativos e poetas: qualquer fio de água lhes chega e os encanta.

As névoas têm na ria uma vida extraordinária: cada gota possui uma alma distinta e irisa-se como uma bola de sabão.

A ria é mágica e possui uma luz própria que a veste...

bibRIA

Raul Brandão

Quem recebia o ramo à porta, descia à entrada da casa, no melhor traje, a acolher o hóspede bendito. No patamar punham-se almofadas, quanto mais ricas melhor, e sobre elas ajoelhavam o irmão que recebia o ramo e o que o entregava.

O que o entregava beijava-o antes de o deixar, e quem o recebia, beijava-o por sua vez, ao tomá-lo nas mãos, e imediatamente o passava à mulher mais graduada da família. (...) que ali estava já (...) para desse modo confessar a sua fé enternecida e prestar culto e reconhecimento às honras que partilhava. Depois, os dois parceiros erguiam-se e abraçavam-se, e os irmãos que vinham no cortejo apressavam-se, um por um, a abraçar o neófito.

Na igreja ou nas capelas o ritual da entrega era o mesmo. (E aqui interromperei, para observar que ainda é). E sempre, enquanto a entrega se consumava, se ouviam as músicas e os foguetes, e muitas lágrimas de comoção se derramavam. Era a visita do Senhor!... A ela se associavam os estranhos amigos dos «irmãos», concorrendo para a realçar com grande número de foguetes. Se se tratava de pessoa de muitas relações e estimada, os foguetes, no momento da entrega, eram um chuveiro atoador.

Receber o ramo era uma consagração, um título de dignidade, cobiçado dos humildes e apreciado pelos mais subidos — para os humildes a honra suprema da sua vida, à qual não raro sacrificavam o melhor dos seus haveres.

Jaime Magalhães Lima

CALDEIRADA...

« — Disseram-me e eu creio ser verdade
Que tens um jeito para a caldeirada
Como ninguém e, como novidade,
Quero provar esse manjar de fada...»

« Vamos. No rio há pouco vento agora.
Eu levo o meu rapaz, e no moliço
Bota-se a rede e é só puxar p'ra fora.
Qu'ê pescaria que já dá p'ra isso.

« Salte p'ra terra. Anda rapaz! T'aquenha!
E agora é só puxar. Vamos depressa.
Traze a marmita, a bilha d'água, a lenha,
Essa pimenta e o sal que não te esqueça.

« Acende o lume enquanto amanho o peixe.
Cruze o senhor as varas... Nessa cruz
Pendure essa marmita. Agora deixe...
Há-de fazer-se um jantarão de truz...

« Ria-se, ria. Há-de lamber-lhe os dedos,
Há-de chorar por mais e não rirá...

« — Mas dize lá: como se faz...»

« Segredos!...

Muitos segredos qu'isso tem, verá...

« Chegamos. Eh! rapaz de mil diabos
Tu lança a rede. Eu desenrolo-a e marco.
Bonda, Manuel, aí. Agarra os cabos. ..
Lance o senhor a vara e empurre o barco...

« — Ricas enguias! Que taíinha boa!
Linda manhã com este sol de Maio!
« Eh! Manuel andas c'a tola à toa!
Olh'esse barco qu'anda à rola, raio. ..

« É só temp'rá-la bem. Não ficam mal
Migas de pão. É bom?»

— « Eu nem te conto!

Nunca, na vida, comi cousa igual!
Mais outra malga, meu Francisco...»

« — Pronto.»

Vidal Oudinot

IV

*Nesta terra de artística olaria,
dos vidros, porcelanas e faianças,
do marisco fresquinho e da enguia
das barriquinhas de ovos, — lembranças
a dar com simpatia...*

*Nesta terra dos olhos cor de ria...
Nesta terra cheirosa a feno e maresia...
Nesta terra pragmática, diversa,
de velhos capitães e armadores,
onde se bebe e fuma e se conversa
de alguém, de alguém, de além e de ninguém...
— quero pedir aos que andam pelo mar,
tantos dias e noites, tantos anos,
por incertos caminhos de vaivém:
— não mateis golfinhos, Pescadores!
Para que sejam como nós, humanos,
só lhes falta a nossa voz, — falar!*

*Nesta terra de lugres e de arrais
que vão à Gronelândia, à Terra Nova,
alguns não voltam mais...*

*Às vezes, moços a sonhar estrelas,
ouvindo o vento a clamar nas velas
ou o motor, já rouco, contra a rude prova...
— ... não tornarão jamais!...*

*No seu desejo fundo
se funde o ganho,
a aventura,
o conhecer...
Nada os segura.
Nada os faz temer.
Num calhambeque dão a volta ao Mundo!*

*Oh, pobre ser, em plena imensidão!
Não há pastor mais solitário!
O teu rebanho de onda é menor
que a tua própria solidão!...*

*Tal solidão e as lágrimas de dor
não registaste nunca em teu «Diário»...*

*Há só desolação, silêncio e luto,
por esse mar sem fim, mar absoluto!*

*Poderás não trazer no teu pensar
o que tens a correr-te pelas veias...
Sentes no sangue um agitado mar,
um ignorado canto de sereias,
que te sustentam nessa dura gesta;
mas só na hora de voltar
teu coração delira e pula, em festa.*

AVEIRO

*Oh! Cidade lendária, és um poema
Que outrora andou nos lábios das tricanas!
Faz parte do meu ser, é o meu tema,
Cantar as tuas glórias lusitanas.*

bibRIA

*És um jardim em flor, lindo cantinho
Onde os canais se cruzam com beleza;
Onde o Vouga desliza de mansinho,
Fazendo lembrar outra Veneza!*

*Em Maio ou mês d'Abril, és o encanto
Das almas que extasiam, deslumbradas!
É sempre verde a cor desse teu manto,
Guarnecido com rosas matizadas.*

*Princesinha do Vouga, és em verdade
Buliçosa, ordeira, progressiva;
Veneza lusitana, és a cidade
Que prende o forasteiro e o cativa!*

Silva Peixe

Sobre a espalda dos seus três outeiros, voltada para as bandas do sul, desdobra-se aos pés da vila esse lindo Vale de Águeda, sempre verde, através do qual, beijando-lhe as rendas finas dos salgueiros e dos álamos graciosos, o rio passa esperto e gárrulo, de águas claras, até ir casar-se lá abaixo com as águas do Vouga, aí por alturas de Almeir. — Só por si, o rio Águeda, o Vouga, o Cértima, cada qual com a feição típica da gente que lhes mora à beira e das culturas variadas que o terrão bendito das suas arribas oferece, fazem meia lindeza dum painel. Larguem-lhes, ao correr da água, a vela branca dum barco; pautem-lhes nas almargens húmidas o xadrez brunido duma lavrada; armem-lhes a presa duma nora ou assentem-lhes nos cambalhões o velho esqueleto dum estanca-rio ou duma cegonha esguia; — e logo fica talhado o fundo artístico duma tela. Como que debruçadas sobre o Vale de Águeda, a escutarem talvez os descantes das lavradeiras, das mondadeiras, das sachadeiras, todas as povoações ribeirinhas por ali se aquedam então, no cume e nas encostas dos outeiros.

E isto, notem bem, é só ali, à mão de semear, como o outro diz. Que, se uma pessoa quiser ver o que é lindo a valer, dê-se então ao doce regalo de passear ao longo de todo esse concelho. — Logo lhe aparece, quase perdido do mundo, aquele trechozinho de paisagem romântica, que se chama o Souto do Rio; aqueles varridos e desafogados planaltos de Castanheira do Vouga e de Macieira de Alcoba, lá para as bandas do Caramulo; aquele magestoso rincão do Alfusqueiro, com a sua ponte de mistério que foi obra do demónio; aquele painel suíço da Pateira de Fermentelos, pintalgada de ínsuas verdes, que até parece toda ela um desenho à pena, com as velas gregas a emergirem das águas; aquela histórica cavada do Marnel do Vouga, com o seu farrapo de história, manchado de sangue ainda, a secar ao sol, pelos galhos das árvores chamuscadas de pólvora miguelista; aquela recolhida cerca de Serém, com a sombra dos seus frades em penitência eterna; todos esses pinhais das gândaras, as encostas vestidas de carvalheiras, pomares opulentos, fartos vinhedos... Que sei eu?

E então, as aldeias de Águeda, com os seus ramalhudos parreirais em dossel sobre as vielas, os soutos sombrios, os adros alegres ao agasalho das grandes árvores centenárias, os eirados varridos de bons ares onde se trabalha e onde se canta a toda a hora, os caminhos velhos que levam até ao coração dos campos e dos montes... que lindos retalhos de painel se não perdem por aí, ao desbarato, sem que Portugal os veja! Aldeias montezinhas e aldeias ribeirinhas, umas no cimo rude dos montes, abraçadas por espessos pinhais, outras à beira dos rios, adormecidas à sombra fresca dos álamos... E, depois, tudo humilde, tudo singelo, tudo à lei de natureza nos costumes e na tradição, sem a sombra dum castelo velho que fale à gente de guerras ou de orgulhosas suzeranias de senhorios históricos — tudo, assim, em casas modestas, à flor da própria terra, com o curral das vacas e o alpendre das ovelhas ali mesmo à porta da rua, sem outro enfeite que não seja um canteiro de manjeriões ou de cravos a dizer a quem passa que mora ali, debaixo daquelas telhas, a alma resignada e simples duma família de gente boa... Se essa aldeia se dependura das espaldas negras do Caramulo, batidas do suão, aí temos nós, a dar alma ao painel, a serraninha que vai passando, embiocada na sua capucha de serguilha, toda a rever-se no seu avental de riscadinho azul, bordado a trancinha e a roca do fiado sempre à cintura; e o fuso, fia que fia, a trabalhar no burel da sua saia ou na estopa da sua camisa... São mulheres de Agadão, de Belazaima, de Castanheira do Vouga, de Macieira de Alcoba. — Mas, se a aldeia dorme tranquila, a meio das planícies verdes e fartas, então eis que a camponesa ribeirinha aparece por ali, de aguilhada ao ombro, a guiar os bois da sua lavoura, de cantiga alegre a voar-lhe sempre da garganta, olhos contentes, a andar com toda a graça esperta de quem dança que até parece que veio agora mesmo da folia dum arraial.

bibRIA

CATÁLOGO

bibRIA

bibRIA

Abel Salazar

1 Aldeã de Verdemilho

E 30x22x23

s/ data

Col.Dr. D. Cristo

Abel de Lima Salazar — Nasceu em Guimarães em 1889 e morreu em Lisboa em 1946. Professor de Histologia da Faculdade de Medicina do Porto. Escreveu obras da sua especialidade, de filosofia e de estética. Dedicou-se com entusiasmo à pintura, à gravura, sobretudo água forte e relevos metálicos. Pintou de preferência temas urbanos e rurais envolvendo trabalhadores labutando nos seus ofícios, aos quais imprimiu forte dramatismo, e de crítica social. É considerado um precursor do Movimento Neorealista português. As águas-fortes, repetindo as características da sua pintura, têm por vezes, uma maior acuidade expressiva. Exposições individuais: Lisboa (1938); Porto (1938); (1940 — Retrospectiva); (1947 — Póstuma); (1972 — Retrospectiva). Exposições colectivas: SNBA (1946); Lisboa (1940); Porto (1916 e 1944) Coimbra (1935); Porto (1935); Fundação Gulbenkian (Lisboa). Representado nos museus Soares dos Reis, Calouste Gulbenkian, Amarante, Avanca, Bragança, Caldas da Rainha, Rinha, Vila Nova de Gaia e Viseu. A sua antiga residência em S. Mamede de Infesta é um Museu Permanente da sua obra.

C.T.



N.º 2 Ao Longe Pinhão

Abílio da Costa Miranda

2	Ao Longe Pinhão — O. Azeméis	P	81x87	1982
3	Sossego — Ria Ovar	P	65x79	1982
4	Escadaria de La-Salette	P	86x70	1982

Abílio da Costa Miranda Guimarães — Nasceu em Oliveira de Azeméis em 1944. Curso de Pintura da Escola de Artes Decorativas Soares dos Reis. Professor de trabalhos manuais do Ciclo Preparatório. Expôs pela primeira vez na Galeria de "O Primeiro de Janeiro", no Porto. Expôs individualmente nos seguintes locais: Oliveira de Azeméis (1980); Ateneu Comercial do Porto (1981); Galeria de "O Primeiro de Janeiro" (1982); Oliveira de Azeméis (1982). Representado nas colecções da Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis.



N.º 5 Salineira de Aveiro

Afonso Henrique

5	Salineira da Beira-Mar — Aveiro	C 40x10	1982	Col. do autor
6	Serrana — Arouca	C 40x10	1982	Col. do autor
7	Bairradina — Águeda	C 40x10	1982	Col. do autor
8	Regateira do Furadouro — Ovar	C 40x10	1982	Col. do autor
9	Mercantel — Ílhavo	C 40x10	1982	Col. do autor

Afonso Henrique. Nasceu em Ermesinde (Porto) em 1948. Frequentou a Escola de Artes Decorativas Soares dos Reis, completando o Curso de Pintura e Escultura. Diplomado com o Curso de Escultura da Escola de Belas Artes do Porto. Faz parte do movimento artístico AVEIRO/ARTE. Foi responsável pela criação dos Cursos Livres de Belas Artes — Pintura e Cerâmica — no Conservatório Regional de Aveiro, orientando-os de 1973 a 1977. É professor de Educação Visual em Aveiro. Tem levado a efeito exposições individuais e participado em muitas exposições colectivas. Está representado em vários museus nacionais e estrangeiros e muitas colecções particulares.

C.T.



N.º 12 Cinzas

Alberto de Sousa bibRIA

10	Mulheres	P	53x37	1937	Museu de Aveiro
11	S. Cristóvão	P	53x37	1937	Museu de Aveiro
12	Cinzas	P	37x53	1938	Museu de Aveiro

Alberto Augusto de Sousa — Nasceu em 1880 em Lisboa e ali morreu em 1962. Frequentou por período curto a ESBA (1893) e várias escolas industriais, tomando lições de modelo vivo no Grémio Artístico e na SNBA. Desenvolveu grande actividade como ilustrador deixando uma vastíssima obra. Aquarelista sensível aos valores paisagísticos e aos trechos de arquitectura, metucioso e animado nas cenas populares de género, Alberto de Sousa foi um dos melhores e mais conhecidos artistas da segunda geração do naturalismo português. Expôs colectivamente e individualmente em muitas cidades do país. Expôs também individualmente em Madrid (1911, 1912 e 1947) e colectivamente em Madrid (1947), Barcelona (1929), Haia (1930), Londres (1932) e Paris (1931 e 1934). Prémios: Roque Gameiro (1948); SNBA — Medalha de Honra (1934); Londres — 1.º Prémio (1932); Paris — Medalha de Honra (1931). Representado nos museus: Nacional de Arte Contemporânea, Aveiro (onde tem uma vastíssima obra), Bragança, Caldas da Rainha, Castelo Branco, Coimbra, Elvas, Santarém, Setúbal, Vila Franca de Xira e Viseu e também nos museus estrangeiros de Grenoble, Londres e Paris.

C.T.

bibRIA

Alípio Brandão

13 Casa do Prior de Pinheiro
da Bemposta

P 45x62

1938

Museu de Aveiro

Alípio Brandão — Nasceu em S. Tiago de Riba-Ul — Oliveira de Azeméis em 1902. Entalhador, escultor e pintor. Iniciou a sua carreira de entalhador na Oficina de A. da Silva Tavares, em Lações, aldeia da sua terra natal. No Porto, frequentou ateliés dos artistas Artur Loureiro e J. de Brito e teve aulas de desenho na Escola Faria Guimaraes. Abriu oficinas suas, no Porto e em Coimbra, onde produziu pequenas figuras em tainha de apurada técnica e grande vigor. Expôs na SNBA (1932), Ateneu Comercial do Porto (1933); Salão Silva Porto — Porto (1934), Coimbra (1934), Figueira da Foz (1934), Coimbra (1935) e Aveiro. Representado em muitas colecções particulares.

J.S.



Anselmo Dias Brandão

N.º 14 Busto de Ferreira de Castro

14 Busto de Ferreira de Castro E 66x60x30 s/ data Col. do autor

Anselmo Dias Brandão — Nasceu em 1926 no Lugar do Outeiro — S. Tiago de Riba-Ul Oliveira de Azeméis. Iniciou a sua actividade artística na oficina de seu pai — o escultor, entalhador e pintor Alípio Brandão. Por incapacidade física deste, deu acabamento a muitas obras que o mesmo não pôde terminar. Frequentou aulas de desenho na SNBA. Tem desenvolvido uma actividade notável ao longo da sua vida artística, decorando edifícios e Instituições várias, de que se destacam: Monumento ao Papa Pio XII (Nova Lisboa); Paineis de Nun'Álvares (Direcção da Arma de Infantaria — Lisboa); Cristo em talha — Museu do Prado (Madrid — Espanha); Retábulos em Talha (Teatro da Ópera de Viena de Áustria). Expôs colectivamente em Oliveira de Azeméis. Está representado em inúmeras colecções particulares do país e do estrangeiro.

C.T.

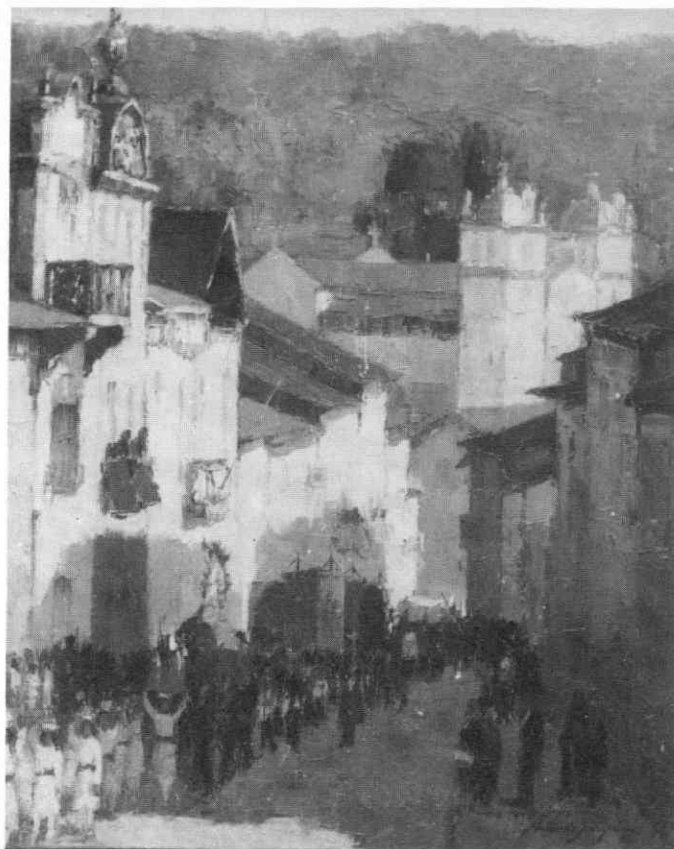
bibRIA

António Graça

15 Retrato de Homem Cristo E 28x20 1974 Col. Dr. D. Cristo

António da Naia Graça — Nasceu em Aveiro em 1909. Escultor. Na Escola Industrial Fernando Caldeira foi aluno de Silva Rocha (desenho) e Romão Júnior (modelação). Autor de algumas dezenas de trabalhos, na sua maioria de índole decorativa e talhados ou esculpido na chamada pedra de Ançã. Uma certa feição “naif” caracterizará a produção artística de António Graça, iniciada logo na juventude. Citam-se algumas das suas obras: João Lavado, Padre Manuel Fernandes, José Estêvão, Homem Cristo, S. António e S. Gonçalo (todos em baixo relevo); S. Pedro (busto); Rómulo e Remo (grupo escultórico). Representado em colecções particulares.

J.S.



António Joaquim

N.º 16 Procissão das Fogaceiras — Vila da Feira

bibRIA

16	Procissão das Fogaceiras (Vila da Feira)	P	81x60	1980	Câmara de V. da Feira
17	Panorâmica da Vila da Feira	P	73x54	1981	Col. Eng.º J. Rocha
18	Espicheiro	P	50x65	1982	Col. do autor

António Joaquim Ferreira — Nasceu em Travanca (Feira). Pintor a óleo e aquarelista. Foi seleccionado pelo pintor, escritor e crítico de arte catalão Joan Joseph Tharrats para a edição em vários idiomas, de um volume já lançado em Espanha e em diversos países "CENT ANYS DE PINTURA A CADAQUES", onde figuram grandes nomes da pintura mundial como Picasso, Dalí, Miró, Marcel Duchamp, Ortiz Alfau, etc. Homenageado na Casa Museu Teixeira Lopes pela Associação Cultural "Amigos de Gaia" e pela Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia. Prémio "Tema Obrigatório" no Salão do Outono do Casino do Estoril (1980); Prémio Especial no Salão de Outono do Casino do Estoril (1981); Medalha de Mérito da Câmara Municipal da Feira. Representado no Museu Nacional Soares dos Reis, de Cadaqués (Espanha), de Aveiro, de Ovar, no Ministério do Trabalho, nos Governos Cívicos do Porto e Aveiro e em diversas Câmaras Municipais do país.

bibRIA

A. Nunes Pereira

18 A Rua do Seixal P 33x23 1967 Col. Dr. D. Cristo

Augusto Nunes Pereira — Nasceu na freguesia de Fajão, em 1906. Artista multifacetado que cultiva o desenho à pena, o vitral e a talha tem dedicado particular atenção à xilogravura e, mais recentemente, à pintura a aguarela e à escultura, utilizando como matéria prima, calhaus rolados. Integra o grupo de docência informal denominado Grupo Abóbada Romântica e é o actual presidente do Movimento Artístico de Coimbra (MAC). Das numerosas exposições individuais e colectivas referem-se as duas últimas que realizou a título individual: S. Paulo — Brasil (1979); SNBA — Lisboa (1980). Representado em numerosos museus, galerias e colecções particulares.

E.S.



N.º 20 Pescador

Arlindo Vicente

bibRIA

- 19 Apontamento para um Retrato
do Dr. Frederico de Moura
20 Pescador

D 58x49
D 52x44

1938
1963

Col. Dr F. Moura
Col. Dr. A. Casimiro

Arlindo Augusto Pires Vicente — Nasceu no Troviscal (Aveiro) em 1906. Formou-se em Direito em Coimbra; advogado. Dedicou-se ao desenho e à pintura desde o final dos anos 20 (Revista "Pena, Lápis e Veneno", Coimbra, 1926 e "Retrato de Abranches Ferrão", 1928). Autodidacta, expôs ocasionalmente e colaborou em jornais e revistas ("Presença", "Acção", etc) com desenhos de temas sociais polémicos, dentro do expressionismo lírico, que o aparenta, por vezes, a Mário Eloy e a Júlio. Foi membro do grupo Aveiro/Arte. Exposições individuais: Lisboa (1970). Exposições colectivas: SNBA (1946 e 1970); Lisboa (1974); Porto (1972); Aveiro (1971, 1972 e 1973); Coimbra (1927, 1949); Vila Franca de Xira (1954) e ainda no I Salão dos Independentes de Lisboa (1930). Representado no Museu de Aveiro e da Fundação Gulbenkian, em Lisboa.

CT

bibRIA

Armando de Andrade

21	Fresquinhas de Ovar	C	27x13x9	1930	Col. J. Sarabando
22	Dr. Mário Sacramento	E	14x14	1973	Col. J. Sarabando

Armando Luis Andrade — Nasceu em S. Vicente de Pereira—Ovar, em 1908. Escultor, pintor e aguarelista. Frequentou a Escola Industrial Fernando Caldeira tendo como mestres Silva Rocha (Desenho) e Romão Júnior (Modelação). Ingressou ainda muito jovem na Fábrica da Vista Alegre, posteriormente integrado na Secção de escultura, tendo como professor Cândido da Silva. Aos 18 anos era chefe daquela secção. Por solicitações diversas percorreu várias fábricas do país — Sacavém, Carvalhinho, Soares dos Reis, Lusitânia (Porto), Artibus, Alcobaça, Aradas—Aveiro. Centenas, se não milhares de peças de inegável delicadeza, graciosidade e harmoniosas linhas saíram-lhe das mãos ao longo de dilatado meio século, como operário-artista num bom punhado de fábricas. Tomou parte nas exposições individuais: Teatro Aveirense (1961); Galeria Convés — Aveiro (1973); Museu de Ovar (1973). Tomou também parte nas exposições: SNBA (1944); Salão do Estoril (1944 e 1946); 2.º Salão de Artes Plásticas—Ovar (1959). Representado no Museu de Ovar e Figueira da Foz.

J.S.

Armando Regala

bibRIA

22 A	Pescador da Murtosa	C	30x7	1982	Col. do autor
22 B	Fogueteiro	C	34x13	1982	Col. do autor
22 C	Marnoto	C	33x11	1982	Col. do autor
22 D	Moço Salineiro	C	40x12	1982	Col. do autor

Armando Emílio Coelho Regala — Nasceu em Aveiro em 1943. Curso Geral do Comércio na Escola Industrial e Comercial de Aveiro. Autodidacta, desde muito novo que tem modelado figuras de barro vermelho dentro da linha barroística local fazendo, também, painéis de carácter artesanal .

Representado em muitas colecções particulares.

E.S.

bibRIA Artur Fino

23 Moliceiro

Técnica mista

80x50

1983

Col. do autor

Artur da Fonseca Fino — Nasceu em Aveiro em 1933. Autodidacta Experimentalista. 15 anos de trabalho no Teatro de Amadores. Colaboração escrita e diversificada e dispersa. Membro fundador de Aveiro-Arte. Viagens de estudo: Suécia, Dinamarca, Alemanha Federal, RDA, Áustria, Suíça, Holanda, Bélgica, Espanha, Inglaterra, França, Itália e Roménia. Uma exposição na Galeria "A Grade"—Aveiro. Tomou parte em inúmeras exposições colectivas. Representado em muitas colecções particulares.

C.T.



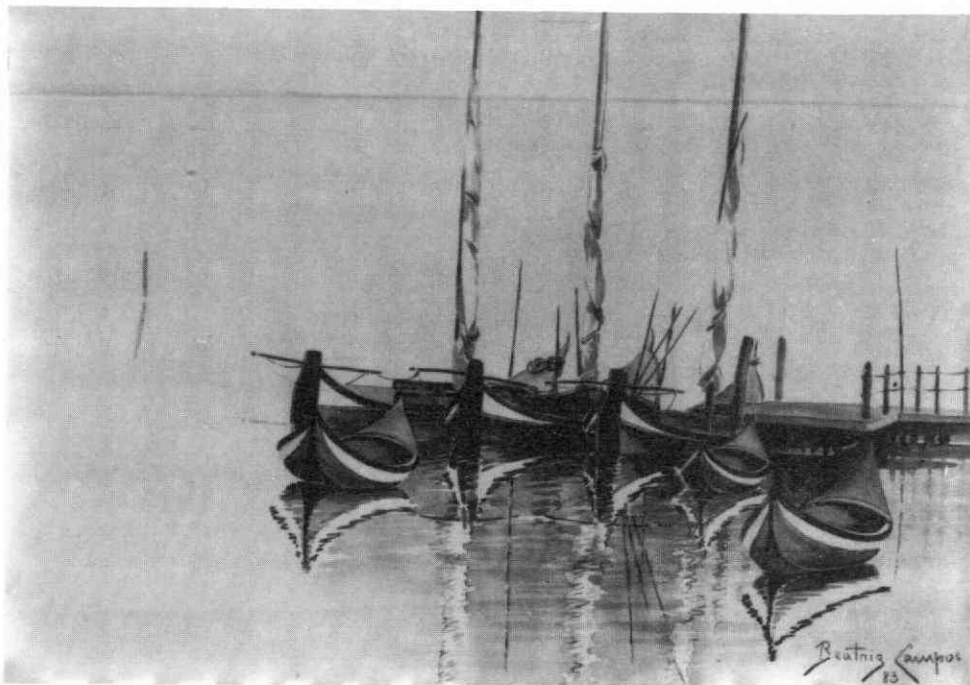
Avelino Rocha

N.º 24 Sem título I

24	Sem Título I	P 73x92	1983
25	Sem Título II	P 73x92	1983
25 A	Sem título III	P 73x92	1983

Avelino Rocha — Nasceu no Porto em 1940. Curso Geral e Complementar da ESBAP. Expôs individualmente em Luanda, Porto, Lisboa, Braga e Amarante. Participou em diversas exposições colectivas, entre as quais se referem: I Exposição Nacional de Arte (1966); 14 Artistas do Porto — Gal. Divulgação (1967); V Salão de Arte Moderna da JTCS — Estoril (1967); 2 E 3 P em Espinho (1968); I Salão de Jovens da Figueira da Foz (1968); Exposição de homenagem a Sousa Cardoso (1969); 1.ª Bienal Nacional de Artistas novos — Vila Nova de Famalicão (1972); Exposição de Pintura e Escultura — Galeria Abel Salazar (1973); VII Salão de Arte Moderna — Luanda (1973); "Os Pintores estão com as Crianças" — Galeria do JN — Porto (1974); "Levantamento de Arte do Século XX no Porto" — Museu Soares dos Reis (1975); 1.ª Exposição Colectiva da Cooperativa Árvore — Porto (1980); II Bienal Internacional de V.N. de Cerveira (1980); Porto/Apontamentos — Iniciativa do "Expresso" (1981); Ex-Alunos da ESBAP — Bicentenário da Escola (1981); "Artistas de Oporto em Sevilha — Espanha (1982). 1.ºs Prémios de Desenho na Exposição de Artes Plásticas — Coimbra (1961) e 1.º Salão de Jovens da Figueira da Foz (1968).

C.T.



N.º 28 Em descanso — Ria de Ovar

bibRIA Beatriz Campos

- | | | | | |
|----|---------------------------------|---|-------|------|
| 26 | Barco do Mar (Furadouro — Ovar) | P | 97x75 | 1979 |
| 27 | Moliceiros na Ria | P | 97x75 | 1982 |
| 28 | Em descanso — Ria de Ovar | P | 97x75 | 1983 |

Beatriz dos Santos Campos Coentro de Pinho — Nasceu em Ovar em 1915. Tem desenvolvido uma intensa actividade artística desde 1939, nas modalidades de pintura, desenho e cerâmica. Realizou muitas exposições individuais, como: Casino da Figueira da Foz (1949); SNBA — Lisboa (1947, 1958 e 1965); Museu de Ovar (1965 e 1976); Salão de "O Primeiro de Janeiro" — Porto (1975, 1977 e 1979); Galeria Capitel — Leiria (1978); Elizabeth — New Jersey — EUA (1981). Tomou parte também em muitas exposições colectivas, de que se destacam: SNI — 1.º Salão de Cerâmica (1947); Casino do Estoril — 6.º, 7.º, 10.º, 13.º e 14.º Salão. SNBA — Lisboa — Salão de Inverno (1939, 1940, 1941, 1942, 1943, 1949, 1954, 1957 e 1958). SNBA — Salão da Primavera (1945, 1946 e 1948). Recebeu os seguintes prémios: SNBA — 2.ª e 3.ª Medalhas e Menção Honrosa. Casino do Estoril — Medalha de Prata. Representada na Colecção Snydan Culting — New York, Museus da Figueira da Foz, Ovar, Vila Real de Santo António — CM de Lisboa, CM de Ovar e também em diversas colecções particulares de Portugal, Brasil, Inglaterra, Suécia, Espanha, França e EUA.

C.T.

Cândida do Rosário

bibRIA

31 Vela

Tapeçaria

120x280

1983

Col. do autor

Cândida do Rosário — Nasceu em Aveiro em 1944. Cursos de Comunicação Visual e Design. Colaboração técnica e artística no Teatro de Amadores. Membro fundador de Aveiro-Arte. Viagens de estudo: Espanha, França, Itália, Alemanha, Suíça, Inglaterra, Áustria, RDA, Bélgica, Holanda e Roménia. Alguns prémios de design industrial. Representada em diversas colecções particulares.

C.T.



N.º 34 Canal de S. Roque — Aveiro

bibRIA

Cândido Teles

32	Marinha de Sal — Aveiro	P	59x106	1981
33	Areais da Vagueira	P	71x178	1982
34	Canal de S. Roque — Aveiro	P	59x89	1982
35	Pescador (Olarte/Almas da Areosa)	C	35x28x22	1982
36	Marnotos — Aveiro (Olarte/Almas da Areosa)	C	41x23x20	1981
37	Nocturno — Aveiro	G	39x27	1981

António Cândido Patoilo Teles — Nasceu em Ilhavo em 1921. Oriundo de uma família de pintores e ceramistas, o que determinou e moldou a sua vocação para as artes. Coronel de Infantaria com o curso de Estado Maior. Pintor, ceramista e gravador. A sua vivência em ambientes distintos, no Continente, Açores, Madeira, Guiné, Angola e Moçambique, num labor de mais de 40 anos, determinou uma série de mutações, nos aspectos temático e técnico. Realizou dezenas de exposições individuais, de que se destacam as retrospectivas "30 Anos de Pintura" no Museu de Évora (1969) e "40 Anos de Pintura" no Museu de Aveiro (1979). Destacam-se as exposições colectivas seguintes: Exposições Nacionais de Arte (1966, 1967, 1968 e 1969); Bienais Internacionais de Madrid (1969), Barcelona (1971), Vila Nova de Cerveira (1982) e Ibiza—Espanha (1982); Exposição de Arte Moderna "Arus", no Porto (1982) e em Lisboa (1983). Além de muitos outros prémios destacam-se os seguintes: Nova Lisboa—1.º Prémio (1952 e 1954); Sá da Bandeira—Medalha de Ouro (1954); II Bienal de Madrid—3.º Prémio (1969); JTCS—Medalha de Bronze (1970 e 1971); Salão do Algarve I—1.º Prémio—Medalha Vermeil; Salão Aveiro IV—1.º Prémio (1968). Representado no Museu de Arte Contemporânea, de Angola, Lagos, Aveiro, Angra do Heroísmo e Ilhavo.

C.T.

Carlos Fragoso

bibRIA

38 Bairro Sul da Costa Nova

P 37x54

1921

Museu de Ílhavo

Carlos Fragoso — Nasceu em Ílhavo e ali faleceu. Autodidacta. Empregado no sector administrativo da Fábrica da Vista Alegre. Dedicou-se expressamente a pintar os motivos da sua terra natal, aspectos monumentais e paisagísticos. A sua pintura, trabalhada com um realismo requintado, evoca-nos temas que já desapareceram e por isso constituem documentos de interesse local. Está representado no Museu de Ílhavo e em muitas colecções particulares.

C.T.



N.º 40 Paisagem

bibRIA

Carlos Ramos

39	Ponte Praça — Aveiro	P	14x19	s/ data	Câmara de Aveiro
40	Paisagem	P	32x25	s/ data	Col. Dr. M. Lopes

Carlos Augusto Ramos — Nasceu em Coimbra em 1912. Estudou em Coimbra. Arquitecto, Pintor e Aguarelista. Exposições individuais: Lisboa entre 1944 e 1979; Coimbra: 1954 e 1957. Exposições colectivas: SNBA entre 1932 e 1970; Lisboa: 1941, 1942, 1947 e 1966; Porto: 1944; Salão do Estoril entre 1932 e 1950; Braga: 1957; L. Marques: 1937; I Retrospectiva de Arte Portuguesa (1880 a 1933) Lisboa: 1937. Prémios José Malhoa: 1948; SNBA: 1940 —Menção Honrosa; 1943—Menção Honrosa; 1947—3.º Prémio; Lisboa— Menção Honrosa 1947; Estoril — 3.º Prémio 1943. Representado nos Museus: Museu de Arte Contemporânea, Soares dos Reis, Beja, Caldas da Rainha, Coimbra, Figueira da Foz e Lagos. Representado também nos Museus estrangeiros: Museum of Contemporary Art e Rio de Janeiro.

C.T.

Celestino Moreira (Pim)

bibRIA

41	Prato com motivos de Painéis de moliceiros	C	34x26	1972	Col. J. Sarabando
42	Bilha com motivos de Painéis de moliceiros	C	22x20x20	1972	Col. J. Sarabando
43	Prato com Braços das Câmaras do Distrito	C	42x42	1934	Col. J. Sarabando

Celestino Lavado Moreira — Nasceu em Aradas-Aveiro em 1943. Descende de uma tradicional família de oleiros e pintores cerâmicos. Curso de desenho e pintura cerâmica na Escola Industrial Fernando Caldeira, sendo um dos seus mestres Gervásio Aleluia. Inicialmente assina "Pim" que substituiu por "C. Moreira". Numa grande parte da sua obra manifestou o louvável propósito de criar uma decoração muito original inspirada nos painéis dos moliceiros. Além de outras, participou nas exposições: Faianças de S. Roque — Rua Coimbra; Faianças S. Roque — Salão do Grémio do Comércio (1972). Representado em muitas colecções particulares.

J.S.

bibRIA

Cohen Fusé

44 Retrato de Rosa Silvia

P 71x50

1983

Col. Zé Sarabando

Luis Henrique Cohen Fusé — Nasceu na Argentina em 1944. Estudou cerâmica na Escola de Belas Artes Mar del Plata, formou-se em arquitectura na Universidade de Buenos Aires e estudou gravura na Escola das Belas Artes de Barcelona. Vive em Barcelona. O desenho é para Cohen Fusé o elemento básico do seu expressionismo. Utiliza um surrealismo figurativo que, tomando como base referencial planeamentos estéticos e formais próprios do Renascimento e do Barroco, se torna pelo seu conteúdo em realista. Esta fusão do hiperrealismo com o surrealismo, constitui uma nova corrente a que o artista chama: "super-realismo fantástico". O artista na sua fase actual durante a curta passagem por Aveiro, integrou na composição dos seus quadros elementos ligados à paisagem e ao meio humano locais. Depois de ter participado em numerosas exposições na América do Sul, a partir de 1975, vem apresentando os seus trabalhos em galerias espanholas, italianas e holandesas.

C.T.

Daniel Constant

bibRIA

45	Moliceiros	P	31x48	s/ data	Col. Dr. D. Cristo
46	Canal Central — Aveiro	P	30x48	s/ data	Museu de Aveiro

Daniel Sanches Constant — Nasceu em Espinho em 1919. Pintor de aguarela e a pastel. Exposições individuais: Lisboa (1943, 1951 e 1965); Porto: (1942, 1950, 1951, 1953 e 1974); Coimbra (1952); Lagos (1954); Aveiro. Exposições colectivas: SNBA (1956); Lisboa (1966); Porto: (1933, 1935, 1972 e 1974); Salão do Estoril: (1943); Luanda: (1951). Representado nos Museus: Soares dos Reis, Aveiro, Figueira da Foz, Luanda e Tomar.

C.T.



N.º 49 Comunhão Sacrflega

David Cristo

47	Maquete do Monumento a J.M. Lima	E	90x34	s/ data	Col. do autor
48	Medalhas do 1.º Congresso de Filatelia (Esboço, Cobre, Prata e Ouro)	E	8x5,5	1972	Col. do autor
49	Comunhão Sacrflega	P	100x79	1946	Col. do autor
50	Rua Direita	P	63x48	s/ data	Col. do autor
52	Retrato de Egas Moniz	D	65x48	1952	Fundação Egas Moniz

David Cristo (de seu nome completo D. da Silva C.) — Nasceu em Aveiro a 1 de Maio de 1913. Aqui frequentou estudos primários e liceais. Recebeu lições, em tempos livres, de Silva Rocha (desenho e pintura) e de mestre Romão Júnior (modelação), ambos, ao tempo, professores da Escola Industrial e Comercial de Fernando Caldeira. Em Coimbra, licenciou-se em Direito e Letras. Desde muito novo, dedicou-se às artes plásticas, tendo participado em várias exposições colectivas. Fundou, com outros, o grupo "Aveiro/Arte". Em 1954, editou o semanário "Litoral" (que sempre dirigiu e ainda dirige), nele integrando, temporariamente, o suplemento literário-artístico "Companha". Foi um dos fundadores da Secção Filatélica e Numismática do já referido Clube dos Galitos e um dos impulsionadores da atinente revista "Selos e Moedas". Paralelamente às suas actividades profissionais sempre se dedicou às artes plásticas, quer como autor de quadros a óleo, de desenhos, de esculturas, de monumentos e de medalhística, quer como coleccionador e restaurador de obras artísticas, quer, ainda, como palestrante e subscritor de artigos, em revistas e diários, sobre temas estéticos e culturais. Exerceu o magistério em vários estabelecimentos locais de ensino e ministrou cursos livres no Grémio do Comércio, leccionando na Universidade de Aveiro, a disciplina de História das Artes do Fogo (cerâmica e vidros). Desde há uma década, é Conservador do Museu Histórico da Vista Alegre. Obras plásticas da sua autoria encontram-se em Museus, designadamente no de Aveiro e no da Fundação de Egas Moniz. É autor dos monumentos (esculturas e projectos): a Egas Moniz, em Avanca; a Jaime de Magalhães Lima, no Jardim do Infante D. Pedro, em Aveiro; e a Carlos Roeder, em S. Jacinto.

D.C.

Diogo de Macedo

bibRIA

53 Moliceiros

D

s/ data

Museu de Ílhavo

Diogo C. de Macedo — Nasceu em Vila Nova de Gaia em 1889. Morreu em Lisboa em 1954. Escultor e Gravador. Estudou no Porto e em Paris. Autor e crítico de arte. Director do Museu de Arte Contemporânea de Lisboa. Estabelecido o prémio "Diogo de Macedo" em escultura. Exposições individuais em Lisboa (1923, 1945 e 1960), esta retrospectiva da sua obra. Exposições colectivas: SNAB (1915, 1918 e entre 1929 e 1947); Lisboa (1928, 1941 e 1956); Porto (1916, 1917 e 1946); Estoril (1933); Vila Nova de Gaia (1958); I Salão dos Independentes — Lisboa (1930); Grande Exposição de Artistas Portugueses — Porto (1935); I Exposição Retrospectiva de Arte Portuguesa — Lisboa (1937); XXV Bienal de Veneza (1950); Salão de Paris (1913); Bruxelas (1967); Madrid (1968); Paris (1968); Rio de Janeiro (1965); Premizado na SNAB — Menção Honrosa (1929), (1929) 2.º Prémio. Representado no Museu de Arte Contemporânea, Soares dos Reis, Bragança, Caldas da Rainha, Figueira da Foz, Tomar, Vila Nova de Gaia e Viseu.

C.T.



N.º 54 Buçaco — Recanto da Mata

bibRIA

Domingos Pires

54	Buçaco — Recanto da Mata	P 55x46	1982	Câmara da Mealhada
55	Antiga Casa Mello — Século XVI Pampilhosa	P 38x46	1979	Col. do autor

Domingos Lopes Pires — Nasceu na Pampilhosa em 1921. Autodidacta, só no início da década de setenta começou a dedicar-se à pintura a óleo. Está ligado ao MAC (Movimento Artístico de Coimbra, desde o seu início). Participou em várias exposições colectivas, nomeadamente: "Jornada de Arte—Artistas de Coimbra"— Museu Machado de Castro — Coimbra (1978); Grande Exposição do Chiado — Coimbra (1980); Casino do Luso (1981); Artistas do Concelho da Mealhada — Casa da Cultura (1982); Exposição do MAC "Arganil 82" (1982). Representado na Câmara Municipal da Mealhada e em muitas colecções particulares.

C.T.

bibRIA

Eduarda Lapa

56	Senhor das Barrocas	P	37x71	s/ data	Museu de Aveiro
56 A	Oleiros de Angeja	P	37x71	s/ data	Museu de Aveiro

Maria Eduarda Lapa e Sousa Caldeira — Nasceu em Trancoso em 1896. Faleceu em Lisboa em 1976. Foi discípula de Artur Loureiro, Armando Lucena e Emília dos Santos Braga. Pintora a óleo e a pastel, desenhadora e ceramista. Estudou em Coimbra, Porto e em Paris. Distinguiu-se na pintura de flores, interpretou com sensibilidade e com delicadeza de colorido. Em fase posterior, tornou-se paisagista e marinhista, tendo dedicado largo tempo na interpretação dos motivos da Ria de Aveiro. Efectuou exposições individuais e colectivas em várias cidades do País. Expôs colectivamente no Rio de Janeiro (1928) e Sevilha (1931). Recebeu os seguintes prémios: SNBA — 1.º Prémio (1943 e 1944) — Medalha de Honra (1948) e (1954). Representada no Museu de Arte Contemporânea, Calouste Gulbenkian, Bragança, Caldas da Rainha, Figueira da Foz, Ponta Delgada, Viseu, Aveiro e Guarda.

C.T.

bibRIA

Eduardo Malta

57 Retrato de João Carlos D 55x45 1940 Museu de Ílhavo

Eduardo Malta — Nasceu na Covilhã em 1900 e morreu em Óbidos em 1967. Formado pela EBAP, cedo se dedicou ao retrato. Pintor a óleo e pastel e aquarelista. Escritor de arte. Director do Museu de Arte Contemporânea de 1959 a 1967. Exposições individuais: Lisboa (1940, 1941 e 1942); JTCS (1956). Exposições colectivas: SNBA, entre 1920 e 1958); Lisboa (1936 e entre 1939 e 1963 e 1966); Lourenço Marques (1956); Grande Exposição de Artistas Portugueses — Porto (1935); I Exposição de Arte Portuguesa (1930 a 1933); Lisboa (1937), e também colectivamente na XXV Bienal de Veneza (1950); Exposição Internacional de Paris (1937); Madrid (1928 e 1946); Rio de Janeiro (1965). Prémios: Columbano — 1936; SNBA — Menção de Honra (1924), 3.º Prémio — 1926, 1.º Prémio — 1937, 1.º Prémio — 1950. Medalha de Honra — 1955 e novamente Medalha de Honra — 1955; Madrid — 1.º Prémio — 1946; Paris — 1.º Prémio — 1937. Representado nas Colecções do Estado, Museu de Arte Contemporânea, Museus do Porto, Caldas da Rainha, Caramulo, Figueira da Foz, Guarda, Setúbal, Vila Viçosa e Viseu.

C.T.

bibRIA

Emanuel Macedo

58	Um quartilho — Ílhavo	D	65x50	1982	Col. do autor
59	O dóri — Ílhavo	D	65x50	1981	Col. do autor
60	Hora da sesta — catando — Ílhavo	D	65x50	1982	Col. do autor

Emanuel Arroja Macedo — Nasceu em Ílhavo em 1938. Curso de Escultura da Escola Superior das Belas-Artes do Porto. Professor de Artes Visuais em Escola Secundária, no Porto. Pintor e escultor. Tomou parte em diversas exposições colectivas e está representado em colecções particulares.

C.T.

bibRIA

Euclides Vaz

61	Baixo Relêvo — Egas Moniz	E 53x53	s/ data	Col. Dr. F. Moura
62	Busto do Dr. Frederico de Moura	E 26x21x17	1938	Col. Dr. F. Moura

Euclides da Silva Vaz — Nasceu em Ílhavo em 1916. Licenciado em Ciências Matemáticas pela Universidade de Coimbra, Curso de escultura pela ESBA de Lisboa. Actividade pedagógica em estabelecimentos de ensino. Actividade como escultor ao serviço do Estado tendo moldado grande parte das estátuas que foram erigidas no Ultramar Português. Exposições colectivas: SNBA (1942, 1951 e 1953); Lisboa (1940 e 1966); Salão do Estoril (1943). Recebeu os seguintes prémios: Soares dos Reis — 1.º Prémio (1949); SNBA — Menção Honrosa (1942); SNBA — 1.º Prémio (1943); Lisboa — 2.º Prémio (1964). Representado no Museu de Arte Contemporânea, Aveiro, Caldas da Rainha e Regional de Ílhavo.



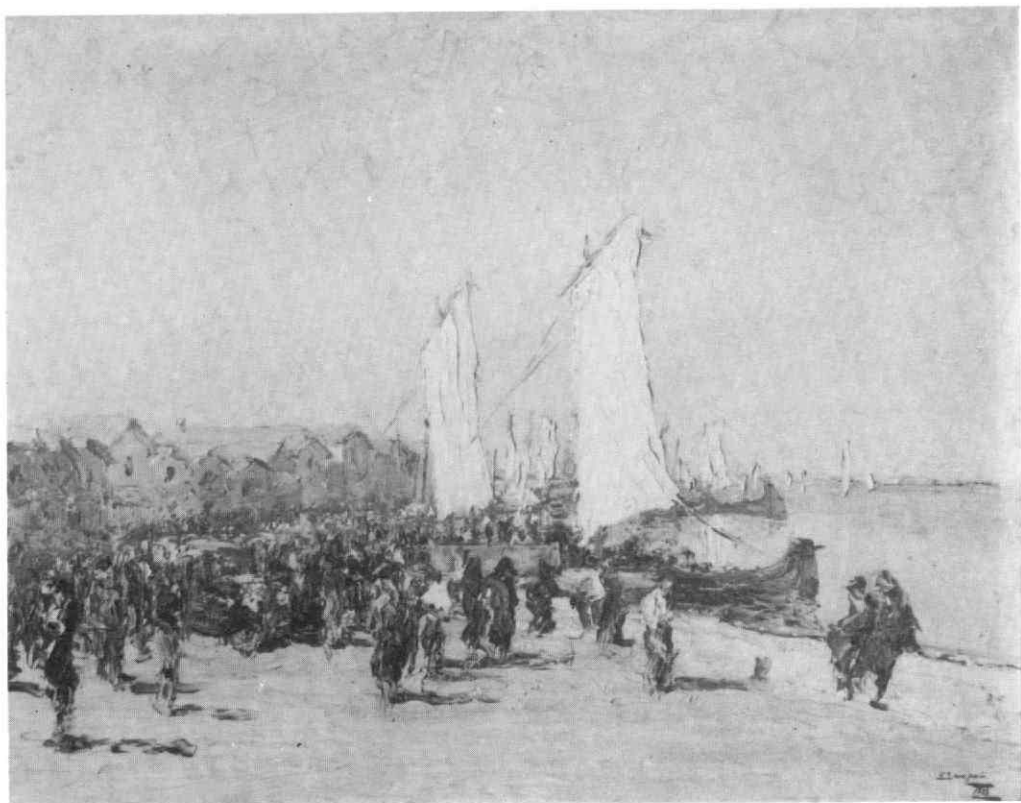
N.º 63 Palheiros do Sul — Costa Nova

Fausto Gonçalves bibRIA

63	Palheiros do Sul — Costa Nova	P	53x72	s/ data	Museu de Aveiro
64	Mota de Embarque Gafanha da Encarnação	D	36x54	s/ data	Museu de Aveiro

Fausto Gonçalves da Silva — Nasceu em Coimbra em 1893 e ali morreu em 1947. Pintor e decorador. Estudou em Paris. Na sua passagem por Aveiro, interpretou com fidelidade e num naturalismo de ar livre a sua Ria. Exposições individuais: Coimbra (1920, 1945 e 1946); L. Marques (1945); Lisboa; Porto; Rio de Janeiro (1923 e 1926); Baía (1926). Exposições colectivas: em muitas cidades portuguesas e também no Salão de Artistas Franceses em Paris: (1923 e 1926). Prémios: SNBA — Menção Honrosa (1930); 3.º Prémio (1936); 2.º Prémio (1937); Menção Honrosa em Paris (1921). Representado nos museus do Porto, Aveiro, Caldas da Rainha, Caramulo, Coimbra, Figueira da Foz, Guarda, L. Marques, Matosinhos e Viseu.

C.T.



N.º 65 Costa Nova em dia de festa

Fausto Sampaio bibRIA

65	Costa Nova em dia de Festa	P	47x60	1933	Museu de Aveiro
66	Nevoeiro na Ria Costa Nova	P	43x58	1936	Museu de Ílhavo
66 A	Na espera do peixe	P	70x80	s/ data	Col. M. José Sampaio

Fausto Sampaio Alegre — Nasceu em 1893, na Anadia e faleceu em Lisboa em 1956. Estudou no Instituto de Surdos Mudos do Porto e na Casa Pia, tendo frequentado, desde 1926, as Academias Julien (onde recebeu lições de J.P. Laurens), Renard e La Grang Chaumière. Em 1928 e 1929 foi admitido ao "Salon" de Paris e em 1930 expôs em Lisboa, onde obteve notável êxito. Marinista exímio como interprete da Ria de Aveiro e do Vale do Vouga. Dedicou-se, a partir de 1934, a fixar, com a sua técnica de espatulação e notável sentido de cor, paisagens e tipos característicos exóticos, tendo viajado e trabalhado largamente em África: S. Tomé (1934), Moçambique (1947), e pelo Oriente: Macau e Timor (1936-37), Índia (1944). Posteriormente pintou na África do Sul, onde também expôs. Grande parte da sua obra encontra-se na residência da sua família na Anadia. Está representado nos Museus de Arte Contemporânea, Machado de Castro, Aveiro, Caldas da Rainha, Figueira da Foz, Ílhavo, Goa etc...

bibRIA

Francisco Maia (Xico)

67 Canal de Aveiro

P

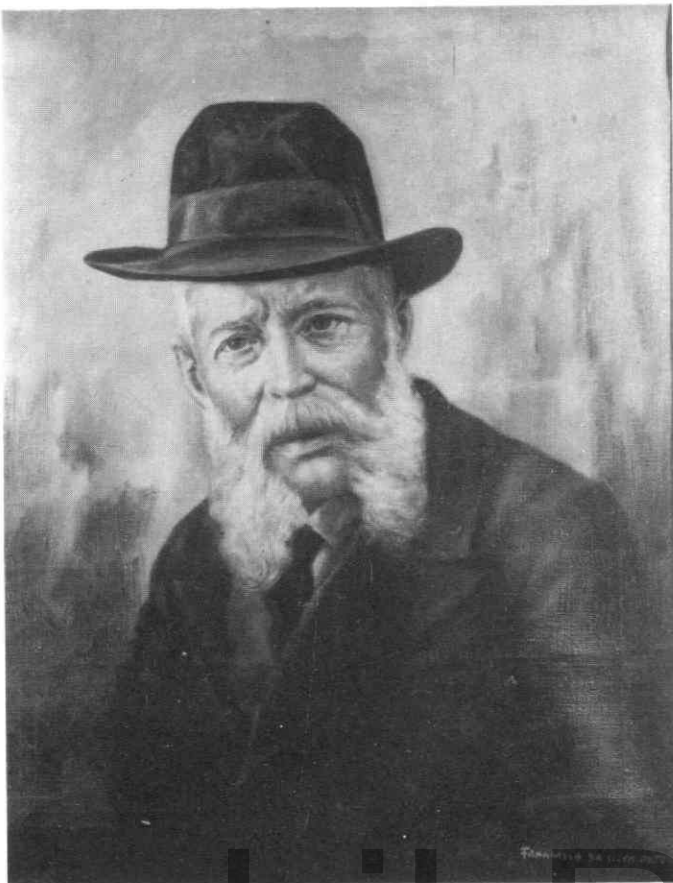
31x44

1979

Câmara de Aveiro

Francisco Ferreira Maia — Nasceu em Esqueira (Aveiro) em 1912 e faleceu em Guimarães. Pintor, iniciou a sua actividade artística, fazendo nos lugares públicos silhuetas e caricaturas à vista dos modelados. Havendo conhecido, entretantes, Abel Cardoso e Jaime Murteira, deles recebeu inestimáveis conselhos de pintura. Expôs individualmente nas seguintes localidades: Aveiro no Clube dos Galitos (1944 e 1945) e no Grémio do Comércio (1964); Covilhã, S. João da Madeira e Guimarães. Representado em muitas colecções particulares, nomeadamente no Grémio do Comércio.

J.S.



N.º 68 Retrato do Ceramista José Patoilo

Francisco Patoilo

68 Retrato do Ceramista
José Patoilo

P 43x35

s/ data

Col. Dr. A. Redondo

Francisco da Silva Patoilo — Nasceu em Ílhavo e faleceu no Brasil. Oriundo de uma família de artistas, cedo manifestou a sua vocação para as artes. Quando jovem, em contacto com seu tio, ceramista José Patoilo, teve a oportunidade de trabalhar com o mesmo na sua oficina no Arnal (Ílhavo). Não são conhecidos quaisquer trabalhos dessa época. Mais tarde emigra para o Brasil, radicando-se inicialmente em Santos e posteriormente no Rio de Janeiro, manteve a sua actividade de pintor de arte, em paralelo com a de fotógrafo, sendo considerado um profissional de relêvo.

C.T.

Francisco Pereira

bibRIA

69 Placa c/ Motivo do Canal
das Pirâmides

C 24x32

1916

Col. J. Sarabando

Francisco Luis Pereira — Nasceu em Aveiro em 1891 e ali faleceu em 1961. Pintor cerâmico. Muito jovem ingressou na Fábrica da Fonte Nova, tendo como mestre Licínio Pinto, que suplantou a breve trecho, dados os seus recursos, designadamente na figura humana. Durante muitos anos, numerosos painéis de azulejos eram assinados por ambos, numa saudável parceria. Durante o seu longo labor, trabalhou em quase todas as fábricas aveirenses. Da sua autoria, além de muitos outros trabalhos, existem painéis cerâmicos em várias Estações de Caminho de Ferro, e uma delas é a de Aveiro — e decorações de interiores e exteriores em muitas casas particulares.

J.S.

bibRIA

Francisco Resende

70 Camponesa de Ílhavo

P 40x30

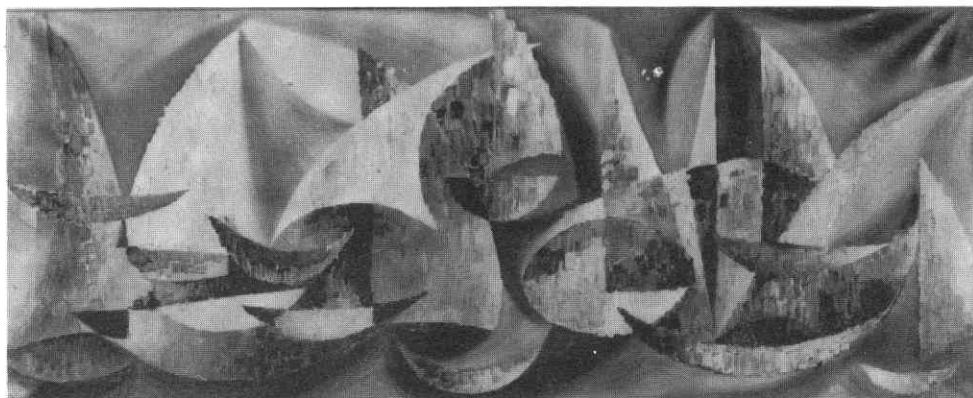
1875

Museu de Ílhavo

Francisco José Resende — Nasceu no Porto em 1825 e ali morreu em 1893. Após estudos brilhantes, nos quais foi discípulo de Roquemont, é nomeado professor substituto de Pintura Histórica da Academia de Belas Artes, cargo que exerceu até ser jubilado em 1882. Bolseiro em Paris, onde é discípulo de Ivon. A sua obra numerosa denuncia influência da Escola Francesa da época, denotando um cuidado apurado na execução. Dedicou-se à paisagem, à miniatura e sobretudo ao retrato pintando pessoas ilustres, entre eles os nossos reis e rainhas. Dedicou-se também aos tipos populares, em particular aos da região de Aveiro, de que se conhecem: Vareiro Tocando Viola — Museu de Arte Contemporânea; Camponesa de Ílhavo — Museu de Arte Contemporânea; Pescador Ovarino — Antigo Museu Nacional de Belas-Artes; Gente da Murtosa na Romaria do Senhor da Pedra — Museu de Aveiro; Camponesa de Ílhavo — Museu de Aveiro.

Foi um conceituado crítico de arte, ao serviço do Comércio do Porto.

C.T.



N.º 71 Barcos e Velas

Gaspar Albino bibRIA

71	Barcos e Velas	P	95x38	1961	Col. Dr. M. Lopes
72	Retrato de José Pereira Tavares	P	43x51	1961	Col. Dr. J. Tavares
73	Peixeiras	P	44x32	1961	Col. do Autor

Joaquim António Gaspar de Melo Albino — Nasceu em Aveiro em 1938. Pintor e desenhador. Promoveu a criação do Ciclo de Artes Plásticas do Clube dos Galitos que esteve na base do movimento artístico Aveiro-Arte. Sócio fundador deste movimento. Actividade literária como crítico de arte. Expôs individualmente em Aveiro (1961). Expôs colectivamente: Porto (1964); Aveiro (na maior parte das manifestações de Aveiro-Arte). Em 1959, tomou parte num Concurso Internacional de Artes Plásticas promovido pelo Instituto de Arte MINNEAPOLIS — EUA, sendo-lhe atribuído um Prémio de Aquisição a uma Bolsa de Estudo; Salão Aveiro I — 3.º Prémio (1965). Representado no Museu de Minneapolis — EUA, no Museu de Aveiro e em colecções particulares.

C.T.

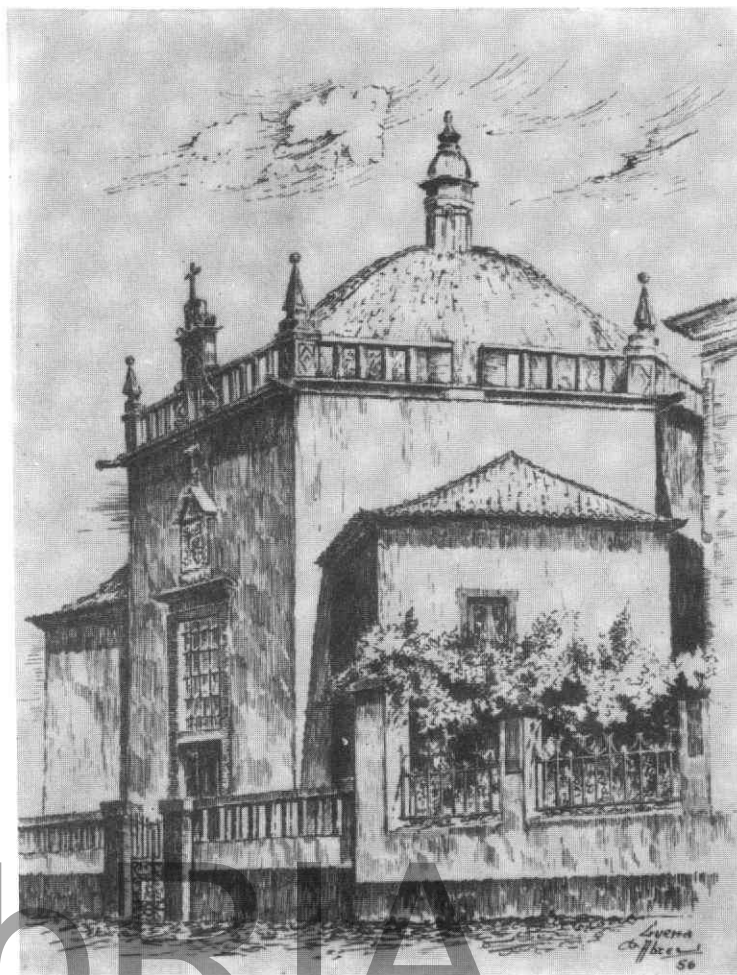
bibRIA

Gervasio Aleluia

75 Prato com motivos da Ria C 24x24 1942 Col. do autor

Gervásio Pinho das Neves Aleluia — Nasceu em Aveiro 1898. Curso de pintura cerâmica na Escola Industrial Fernando Caldeira, onde veio a ser mestre do mesmo curso durante 32 anos. Gerente das Fábricas Aleluia. Expôs colectivamente, na 1.ª Exposição de Cerâmica da Fábrica Aleluia em Aveiro (1922). Peças suas figuraram também em variadíssimas exposições que a Fábrica levou a efeito em diversas localidades do país e no estrangeiro. Representado no Museu de Aveiro e em muitas colecções particulares.

C.T.



Guerra d'Abreu

N.º 78 Capela do Seixal

77	Casario — Canal do Cojo	D	28x38	1962	Col. do autor
78	Capela do Seixal	D	29x21	1956	Col. do autor
79	Portal (Rua Bento de Moura)				
	Esgueira	D	20x19	1953	Col. do autor
80	Cruzeiro da Senhora da Alegria	P	32x26	1978	
81	Cruzeiro do Senhor das Barrocas	P	34x24	1957	Col do autor
82	Alcoviteiras da Beira-Mar	P	40x31	1963	Col. Dr. David Cristo

Alfredo Guerra de Abreu — Nasceu em Esgueira (Aveiro) em 1918. Estudos secundários em Aveiro. Colaborou na revista "Duas Rodas" e nas publicações humorísticas "A Bomba" e "Mundo Ri". Colaborou no semanário "Litoral", desde a sua fundação. Expôs individualmente no Clube dos Galitos (1951); Teatro Aveirense (1968); Galeria Grade (1974 e 1980). Faz parte do movimento artístico AVEIRO/ARTE. Expos colectivamente: Clube dos Galitos (1963); Galeria Borges, Inauguração (1963); "Cristo na Arte" no Museu de Aveiro (1964); Salão Aveiro I (1965); Teatro Aveirense "Poesia Ilustrada" (1966); V Salão de Arte Moderna da JTCS (1967); Salão Aveiro III (1967); I Salão de Arte de Lagos (1967); Salão Aveiro IV (1968); Exposição "Arte Ílhavo IV" (1971); Galeria Convés — Inauguração (1972); I "Exposição de Arte ao Ar Livre" (1971); Palácio Foz — Lisboa; Porto; Guimarães Galeria Dois — Porto e Figueira da Foz. 1.º Prémio de Pintura na Exposição "Cristo na Arte"; 2.º Prémio de Desenho no "Salão Aveiro" I, II e III.

C.T.



N.º 84 Ponte Praça II

bibRIA Heitor Cramês

83	Ponte Praça I	P	21x26	s/ data	Col. J. Sarabando
84	Ponte Praça II	P	26x22	s/ data	Col. Dr. M. Lopes
85	Palheiros da Tocha	P	25x20	s/ data	Col. Dr. M. Lopes

Heitor Cramês —Nasceu em Vila Real em 1889. Faleceu em Aveiro em 1967. Formou-se na Academia Portuense das Belas Artes, onde foi discípulo de Marques de Oliveira e de José de Brito. Recebeu lições do Cormon, em Paris. Fez carreira docente, primeiro como professor da Escola de Artes Decorativas Soares dos Reis e depois na Escola de Belas Artes do Porto (1948—1959). Temperamento vigoroso, a sua arte define-se dentro dum plasticismo cujos valores não alteram o sentido estrutural, assaz modernizante na geração a que pertence. Expôs individualmente no Porto em 1925. Expôs colectivamente: SNBA em 1947; no Porto em 1935, 1947, 1948, 1954, 1959; em Vila Real e no Rio de Janeiro em 1965.

C.T.



Helder Bandarra

N.º 86 Na terra e no mar I

86	Na Terra e no Mar	P	120x120	1982
87	Na Terra e no Mar II	P	120x120	1982

Helder Bandarra — Nasceu em Aveiro em 1940. Frequentou as aulas nocturnas da SNBA em Lisboa, sendo discípulo do pintor Gil Teixeira Lopes. Colaborou no Círculo Experimental de Teatro de Aveiro. Membro fundador do movimento artístico AVEIRO/ARTE. Vinte anos de exposições individuais e colectivas em Portugal. Premiado em diversas exposições. Representado nos Museus de Aveiro, Ílhavo e Ovar e também em diversas colecções particulares, nacionais e estrangeiras.

C.T.

bibRIA

Henrique Medina

88 Retrato de Egas Moniz P 85x99 1950 Fundação Egas Moniz

Henrique Medina Barros — Nasceu no Porto em 1901. Formado nas Escolas de Belas Artes do Porto e de Paris, onde recebeu lições de Cormon de 1921 a 1926. Dedicou-se especialmente ao retrato, género onde obteve uma posição de relevo em Portugal e no Estrangeiro, no meio particular e no oficial. Participou no “Salon” de Paris, no da “Royal Academy” de Londres, e em ambos os países (assim como nos EUA retratou em Hollywood várias estrelas) realizou exposições individuais. Membro da Academia das Belas Artes de Lisboa, de Espanha e do Rio de Janeiro, Condecorado com a Legião de Honra e com as Ordens de Cristo e de Santiago. Representado nos Museus de Lisboa, Porto, na Tate Gallery (Londres), etc.

Bibl. Malheiro Dias “Um Ensaio sobre o Pintor H.M.” (S. Paulo, 1937); “Medina” (Album, 1954).

Hipólito de Andrade bibRIA

89	Serenidade	P 53x39	1978	Col. Dr. D. Cristo
90	Labuta na Ria de Aveiro	P 45x55	1982	Col. Dr. D. Cristo

Hipólito Gomes de Andrade — Nasceu em Aveiro em 1933. Pintor, aquarelista e desenhador. Exposições individuais: JTCS (1973); Sintra: (1973 e 1974); Aveiro, Barreiro, Coimbra, Ericeira, Estoril, Luanda, Ovar, Porto e Viseu. Expôs colectivamente: Luanda: (1960, 1963, 1965 e 1969); Ovar: (1959 e 1970); Aveiro. Prémios: Luanda — 1.º Prémio (1960); Luanda — 1.º Prémio (1963); Luanda — 2.º Prémio (1963); Luanda — Dois 1.º s Prémios (1965); Ovar — Menção Honrosa (1959); Ovar — 1.º Prémio (1970). Representado na Fundação Gulbenkian, nos Museus da Figueira da Foz e Luanda, bem como em muitas colecções particulares.

C.T.

bibRIA

Irmã Gabriela

91 Moliceiros

P 53x81

s/ data

Museu de Aveiro

Maria Gabriela Cabrita — Nasceu na cidade da Beira (Moçambique) em 1926. Estudou no Porto e em Vallauris (França). Pintora e ceramista. Exposições individuais: Lisboa (1966, 1967, 1971, 1972 e 1973); Porto: (1970, 1972 e 1973); Covilhã: (1973). Interpretou a Ria de Aveiro com uma serenidade original, onde também expôs os seus trabalhos. Exposições colectivas: Lisboa (1969); Salão da Primavera da JTCS (1972); Itália (1966). Prémios: Grande Prémio da Fundação Calouste Gulbenkian (1966); Itália — Prémio de Crítica. Representada nas Coleções do Estado, Museu de Aveiro e Figueira da Foz.

C.T.



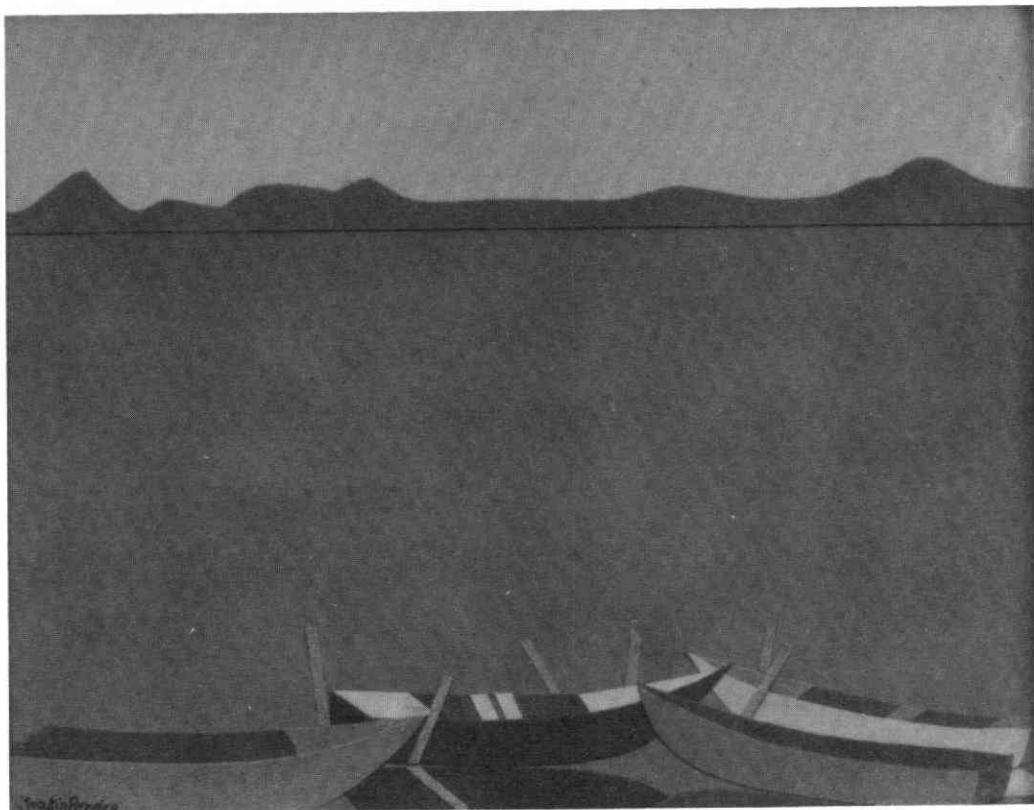
Jeremias Bandarra

N.º 92 Barcos na Ria

92	Barcos na Ria	P 70x76	1983
93	Aveiro	P 70x76	1983
94	Festa na Ria II	P 40x55	1982

Jeremias Ferreira Bandarra — Nasceu em Aveiro em 1936. Curso Geral do Comércio. Discípulo do pintor Porfírio de Abreu. Iniciou a sua actividade artística fazendo ilustração em jornais, livros, revistas e cartazes. Frequentou cursos de atelier-livre de pintura e cerâmica no Conservatório Regional de Aveiro. Sócio fundador do CETA — Circulo Experimental de Teatro de Aveiro. Membro fundador do movimento artístico AVEIRO/ARTE. Efectuou 3 exposições individuais e participou em 43 outras colectivas. Recebeu diversos prémios em pintura. Representado em diversas colecções nacionais e estrangeiras.

C.T.



N.º 95 Em águas serenas

bibRIA

Joakim Pereira

95 Em Águas Serenas

Colagem

25x20

1982

Col. Dr C. Tavares

Joakim Pereira — Nasceu em Estarreja em 1952. Curso da Escola de Artes Decorativas Soares dos Reis (Porto). Frequência da Escola Superior de Belas Artes do Porto. Frequentou, durante dois anos, ateliers livres em Paris. É um dos fundadores do Grupo 3+3, do Porto. Efectuou 16 exposições individuais e 8 colectivas, entre elas a I e II Bienal Internacional de Vila Nova de Cerveira (1980 e 1982). Representado em muitas colecções particulares nacionais e estrangeiras, nomeadamente da França, Holanda, Espanha, Austrália, Japão, EUA e Grécia.

C.T.

Joaquim Macedo bibRIA

96	Barcos no Cais	D	18x27	1960	Col. J. Sarabando
97	Mulher à lareira — Bêstida	D	49x40	s/ data	Col. M. ^a A. Macedo
98	Barcos à Carga — Ílhavo	P	20x18	1949	Col. M. ^a A. Macedo

Joaquim Gonçalves de Macedo — Nasceu em Lisboa em 1901. Faleceu em Ilhavo em 1975. A sua vocação artística nasceu no convívio de seu pai João Manuel de Macedo, Pintor e desenhador. Radicou-se em Ilhavo em 1937, e como um grande enamorado da Ria de Aveiro a interpretou durante mais de 40 anos. Colaborador artístico e técnico da casa Araújo e Sobrinho, no Porto, teve o ensejo de percorrer todo o país e interpretar paisagens e figuras dos lugares mais representativos. Expôs em Ilhavo colectivamente. Representado no Museu Marítimo e Regional de Ilhavo e também em muitas colecções particulares.

C.T.

bibRIA

João Calisto

99 Busto de Homem Cristo

C 43x43x26

1944

Col. J. Sarabando

João dos Santos Calisto — Nasceu em Aveiro em 1905 e ali morreu em 1946. Após ter exercido algumas profissões, foi descoberta a sua vocação escultórica por Romão Júnior, que o levou a matricular-se na Escola Industrial Fernando Caldeira. Aqui tirou os Cursos de Desenho (professor, Silva Rocha) e Modelação (mestre Romão Júnior). Apesar da sua falta de saúde, conseguiu, graças a uma invulgar força de vontade, deixar mais de meia centena de obras, nomeadamente bustos, que se impõe por um raro poder fisionómico. Não tomou parte em exposições, mas alguns dos seus trabalhos decoram edifícios públicos e particulares de Aveiro: Museu de Aveiro (bustos de D. João Lima Vidal, Dr. Alberto Souto e António da Benta); Biblioteca Municipal (busto de Dr. Jaime Magalhães Lima); antiga Associação Comercial (busto de Homem Cristo); Fábrica Aleluia (João Aleluia); Sport Clube Beira-Mar (António Benta). Além destes conhecem-se muitos outros bustos de intelectuais e artistas de Aveiro e de projecção nacional.

J.S.

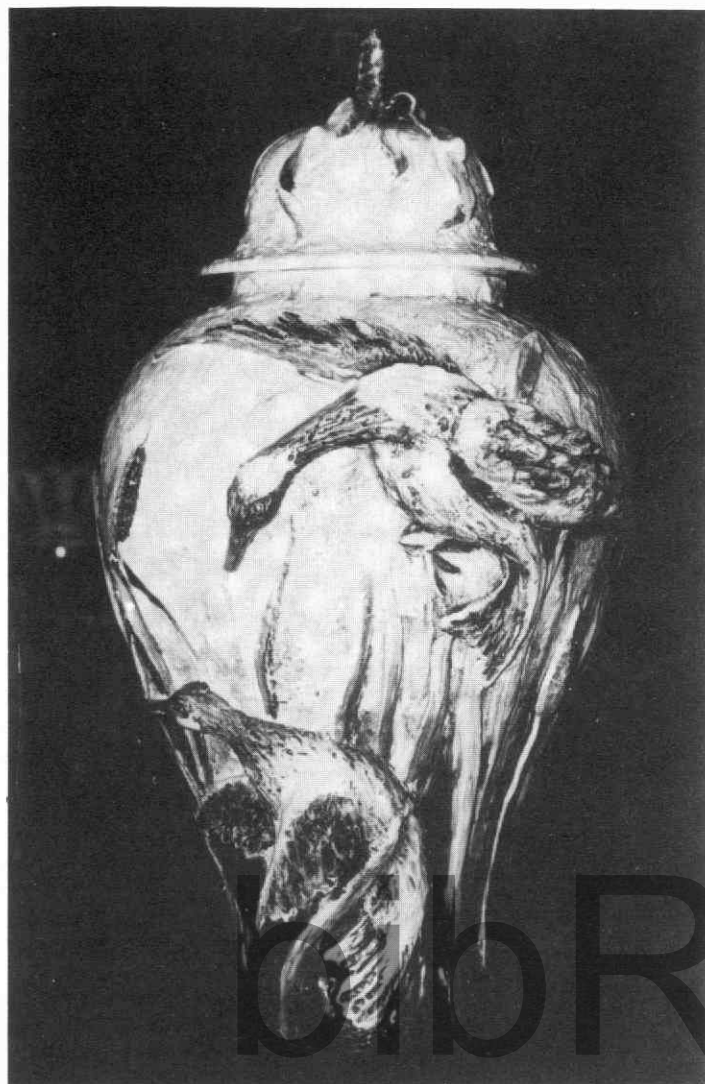
João Carlos

bibRIA

100	Promessa	D	99x66	1928	Museu de Ílhavo
101	O Presépio	P	108x126	1930	Museu de Ílhavo
102	Ílhavo (Cartaz)	G	41x41	1932	Museu de Ílhavo
103	Auto-Retrato	P	71x47	1954	Museu de Ílhavo

João Carlos Celestino Pereira Gomes — Nasceu em Ílhavo em 1899 e morreu em Lisboa em 1960. Médico, Higienista, foi um autodidacta no desenho e na pintura, que o apaixonaram desde 1917. Escreveu vários livros (medicina, arte e criação literária), ilustrou livros e jornais e realizou 22 exposições individuais sendo uma delas na Casa de Portugal, em Paris (1935) e outra no SNI em 1960. As suas vivências à beira-mar, induziram-no a interpretar com profundo sentimento as terras do nosso litoral e as suas figuras cheias de carácter. “Sobretudo ilustrador, que estilizava e desfibrava as formas ao geito bisantino e através do branco e negro desfiava as suas narrativas com finura e riqueza de pormenorização, ele fazia das suas ilustrações embebidas de forte lirismo, verdadeiros poemas plásticos. Nelas o sentido da graça e da beleza, depura o real e rasga os caminhos do sonho”. Realizou 22 exposições individuais, sendo uma delas na Casa de Portugal, em Paris (1935) e outra — a última no SNI (1960). A sua obra encontra-se dispersa em várias colecções particulares (das quais é notável a do Gen. Altino Magalhães, em Lisboa, onde se encontra uma das suas obras capitais “O Enterro de D. Inês”) e também nos museus de Aveiro e de Ílhavo — possuindo este uma Sala privativa com as suas obras.

C.T.



OBRA

João Lavado

N.º 104 Pote com motivos da Ria

104 Pote com motivos da Ria	C	77x38x38	s/ data	Col. Dr. M. Lopes
105 Prato com motivos de Aveiro	C	20x20	s/ data	Col. Dr. M. Lopes
106 Jarra com temática de Santa Joana	C	85x53	1959	Col Dr. D. Cristo

João Marques de Oliveira — Nasceu em Aveiro em 1905. Ainda muito jovem, ingressou na Fábrica Aleluia, onde permaneceu até 1945. Nesta data, constituiu uma sociedade, "Faianças de S. Roque, Lda" que adquiriu a já existente fábrica de S. Roque ou do Canal. Frequentou a Escola Industrial Fernando Caldeira; teve como professores Silva Rocha (desenho), Romão Júnior (modelação) e Duarte Magalhães e Gervásio Aleluia (pintura cerâmica). Conhecedor profundo do seu ofício, abandonou os velhos cânones cerâmicos, teve a virtude de se inovar, no arejado e arejante rumo da modernidade. Sairam das suas mãos milhares de peças — pintura e escultura — que decoram lugares públicos (por exemplo a Estação de Caminho de Ferro de Santarém) e muitas casas particulares. Tomou parte nas exposições: Colectiva de Cerâmica-Aveiro (década 40-50); I Exposição dos Artistas de Aveiro (1963); Exposição de Cerâmica, comemorativa do XV aniversário das "Faianças de S. Roque" (1971); "3 Artistas em Exposição 72" — Aveiro (1972).

J.S.

João Mourão

bibRIA

107	Costa-Nova	P	25x30	1982	Col. Zé Sacramento
108	Aveiro XII	P	65x81	1983	
109	Aveiro XV	P	65x81	1983	

João Mourão—Nasceu em Lisboa em 1945, Curso de Pintura da Escola de Artes Decorativas António Arroio. Dedicou a sua actividade artística à decoração e cenografia para teatro amador. Premiado em concursos para teatro, promovidos pelo SNI, trabalha em artes gráficas, publicidade e decoração. "Decantando a realidade pela opção do fundamental, J. Mourão procura a simplicidade da forma dentro de um notável rigor de execução. A sua pintura pode resumir-se em Cor, Síntese e Rigor". Expôs individualmente no Estoril, Coimbra, Figueira da Foz e Aveiro. Está representado em diversas colecções particulares no nosso país, em Inglaterra, Moçambique e Brasil.

C.T.

bibRIA

João Ovídeo

110 Travessa de S. Gonçalo

P 37x27

1956

Col. J. Sarabando

João da Glória Ovídeo — Nasceu em Aveiro em 1918. Pintor, desenhador e gravador. Frequentou a Escola Industrial Fernando Caldeira, em Aveiro e a Academia José Contente, em Coimbra. Além de outras, tomou parte nas seguintes exposições: Lisboa (1965); JTCS — Salão de Arte Moderna (1965); Aveiro (1965); Açores; Angola. Está representado em diversas colecções particulares, nacionais e estrangeiras.

C.T.



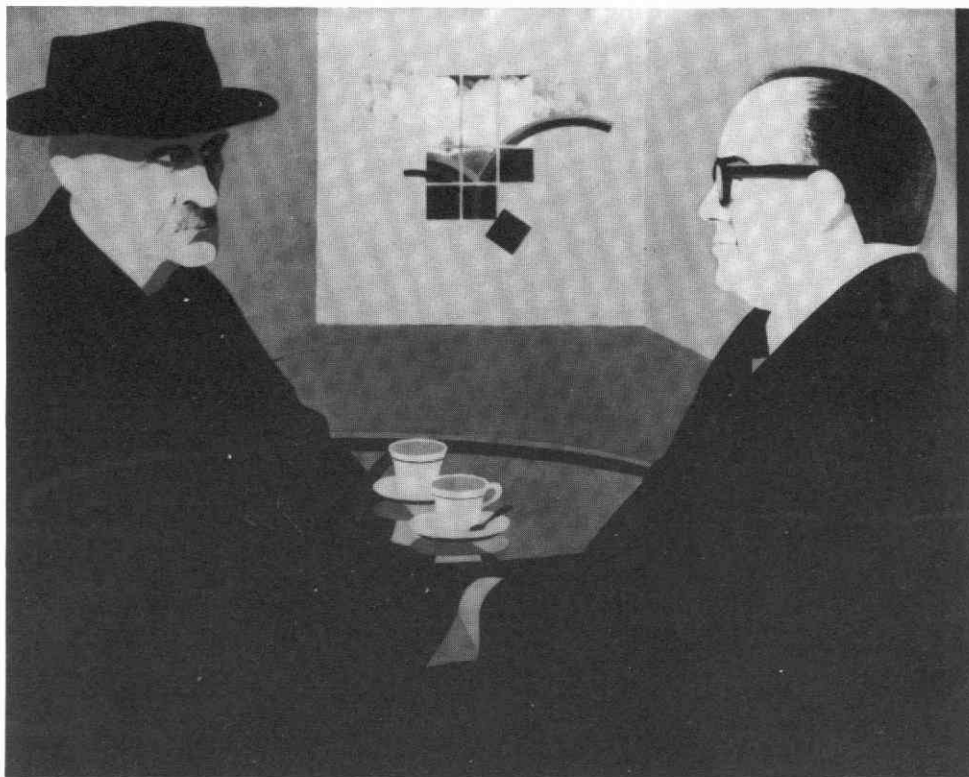
bibRIA

João Tavares

111 Aveiro Tapeçaria 150x300 1956 Ass. Com. Aveiro

João Campos Tavares — Pintor de Tapeçaria. Exposições individuais: Lisboa (1960); Viana do Castelo (1958). Exposições colectivas: SNBA (1966 e 1972); Lisboa (1949, 1967 e 1969); Porto (1941 e 1949); JTCS — Salão da Primavera (1970); JTCS — Salão de Arte Moderna (1966); Évora (1970). Exposições colectivas: Stuttgart (1969). Prémios: JTCS — 2.º Prémio (1966).

C.T.



N.º 115 Diálogo — Mário Sacramento e H. Cramês

bibRIA

Jorge Trindade

112 A Vendedeira	P	50x50	1982	Col. do autor
113 À Espera de S. Gonçalinho	D	42x30	1983	Col. do autor
114 S. Gonçalinho chegou	D	42x30	1983	Col. do autor
115 Diálogo — Mário Sacramento e H.Cramês	P	59x62	1976	Col. J. Sarabando
116 Peixeira	P	37x15	1963	Col. Dr. M. Lopes

Jorge Emanuel Tavares Trindade — Nasceu em Aveiro em 1950. Expôs pela primeira vez sendo ainda muito jovem no Salão Aveiro I (1965). Exerce actualmente a actividade de "designer". Sócio fundador do movimento Aveiro/Arte. Na sua permanência em Angola, ilustrou capas de renomados poetas da literatura natural e deu larga colaboração ao "Diário de Luanda". É autor do monumento, em Aveiro, à Aviação Naval e de diversas espécies medalhísticas e de numerosos cartazes, referentes a múltiplas actividades nacionais. De colaboração com mais catorze pintores é autor do grande mural existente em Lisboa, na Rua Soeiro Pereira Gomes. Expôs colectivamente nas exposições: "8 Jovens Aveirenses" (1965); Bienal de Luanda (1972); e em várias exposições do movimento Aveiro/Arte.

J.S.

bibRIA

José Bello

117 Paisagem Lagunar — Aveiro

P 44x65

s/ data

Col. Dr. V. Branco

José Augusto Andrade Bello da Fonseca — Nasceu em Alvôco das Várseas (Coimbra) em 1942. Radicou-se em Aveiro em 1967. Iniciou a sua actividade artística em 1960, entrando para o Círculo de Artes Plásticas, em Coimbra. Em 1974 integra-se no movimento artístico Aveiro/Arte. Participou em diversas exposições individuais e colectivas. Representado no Museu de Aveiro.

C.T.

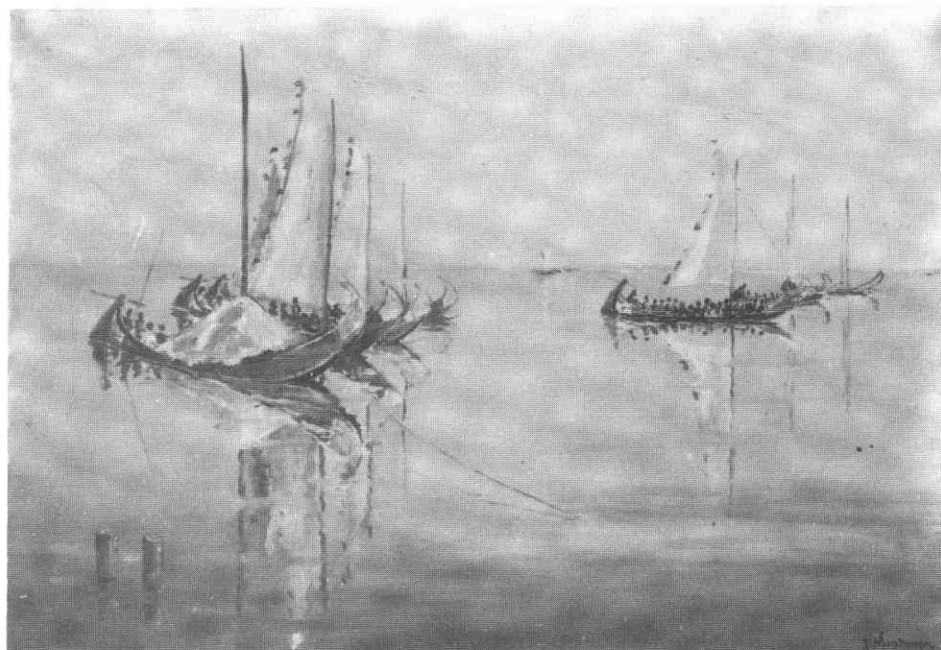
bibRIA

José Malhoa

118 Conselheiro José Luciano de Castro	P	100x60	s/ data	Câmara de Águeda
119 Conselheiro José Alpoim	P	100x60	1899	Câmara de Águeda

José Vital Branco Malhoa — Nasceu nas Caldas da Rainha em 1855 e morreu em Figueiró dos Vinhos em 1933. Pintor formado pela Escola de Belas Artes de Lisboa, onde foi aluno de Anunciação e Lupi. Membro do Grupo do Leão. Num 1.º período, dedica-se à pintura histórica produzindo grandes composições, que decoram estabelecimentos públicos. Seguidamente, dedicou o seu labor ao tratamento de cenas de um quotidiano campestre, compondo com elas uma “odisseia rústica nacional”. “Como nenhum outro pintor, Malhoa inventou uma — imagerie — popular coerente e orgânica baseada na beatice, na festa, no vinho e no labor da terra, cuja autenticidade não pode ser discutida e exige sem dúvida uma atenta interpretação sociológica”. Levou a efeito muitas exposições individuais e colectivas, tanto no país como no estrangeiro. Algumas daquelas, foram de homenagem ao artista. Prémios: Artists’ Guild — 2.º Prémio (1892); SNBA — Grande Prémio (1903, 1909, 1918, 1926 e 1938);

C.T.



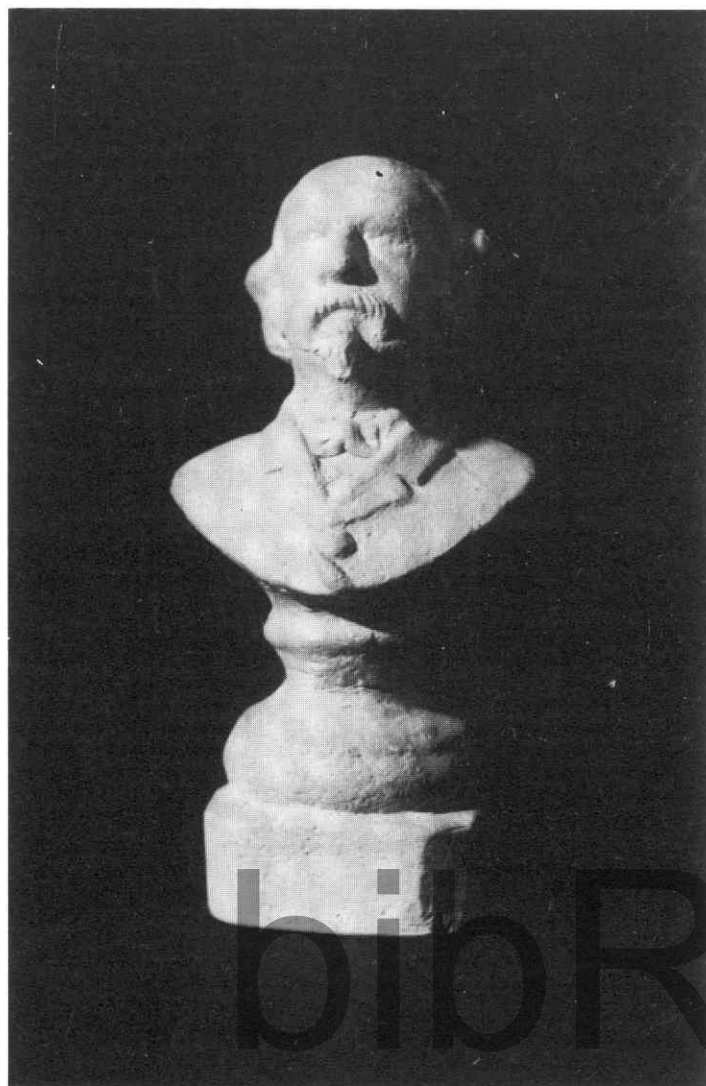
N.º 120 Festa na Ria — Véspera de S. Paio

José Mendonça bibRIA

120	Festa na Ria Véspera de S. Paio	P	100x70	1982
121	Castelo em Terras de Santa Maria	P	65x54	1982
122	Mercado Senhora do Monte — Estarreja	P	65x54	1981

José Maria da Silva Mendonça — Nasceu em Estarreja em 1923. Realizou a sua 1.^a Exposição individual em 1955. Visitas de estudo ao estrangeiro. Faz parte do Grupo 3+3. Incluído no Dicionário Inglês de Artistas Portugueses do Século XX. Realizou 27 Exposições individuais e 13 Exposições colectivas. "Medalha de Mérito" da Câmara Municipal de Estarreja. Representado no Museu de Ovar e no Gabinete Etnográfico da Região de Leiria, e também em muitas colecções particulares no Japão, Alemanha Federal, Holanda, Suécia, etc.

C.T.



José Patoilo

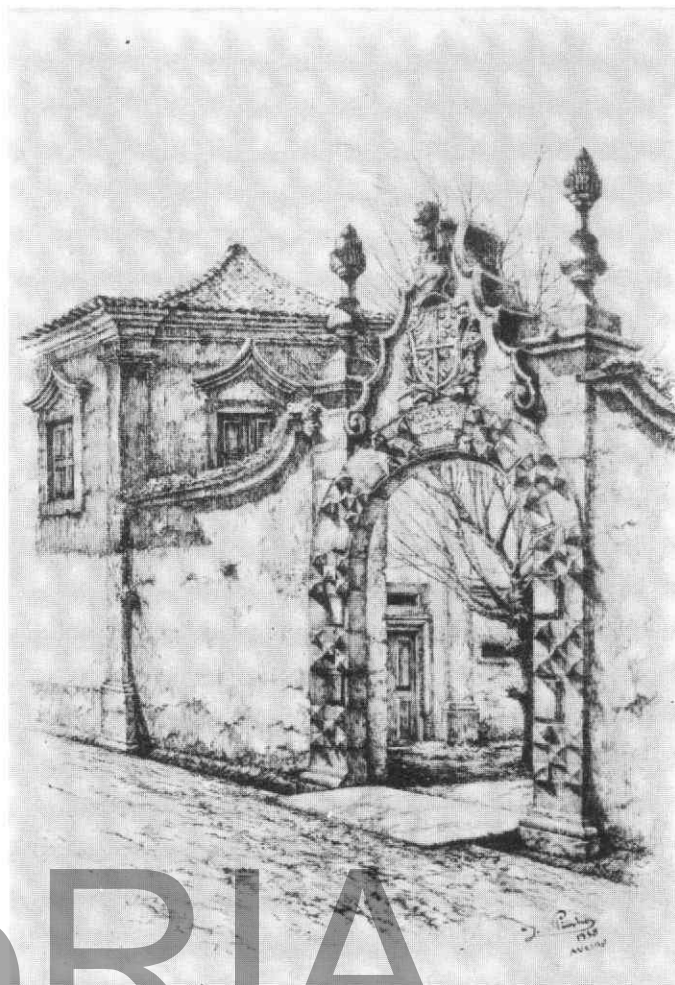
N.º 123 — Busto de José Estêvão

123	Busto de José Estêvão (grés)	C	19x9x7	1983	Museu de Ílhavo
124	Busto do Marquês de Pombal (gesso)	C	21x13x12	s/ data	Museu de Ílhavo
125	Busto de José Estêvão (biscuit)	C	12x9x7	s/ data	Col. J. Sarabando

NOTA: As peças originais moldadas pelo artista em 1882 em caulino cozido perderam-se, admitindo-se que a peça em biscuit, tenha sido moldada com a forma original. A peça em gesso é cópia do original; a peça em grés patinado, foi moldada nas Oficinas Olarte, em Aveiro com forma deixada pelo autor e que está no Museu de Ílhavo; desta peça fez-se uma edição limitada.

José dos Santos Patoilo — Nasceu em Ílhavo em 1841 e ali faleceu em 1932. Ingressou ainda muito novo na Fábrica da Vista-Alegre, chegando a ser chefe da secção de fôrmas. Mais tarde trabalhou na Fábrica de Cerâmica de Rafael Bordalo Pinheiro, nas Caldas da Rainha. Ali deixou muitas peças modeladas e vidradas com elevadas qualidades artísticas. Em 1880/81, fundou no lugar do Arnal-Ílhavo, na casa que é hoje o n.º 129/131 da Rua Dr. Samuel Maia, a sua própria fábrica, onde iniciou a produção de tijolo e pó de tijolo, e, uma diversidade de peças em caulino cozido, que ainda decoram diversas casas de Ílhavo. Foi um entalhador de mérito e escultor de sensibilidade. Pode admirar-se hoje na capela do Hospital de Ílhavo um Cristo crucificado em tamanho natural e uma Nossa Senhora da Conceição na posse dos seus herdeiros. Tomou parte em muitas exposições de antigos cerâmicos, nomeadamente a grande Exposição no Grémio Moderno em 1882, moldando para o efeito os bustos do Marquês de Pombal e de José Estêvão, que são novamente expostos. Recebeu menções honrosas em algumas exposições em que tomou parte.

C.T.



José de Pinho

N.º 129 Casa de Aradas

bibRIA

126	Balcões de Esgueira	D	28x30	1920	Col. Dr. D. Cristo
127	Recanto de Aveiro	D	30x20	s/ data	Col. Dr D. Cristo
128	Canal de Cale da Vila	P	45x90	1895 (?)	Col. Dr. D. Cristo
129	Casa de Aradas	D	38x27	1938	Col. Dr. D. Cristo

José de Pinho — Nasceu em Aveiro em 1874 e aí faleceu em 1964. Pintor e desenhador. Iniciou a sua carreira artística como operário cerâmico. Autor de um certo número de pinturas a óleo, impor-se-ia, contudo, e insofismadamente, no desenho à pena. Destro e minucioso, independente de algumas alegorias, reproduziu a tinta da china antigos solares, portões brasonados, vetustas capelas e típicos recantos da região, documentos de alto interesse para a iconografia aveirense. Sabe-se que participou na I Exposição dos Artistas de Aveiro (1963). Representado no Museu de Aveiro, onde foi Conservador e no Museu Marítimo e Regional de Ílhavo.

J.S.



N.º 130 Capela de N.ª Senhora de La-Salette — Oliveira de Azeméis

José Rodrigues dos Santos

130	Capela de Nossa Senhora de La-Salette — Oliveira de Azeméis	P	73x58	1982
131	Azenha do Rio Caima — Ossela	P	135x80	1982
132	Ponte do Castelo — Vale de Cambra	P	65x30	1982

José Rodrigues dos Santos — Nasceu em Salgueiros — Ossela (Oliveira de Azeméis) em 1957. Curso de Contabilidade. Empregado de escritório. Iniciou a prática da pintura sendo ainda muito jovem, na técnica de guache. Levou a efeito várias exposições individuais em Oliveira de Azeméis (3), S. João da Madeira (2) e Vale de Cambra (1). Está representado no Museu de Amarante em muitas colecções particulares nacionais e estrangeiras, nomeadamente no Brasil (Escritor Jorge Amado e pintor Moacir Andrade), Suécia (Engenheiro da Tetra-Pak), França e Canadá.

C.T.

José de Sousa

bibRIA

133 José Estêvão

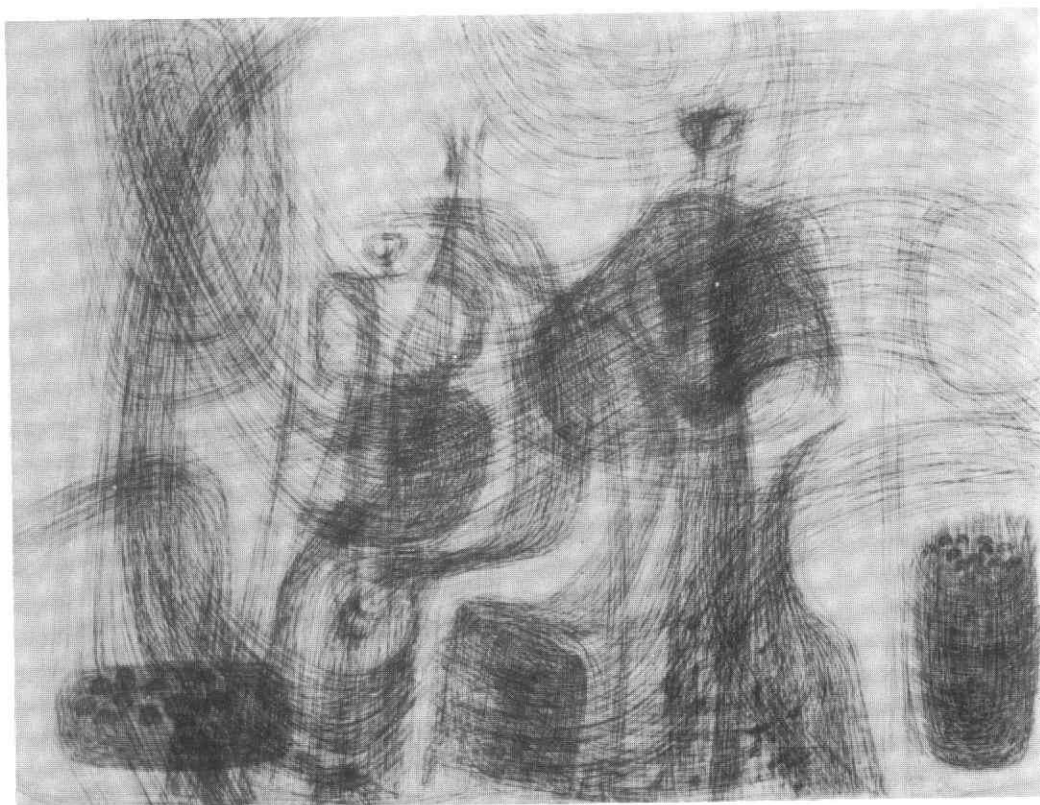
E 6x6

s/ data

Col. J. Sarabando

José de Sousa — Nasceu em Aveiro em 1842 e ali faleceu em 1882. Medalhista, desenhador e gravador em pedras finas. Radicou-se no Porto, onde se impôs de maneira notável. Foi um dos fundadores do histórico Centro Artístico Portuense, é autor, não obstante ter morrido novo, de uma dezena de medalhas, entre as quais avultam as comemorativas do tricentenário de Camões e da inauguração do monumento a José Estêvão. Citado em inumeráveis livros de arte, embora injusta e praticamente esquecido em Aveiro, sua terra, as espécies medalhísticas de José de Sousa figuram nos mais significativos medalheiros portugueses, inclusivé no Museu Nacional Soares dos Reis e no Museu de Aveiro, estas não expostas. É por isso, além de tantos outros nomes gradados da Arte, um vulto a reaprender pelos aveirenses. Participou na “Primeira Exposição — Bazar de Belas-Artes promovida pelo Centro Artístico Portuense no Palácio de Cristal do Porto — 1881”, com uma colecção de medalhas e um quadro com provas de gravuras em pedras finas e metais.

J.S.



N.º 135 Grupo da Beira Mar

bibRIA

Júlio Resende

134 Apanha do Moliço — Vagueira
135 Grupo da Beira-Mar

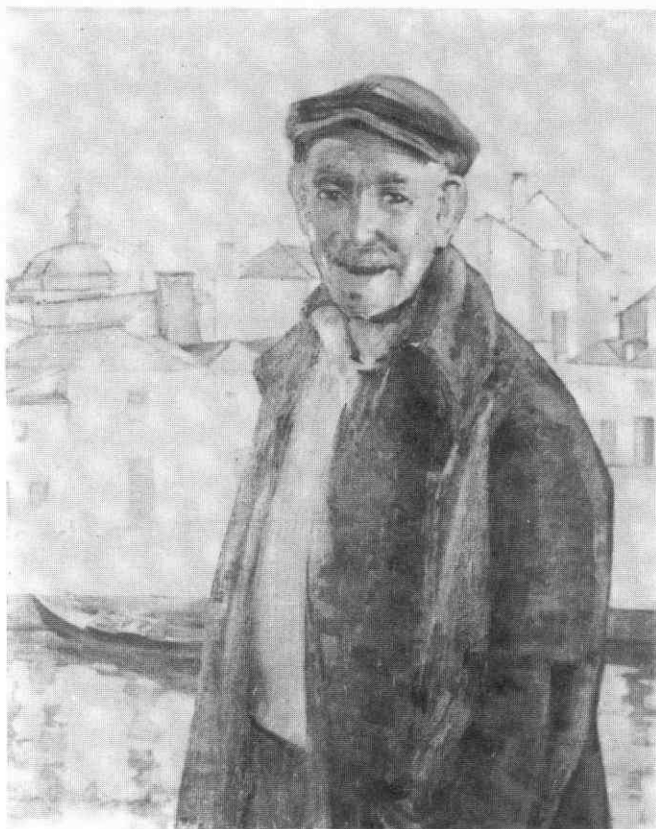
P 47x58
D 48x63

1969
1960

Col. Dr. A. Casimiro
Col. C. Teles

Júlio Martins da Silva Dias — Nasceu no Porto em 1917. Pintor, desenhador, aquarelista, gravador, ilustrador, muralista e ceramista. Curso de Pintura ASBAP, tendo sido aluno de Dórdio Gomes. Como bolseiro do Instituto para Alta Cultura esteve em 1947/48, em Paris, onde foi discípulo de Othon Friesz. Especializou-se nas técnicas de pintura mural com Duco de la Haix e "treinou-se" como copista no Museu do Louvre. A obra de Júlio Resende marca o advento da terceira geração de artistas modernos portugueses, compreendendo fases distintas, que é impossível caracterizar sinteticamente. Um crítico de relevo fala assim de determinada fase do artista: "o deslumbramento português por uma modernidade europeia pode colher-se na obra de Resende como exemplo, e exemplarmente; mas quase apetecia dizer, que esta melancolia delgada e lunar só pode ter sido bebida na fonte donde escorre o nosso melhor lirismo, que, por uma maneira enternecida de se embalar a si próprio, parece não fora das nossas fronteiras". É autor do plano de decoração da cripta do monumento "Mar Novo" sob o projecto do arquitecto João Breyner Andresen (1957). Entre outras, esteve presente nas exposições internacionais: XXV e XXX Bienais de Veneza; I, II, IV e V Bienais de S. Paulo. Exposições individuais na Noruega, Bélgica, Espanha e Brasil. Variadíssimos prémios nacionais e no estrangeiro. Representado em muitos museus nacionais e estrangeiros.

C.T.



N.º 136 Pescador da Beira Mar

Lauro Corado

bibRIA

136	Pescador da beira mar	P	97x78	s/ data	Col. Dr. M. Lopes
137	Os Ramos	P	94x128	s/ data	Câmara de Aveiro
138	Caldeirada	P	148x200	1934	Museu de Aveiro

Lauro Corado — Nasceu em Aveiro em 1908. Faleceu em 1977 em Lisboa. Foi discípulo de António Carneiro e Joaquim Lopes no Porto. Nas suas paisagens, de formas simplificadas e com cores amortecidas, revela largo sentimento da natureza. Interpretou figuras populares, nomeadamente da região de Aveiro, de que se conhecem os quadros "Os Ramos" e a "Caldeirada", como os mais relevantes. É decorador de mérito. Dedicou grande labor ao restauro de obras antigas. Professor de Arte na Escola António Arroio em Lisboa. Cultivou também o retrato. Foi bolseiro do Instituto de Alta Cultura em Itália, França e Espanha (1933). Obteve a 1.ª Medalha na SNBA (1934) e o Prémio José Malhoa (1945); SNBA — 2.º Prémio (1935) e o 1.º Prémio (1936); SNBA — Grande Prémio (1933). O SNI levou a efeito uma exposição retrospectiva da sua obra artística. Está representado no Museu de Arte Contemporânea, Soares dos Reis, Grão Vasco (Viseu), Aveiro, Portalegre, Bragança, Guimarães, etc.

C.T.

bibRIA

Lino Romão

139 Placa de Jaime de Magalhães
Lima

E

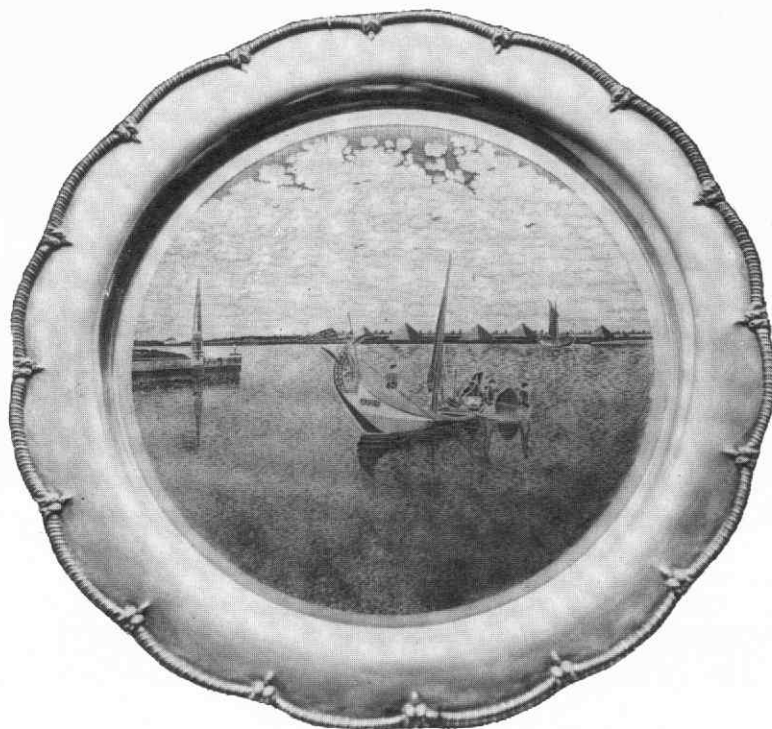
20x14

1934

Col. J. Sarabando

Lino de Pinho Romão — Nasceu em Aveiro em 1917. Tirou, na Escola Industrial Fernando Caldeira, os cursos de desenho, modelação e talha. Neles foram seus mestres, respectivamente, Silva Rocha, Romão Júnior e José Martins. Cedo compelido a “trabucar” em fotografia, quando, na verdade, se sentia vocacionado para a escultura, Lino Romão é autor de escassos trabalhos e, mesmo assim, modelados durante verdes anos. Todos em baixo relevo, revelam, além da retentativa segura do jovem artista, uma promissora técnica. Jaime Magalhães Lima, João da Maia Romão, Maria das Dores de Pinho e Jorge Couceiro da Costa são outros tantos trabalhos do escultor Lino Romão. Como medalhista, compôs três espécimes: Jaime Magalhães Lima, Aveiro (Recordação da Cidade) e Comemorações Nacionais (1140-1940). Participou na “Grande Exposição dos Artistas Portugueses”, Porto. Representado em colecções particulares.

J.S.



N.º 140 Motivos de Aveiro

Manuel de Almeida

bibRIA

140 Motivos de Aveiro G 34x34 s/ data Col. Dr. M. Candal

Manuel de Almeida — Nasceu em Geria em 1922. Gravador. Exerceu a sua profissão na casa "Topázio" no Porto. Presentemente trabalha em oficina própria. Representado em várias colecções particulares.

C.T.

bibRIA

Manuel Patrício

141 Placa de Romão Júnior C 25x20 1939 Col. J. Sarabando

Manuel Patrício do Couto Maia — Nasceu na Borralha — Águeda em 1922 e faleceu em Esgueira—Aveiro em 1960. Escultor. Muito jovem veio para Aveiro, empregando-se na Foto Vouga do escultor Romão Júnior, que se apercebeu da sua vocação artística do moço, sobretudo para a escultura. Mais tarde ingressou na Fábrica Aleluia como formista, por período breve, pois voltou à sua profissão de fotógrafo. Das suas mãos saíram inúmeras estatuetas e baixos relevos de grandes vultos aveirenses.

J.S.



N.º 142 Caldeirada

Manuel Tavares bibRIA

142	Caldeirada	P	24x31	1959	Col. Dr. M. Candal
143	Pôr do Sol nas Marinhas	P	37x54	1940	Col. Dr. M. Candal
144	Moliceiros no Cais de S. Roque	P	36x53	s/ data	Col. Dr. A. Cunha

Manuel Tavares Júnior — Nasceu em Couto de Cucujães — Oliveira de Azeméis em 1911. Morreu em 1974. Ainda moço trabalhou como entalhador nas oficinas "Martins e Candeias" de Aveiro, onde foi artífice muito cotado. Há obras desta época na posse de colecionadores de Aveiro. Conviveu, a partir de 1938, em Aveiro com o aquarelista Alberto de Sousa, que o entusiasmou à prática da aquarela. Foi um interprete fiel da Ria de Aveiro, tendo particular interesse o esmero com que trata os céus e as águas serenas. Realizou exposições colectivas na SNBA — Lisboa (1950 e 1952); Almada (1952, 1966 e 1974); Faro (1968); Matosinhos (1953 e 1963); Porto (1935). Exposições individuais em Lisboa (1942); Almada (1961) e Coimbra (1936). Representado no Museu Soares dos Reis, Museu do Porto, Aveiro, Beja, Faro, Matosinhos e Ílhavo.

C.T.

bibRIA

Manuela Canossa

145 Barcos — Aveiro

P 68x85

s/ data

Museu de Aveiro

Maria Manuela Canossa — Nasceu em Aveiro. Estudou no Porto. Actividade Artística como pintora, tendo também praticado o mosaico. Foi membro do grupo Aveiro/Arte. Exposições colectivas: Porto (1961); Aveiro (1965 e 1967). Prémios: Salão Aveiro III (1967) — 1.º Prémio de Pintura. Representada No Museu de Aveiro.

C.T.

bibRIA

Maria d'Arga

146	Pintura I	P 65x85	1967	Col. Dr. C. Melo
147	Pintura II	P 50x60	1967	Col. Dr. C. Melo

Maria Hermínia Costa e Melo d'Arga e Lima — Nasceu em Lisboa. Autodidacta, Integrante do Movimento artístico Aveiro / Arte. Realizou diversas exposições individuais e tomou parte em outras colectivas, Representada em Museus e colecções particulares.

C.T.

bibRIA

Mário Silva

148	Gaivota	P	55x45	1982	
149	Pesca à Fisga	P	54x73	1979	Col. do autor

Mário Pimentel da Silva—Nasceu em Bencanta (Coimbra) em 1930. Fundador, com outros artistas, do Circulo de Artes Plásticas de Coimbra em 1958, de que foi Director, expôs pela 1.ª vez em Coimbra em 1959. Bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian. Realizou exposições individuais em algumas cidades europeias e dos Estados Unidos da América. Possui vários prémios, nacionais e estrangeiros, de que se destacam: 1.º Prémio de Cultura "Prémio Valbruna" em Cabicce Mare na Itália; 1.º Prémio como melhor artista de vanguarda de Milão—Itália, Medalha de Prata na Exposição "Il Penello D'oro 74" em Itália; "Grande Prémio Galliano" '75" em Itália; Medalha de ouro na Colectiva de "Arte Lombarda" na Itália.

C T

Martins Barata

bibRIA

150 Um Pescador de Antanho

D 53x29

s/ data

Museu de Ílhavo

Jaime Martins Barata — Nasceu em 1899 em Póvoa de Meadas (Viana do Castelo). Faleceu em Lisboa em 1970. Praticamente autodidacta é professor do ensino secundário. Pintor, desenhador, aquarelista, gravador e ilustrador. Interessado pelo “Trecento” italiano e pelo século XV português, realizou uma vasta obra de pintor decorador, satisfazendo especialmente numerosas encomendas para o Estado, com uma figuração de sólida im- posição plástica em estilização académica de gosto oficial: Assembleia da República (1944), Conservatório Na- cional (1946); Ministério das Corporações — hoje do Trabalho (1954); Tribunal de Contas (1955); Palácios de Justiça: Gouveia, Santarém, Vila Real, Montijo, Porto, Aveiro, Olhão, Vila Franca de Xira (1954 — 1965). Gran- de oficial de Santiago de Espada e Membro da Academia das Belas Artes. Exposições em várias cidades de Por- tugal. Prémios: SNBA — 1.º Prémio (1923) — Medalha de Honra (1937). Representado no Museu de Arte Con- temporânea, Soares dos Reis, Lisboa, Caldas da Rainha, Leiria, Portalegre, Vila Franca de Xira, Viseu, Museu de Arte Moderna de Madrid e Rio de Janeiro.

C.T.



N.º 151 Palheiros de Mira

bibRIA

Martins da Costa

151 Palheiros de Mira

P 50x32

1950

Col. Dr. M. Lopes

João Martins da Costa — Nasceu em Coimbra em 1921. Pintor, desenhador, aquarelista e ceramista. Formado pela EBAP, onde obteve a bolsa José Malhoa (viagens a Roma, Ravena e Florença). Professor de Arte. Exposições individuais: Lisboa (1949, 1953 e 1960); Amarante (1968); Matosinhos (1968 e 1969). Exposições colectivas: SNBA (1946 e 1958); Lisboa: (entre 1947 e 1954, 1959, 1960 e 1966); Porto: (entre 1944 e 1957, 1964, 1970 e 1974); Lourenço Marques: (1956); Fundação Calouste Gulbenkian: (1957); I Bienal de S. Paulo: (1951) Prémios: José Malhoa — 1946; Armando Basto — 1946; António Carneiro — 1948; Henrique Pousão — 1950; SNBA — 2.º Prémio; Lisboa — 1952 — 2.º Prémio; Porto — 1.º Prémio; Itália — Grande Prémio. Representado no MNAC, Soares dos Reis, Caldas da Rainha e Matosinhos.

C.T.

Michael Barrett

bibRIA

152	Casario — Cais dos Mercanteis	P	70x90	1983
153	Cais Bacalhoeiro	P	70x90	1983
154	Casario de Aveiro	P	63x87	1893

Michael Barrett—Nasceu em Paris em 1926. Reside em Cascais. Autodidacta. Dedicou-se toda a sua vida exclusivamente à pintura, gravura e desenho. Expõe desde 1954 em Portugal, onde já realizou 20 exposições individuais. Expôs em Bruxelas em 1968. Obteve na JTCS os prémios: 2.º Prémio e Medalha de Prata no Salão do Outono (1968) e o 1.º Prémio de Pintura e Medalha de Prata (1971) —“O artista conseguiu uma tal unidade plástica, um desenho profundamente subjectivo onde a força expressiva da emoção, parece transformar-se em percepção crítica e ao mesmo tempo afirmativa, existindo ainda uma apreensão dos valores das coisas como objectos estéticos”. Está representado no Museu de Aveiro.

C.T.

bibRIA

Octávio Sérgio

156 Homem Cristo

P 52x35

1945

Col. J. Sarabando

Octávio Sérgio de Boaventura — Nasceu em Leiria em 1896 e faleceu em Vila Nova de Gaia em 1965. Jornalista, pintor e caricaturista. Começando por exercer o magistério primário, enveredou sem delongas para o jornalismo profissional e para a Arte, suas exactas vocações. Ocupou posição de relêvo na Imprensa, quer como redator, quer como cronista brilhante em alguns dos mais importantes diários portugueses, magazines e outras publicações. Como artista colaborou, como colaborara nos diários, em diversas publicações humorísticas — “Sempre Fixe”, “Maria Rita”, etc. Autor de um ou outro volume de cariz literário, publicou “A Vida e a Morte”, onde à originalidade dos desenhos se casa a mordacidade muito pessoal, das legendas. Expôs individualmente no Porto — Ateneu Comercial, Aveiro (Grémio do Comércio) em 1954, no Rio de Janeiro e em S. Paulo.

J.S.

Ortiz Alfau bibRIA

157	Reflexos — Aveiro	P 44x65	1983
158	Luz da Manhã — Murtosa	P 45x50	1983

Rafael Ortiz Alfau—Nasceu em Bilbao em 1935. Dedicase à pintura a óleo e à aquarela. Trabalha como ilustrador, desde 1961, para as Editoras Nicole de France e Krisarts, de Paris"...partindo de motivações concretas...Ortiz Alfau compõe, (com evidente espontaneidade, delicada fluidez de tons, juventude e emoção), autênticos poemas com as tintas em aguadas de espontâneo desembaraço, numa técnica sem hesitações ou incoerências, e portanto sem comprometer o equilíbrio da obra de franca comunicabilidade". O artista tem passado largos períodos em Aveiro e tem mostrado um interesse notável pela sua Ria, particularmente os temas do Porto de Pesca, tratados com atmosferas de extraordinária autenticidade. Expôs individualmente em Bilbao (1961, 1963 e 1965); Estoril (1981), Aveiro (1981). Expôs colectivamente no México, Barcelona, Madrid, Valência, Porto, Bordeus, Paris, Milão, etc. Além de outros, teve os prémios: "Cursillo de Arte"—Madrid—2.º Prémio Nacional de Pintura (1957); Bilbao—2.º Prémio Nacional de Desenho (1959); "Escuela de Arte"—1.º Prémio de Pintura—Bilbao (1960); "V Centenário da Vila de Guernica"—1.º Prémio Nacional de Aquarela (1966); Prémio Nacional de Aquarela—Barcelona (1977).



N.º 160 Velhos Palheiros do Sul — Costa Nova

bibRIA

Palmiro Peixe

159	Pátio — Sever do Vouga	P 25x34	1952	Col. do autor
160	Velhos Palheiros do Sul Costa Nova	P 40x58	1975	Col. do autor
161	Mota da Vista-Alegre	P 46x59	1976	Col. do autor

Palmiro da Silva Peixe — Nasceu em Ílhavo em 1901. Admitido em 1913 na Fábrica da Vista Alegre como discípulo de Cândido da Silva, após um período de aprendizagem com o mestre Duarte de Magalhães, inicia a carreira de pintor cerâmico, que só deixará em 1975, altura em que se reforma. Em 1963 é nomeado Mestre de Pintura, onde revelou bem a sua ânsia de renovação e inconformismo, perante a decadência artística em que se encontrava a Fábrica no primeiro quartel deste século. Das suas mãos saiu um grande número de peças decoradas com um grande requinte de bom gosto e qualidade. Paralelamente ao labor da cerâmica, dedicou-se também à pintura a óleo e aguarela, em que partindo das emoções colhidas na paisagem local, as interpreta com uma liberdade de expressão plástica muito original. Tomou parte em diversas exposições de homenagem ao homem e ao artista — respectivamente no Museu Histórico da Vista Alegre e no Marítimo e Regional de Ílhavo. Representado em diversas colecções particulares, para além daquelas instituições.

C.T.



Paulo Namorado

bibRIA

N.º 164 Arrais Ançã

162	Faina do Moliço — C. Nova	P	33x29	1921	Museu de Ílhavo
163	Canal da Malhada — Ílhavo	P	45x38	s/ data	Col. Cap. A. Nordeste
164	Arrais Ançã	P	37x32	s/ data	Col. Cap. A. Nordeste

Paulo de Brito Namorado — Nasceu e faleceu em Ílhavo. Ingressou muito jovem na Fábrica da Vista-Alegre, frequentando as aulas de desenho e pintura. Aí se manteve como pintor cerâmico até aos 25 anos, deixando larga produção de peças artísticas decoradas com flores, frutos e figuras humanas. Emigrou para o Brasil onde exerceu a profissão de fotógrafo, que manteve na sua terra natal até à morte. Teve alguns prémios em exposições da especialidade. Dedicou certo labor à pintura a óleo, interpretando com fidelidade os motivos da Ria de Aveiro. Está representado no Museu de Ílhavo.

bibRIA

Platão Mendes

165	Convento de Jesus — Aveiro	P 35x48	1979	Câmara de Aveiro
166	Ponte Praça — Aveiro	P 37x50	s/ data	Ass. Comercial de Aveiro

Adelino Platão Mendes Bastos — Nasceu em Lisboa em 1905. Pintor, aquarelista e fotógrafo. Exposições individuais: Porto (1968, 1972, 1973 e 1974). Representado no Museu de Aveiro e em muitas colecções particulares.

C.T.

bibRIA

Romão Júnior

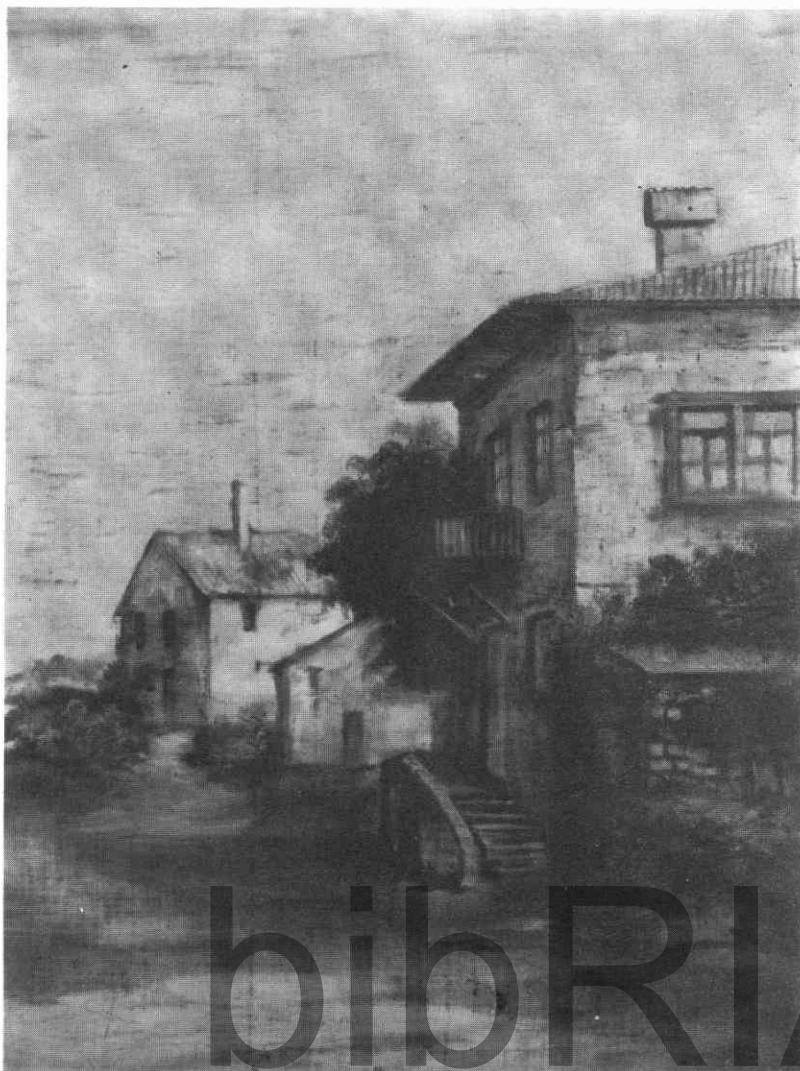
167 Busto de João Romão

E 38x29x20

1915 Col. J. Sarabando

José de Maia Romão Junior — Nasceu em Aveiro em 1879 e ali faleceu em 1949. Cursos de Pintura e Escultura na então Academia Portuense de Belas Artes, tendo como professores Teixeira Lopes e Marques de Oliveira. Trabalhou inicialmente como pintor cerâmico em diversas fábricas, designadamente no Porto e na Vista Alegre. Montou uma fotografia em Aveiro. Posteriormente foi nomeado Mestre de Modelação na Escola Industrial Fernando Caldeira, em Aveiro, tendo sido professor de uma escola de jovens que vieram a afirmar-se de certa maneira. Romão Junior foi um escultor de feição académica de grandes recursos; apesar da incompreensão do meio, deixou uma vasta obra, havendo a lastimar o facto de ter pessoalmente destruído excelentes trabalhos. Da sua obra, destacam-se as seguintes: Cego do Maio (Monumento na Póvoa de Varzim), Manuel Firmino (Monumento em Aveiro), Aos Vencidos do 1.º de Janeiro (Baixo relevo no Monumento do Prado do Reposo, Porto). É também autor de várias medalhas em terra-cota. Tomou parte nas exposições colectivas: SNBA, (1904); Ateneu Comercial do Porto (1904/5); Grémio—Gynásio Aveirense (1903). Grande Exposição de Artistas Portugueses—Porto (1935). Representado no Museu da Figueira da Foz e em muitas colecções particulares.

J.S.



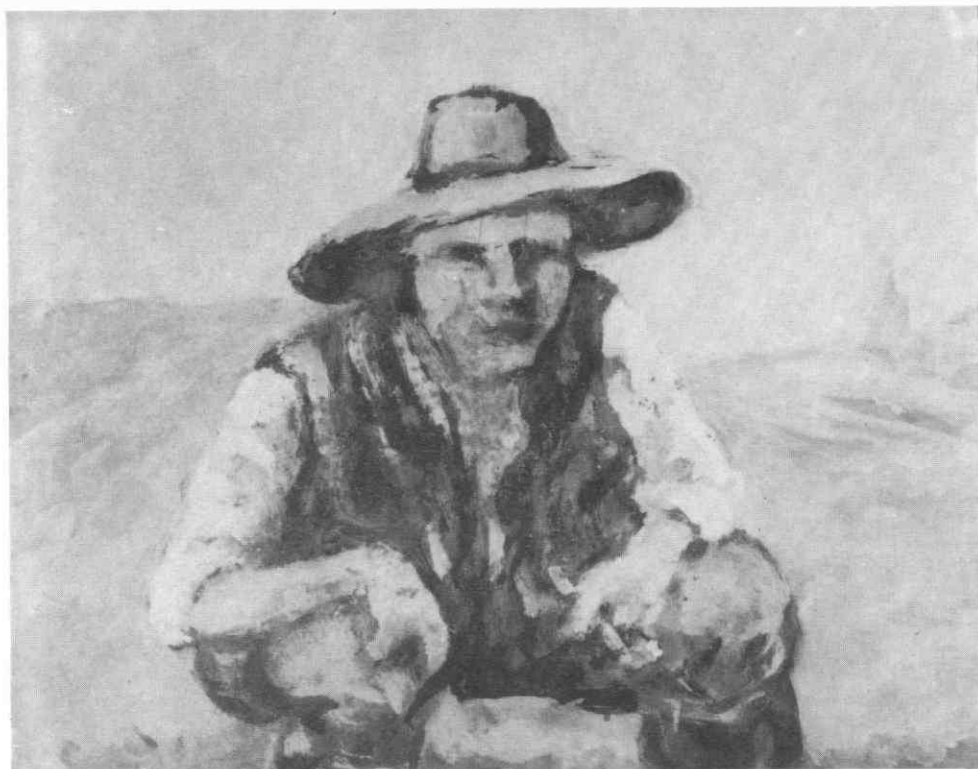
Samuel Maia

N.º 168 Chousa Velha — Ílhavo

168	Chousa Velha — Ílhavo	P 80x62	s/ data	Col. Arq. S. Quininha
169	Estrada do Arnal — Ílhavo	P 39x30	s/ data	Museu de Ílhavo

Samuel Tavares Maia — Nasceu em Ílhavo em 1868 e ali faleceu em 1919. Médico cirurgião pela Escola Médica Sirúrgica do Porto, poeta, dramaturgo, jornalista e pintor. Foi Administrador do concelho de Ílhavo e Governador Civil de Aveiro. Entre outras deixou as seguintes obras literárias: A Dor Humana, Livro da Alma, Berenice da Judeia, Amoroso Enleio, Promessa à Virgem, D. Dinis de Portugal, Gargarejando, À Espera de Noivo, Busto de Mulher, O Regedor de Palhoças. Dotado de grande fulgor artístico, frequentara enquanto cursava medicina na cidade do Porto, ateliers de mestres de pintura, seus amigos, onde desenvolveu a sua sensibilidade por aquela arte. Dedicou-se em especial à paisagem a óleo, de trechos da sua região, que, são, hoje elementos documentais.

S.Q.



N.º 170 Lavrador de Aradas

Silva Rocha bibRIA

170	Lavrador de Aradas	P	61x26	s/ data	Col. Dr. M. Lopes
171	Parados em descanso	P	31x25	s/ data	Col. Dr. M. Lopes
172	Caldeirada	P	24x70	s/ data	Col. Dr. D. Cristo
173	Palheiro nas marinhas	P	24x70	s/ data	Col. Dr. D. Cristo

Francisco Augusto da Silva Rocha — Nasceu em 1865, em Aveiro e ali faleceu em 1957. Pintor e pedagogo. Director, ao longo de quatro décadas da Escola Comercial e Industrial Fernando Caldeira, nela ensinou desenho e numerosísimos jovens, alguns dos quais viriam a destacar-se no meio artístico nacional (Lauro Corado, Manuel Tavares, etc, etc.). Ensinou também desenho no Liceu de Aveiro e na Fábrica da Vista Alegre. Muitos dos seus trabalhos decoram Instituições e casas particulares de Aveiro, sendo também autor de alguns projectos arquitectónicos da cidade.

bibRIA

Silvério Damas

174	Placa com o Brazão de Aveiro	C	52x52	1970	Col. do autor
175	Placa com motivos da Ria	C	32x32	s/ data	Col. do autor

Silvério Francisco Damas — Nasceu em Ílhavo em 1910. Ingressou ainda muito jovem na Fábrica Jerónimo Pereira Campos, em Aveiro, frequentando, paralelamente, a Escola Industrial Fernando Caldeira, onde tirou o Curso de Desenho e Modelação. Durante o longo período de permanência na Fábrica (61 anos) abarcou, praticamente todas as actividades da mesma, grês e barro vermelho, chegando a exercer as funções de chefe de secção de modelação. Reformou-se em 1981, continuando, porém a pôr toda a sua experiência ao serviço das Oficinas Olarte. Modelou inúmeras peças, de que se destaca, o Medalhão do Bispo de Leiria, para a Basílica de Fátima. Está representado no Museu de Ílhavo e em muitas colecções particulares.

C.T.

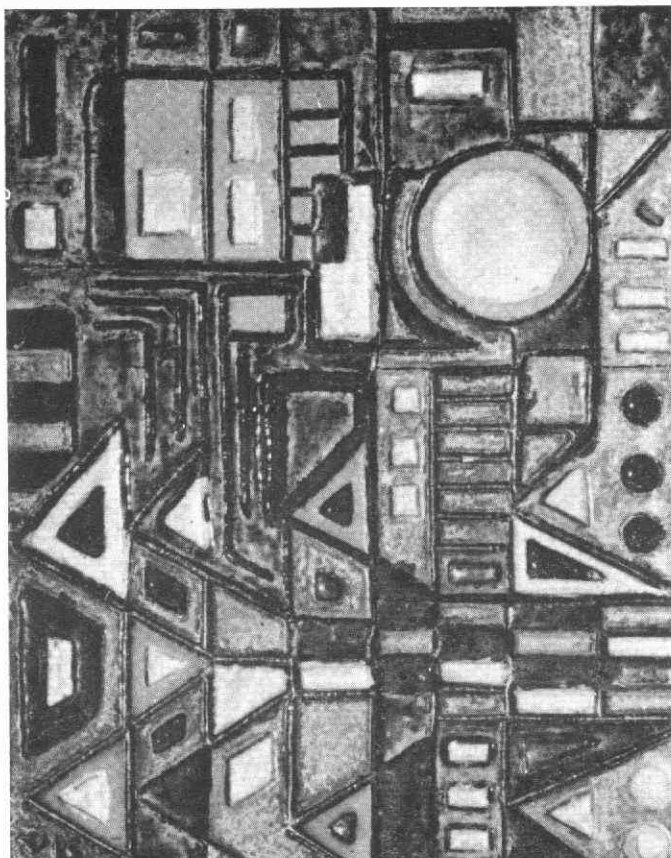
bibRIA

Vasco Afonso

176 Barcos	P	130x97	1982
177 Paisagem aquática I	P	60x80	1980

Vasco Afonso da Silva Branco — Nasceu em Aveiro em 1956. Licenciado em Engenharia pela Universidade do Porto. Assistente no Instituto Superior de Engenharia do Porto, desde 1980. Dedicar-se ao cinema de animação e é actualmente estudante de pintura na Escola Superior de Belas Artes do Porto. Faz parte do Grupo Aveiro Arte.

V.B.



N.º 180 Cidade

bibRIA

Vasco Branco (VIC)

178	Viúvas do mar	C	33,5x24,5	1980	
179	Alga	C	42x50	1970	
180	Cidade	C	60x50	1968	
181	Feira de Barcos	P	59x79	1947	
182	Cais da Gafanha	P	55x70	1948	Col. Dr. C. Melo
183	Lugres	P	50x72	1948	Col. Dr. C. Melo

Vasco Augusto de Pinho Ferreira Branco (VIC, nome artístico) nasceu em Aveiro, em 1919. Cinco anos de desenho e pintura na Escola Fernando Caldeira. Três anos de modelação com o escultor Romão Júnior. Licenciado em Farmácia. Escreveu contos, novelas e romances. Prémio Antero de Quental em 1946 e Prémio da Associação Portuguesa de Escritores e Secretaria de Estado da Cultura em 1979. Obras traduzidas em búlgaro. Funda com outros escritores o suplemento literário "Companha". Foi sócio do "Sindicato de Jornalistas e Escritores Franceses" e da "Comunità Europea Degli Scrittori". Representado nas antologias "Ibondeiro", "Almanaque", "Mosaico" e "Novelas Marítimas Latinoamericanas". Colaboração literária em revistas e jornais. Direcção gráfica de "Figuras". Quanto às artes plásticas, foi sócio fundador do grupo Aveiro/Arte. Obras em museus e colecções particulares nacionais e estrangeiras. Tem a direcção artística das "Oficinas Olarte". Dedicou-se ao cinema experimental e foi sócio fundador do Cine-Clube de Aveiro. Seus filmes projectados e galardoados nos cinco continentes. Dirigiu vários cursos de iniciação cinematográfica.

V.B.

Zé Augusto



N.º 185 Tricana

184	Homem do Gabão	C	35 Alt.	s/ data	Col. Dr. M. Lopes
185	Tricana	C	48 Alt.	s/ data	Col.V. Branco
186	Fogueteiro	C	45 Alt.	s/ data	Col. Dr. M. Lopes
187	Marnotos	P	60x30	1973	Col. J. Sarabando

José Augusto — Nasceu em Aveiro em 1930. Curso de desenho e pintura na Escola Industrial de Aveiro. Iniciou a sua actividade como profissional de cerâmica na Fábrica de Faianças de S. Roque. Ingressou depois, sucessivamente nas Fábricas Artibus e Fábrica Aleluia. Montou oficinas próprias, primeiro em Angola, e seguidamente em Aveiro, esta em 1977. Da sua Oficina têm saído inúmeras peças inspiradas na paisagem e no meio humano locais, aspecto este em que se afirmou um barrista do nível da boa tradição aveirense. Faz parte do movimento artístico Aveiro-Arte. Tomou parte em muitas exposições colectivas. Teve prémios em exposições escolares. Exposição "Cristo na Arte"-Aveiro—1.º Prémio. Representado no Museu de Aveiro e em inúmeras colecções particulares, nacionais e estrangeiras.

C.T.



N.º 188 O homem do Sal

bibRIA

Zé Penicheiro

188	O Homem do Sal	P 82x70	1983
189	Velas em Azul	P 50x40	1983
190	Faina do moliço	P 32x23	1983

José Penicheiro — Nasceu em Candosa (aldeia Beirã) em 1921. Inicia a sua carreira artística como caricaturista e ilustrador, colaborando em diversos jornais e revistas. Individualmente expôs na Figueira da Foz, Coimbra, Funchal, Lisboa, Porto, Ovar, Aveiro, Águeda, Tomar, Viana do Castelo, Algarve e em Salamanca (Espanha). Colectivamente em várias exposições de que se destacam: Salão de Outono da SNBA (1956), 4 Pintores da Galeria Abel Salazar — Porto (1974). Representado em muitas colecções particulares, nacionais e estrangeiras e em museus nacionais.

C.T.

Em 1905, um grupo de cinco antigos operários cerâmicos constituiu-se em "sociedade", cujo objectivo fundamental era a produção de louças e azulejos. Situava-se no Largo dos "Santos Mártires", assim passando a ser conhecida.

Um ano depois, por desentendimento entre os sócios, João Aleluia, operário, artista e pintor, assumiu, como empresário, o activo e passivo da Fábrica. Em 1911, face à limitação de espaço das instalações dos "Santos Mártires", J.A. comprou a Quinta da Nunes do Azeite, na Rua da Fonte Nova. Entretanto, já a qualidade da produção tinha conquistado os mercados nacionais, especialmente a Beira Alta. E, até 1917, a principal novidade foi a introdução de um moinho de vento, pela grossa quantia de 50\$00, fabricado por M. João Branco, da Quinta do Picado.

Neste 1.º período, laborando cerca de vinte pessoas, embora a maior produção fosse doméstica, os dotes de João Aleluia transpareciam em jarras, pratos decorativos, painéis. Mas a azulejaria é ainda reduzida.

De 1917 a 1935, com a transferência da fábrica para o Canal da Fonte Nova, novos fornos e aproveitamento da água das marés para moer o vidro, reforçando a energia eólica, e, depois, num motor a gás de 10/12 c.v., verificou-se um novo período de crescimento.

É o após Guerra, com o ressurgimento de novas empresas do ramo e desenfreada concorrência. Os filhos de Aleluia, Gervásio e Carlos, concluídos os estudos preliminares, fazem renascer as louças decorativas e os painéis, realizando várias exposições, a 1.ª em 1922, que foi assinalável êxito, como lançamento da "Aleluia", como passou a chamar-se.

O interesse dos filhos leva a introduzir novas máquinas, vindas de Limoges e da Alemanha, para dar à fábrica outra dimensão. Mas, João Aleluia morreu, inesperadamente, em 1935, quando aí trabalhavam 24 operários, sendo de 300.000\$00 a produção anual.

De 1936 até 1955, ressalta uma extraordinária acção social e cultural que bem atesta a situação de progresso económico. Quanto à produção, esta não se afastou das linhas essenciais traçadas por J. Aleluia. Mecanizada em sintonia com as melhores do seu ramo industrial, é a azulejaria a grande aposta do mercado, ganhando neste sector o respeito pelos seus mais directos concorrentes. Beneficiando de uma excelente oficina de pintura, os seus painéis espalham-se um pouco por todo o mundo, mas especialmente pelas antigas colónias e Brasil. Ao completar os 50 anos de existência, em 1955, a fábrica Aleluia atingia o auge da sua vida artística e da inserção na vida aveirense. Contava então cerca de 400 operários, entre os quais alguns dos melhores artistas cerâmicos do nosso século. Por aí passaram, entre outros, Francisco Pereira, Licínio Pinto, João Lavado.

De então, até 1973, gradualmente, novos projectos vão surgindo com vista a uma total reconversão. A compra de vasta área na Quinta do Simão era, pensavam os dois irmãos, o arranque para a etapa mais próspera. Mas, nesse mesmo ano, a fábrica foi transaccionada, desraizando-se das características que lhe tinham dado um forte cunho aveirense, e como que empresa modelar, conjugando o labor fabril com intensa vida cultural. Enquanto as novas instalações progridem, as velhas, na Rua da Fonte Nova, vão sendo a pouco e pouco desactivadas e, com elas, um símbolo nas artes cerâmicas da Região.

A. N.

bibRIA

1	Porto de Pesca — Aveiro	Ass. Marino	C	75x60	1938	
2	Pote com motivos da Ria	Ass. Marino	C	63x24x24	1944	Col. do autor
3	Prato com motivos de Painéis de Moliceiros		C	30x30	s/ data	Col. J. Sarabando
4	Prato com motivos da Ria	Ass. J. Santos Silva	C	18x24x24	1945	Câmara de Aveiro
5	Jarra com motivos da Ria	Ass. J. Santos Silva	C	40x40	1945	Câmara de Aveiro
6	Peixes e Búzios		C	87x46	s/ data	Col. G. Aleluia
7	Pote I Com motivos da Ria		C	16x14	s/ data	Col. G. Aleluia
8	Jarrão II com motivos da Ria		C	56x26	s/ data	Col. G. Aleluia
9	Prato com Santa Joana		C	24x24	s/ data	Col. Paço Episcopal
10	Jarrão I com motivos da Ria		C	47x26	1970	
11	Pote II com motivos da Ria		C	20x20	s/ data	
12	Prato com Cruzeiro de S. Domingos		C	24x24	1970	

NOTA: As peças N.ºs 4 e 5 são Prémios atribuídos a alunos da Escola Industrial Fernando Caldeira.



N.º 1 — Síntese de Aveiro

bibRIA

A fábrica de S. Roque ou do Canal foi fundada, em 1931, pelo ceramista aveirense Manuel da Silva, que, não sendo rico, associou duas pessoas mais abonadas. Devido a problemas financeiros e desinteligências entre os sócios, a sociedade acabou por dissolver-se escassos anos após.

Credor da Firma, o dr. Manuel Vieira de Carvalho, de Setúbal, decidiu ficar com todo o activo e passivo. Mas, indo mais longe, cedeu a fábrica, em regime de exploração, a vários operários cerâmicos da zona aveirense. A experiência, entretanto, malograr-se-ia, a breve trecho, já por carências financeiras, já por dificuldades de cariz técnico.

Assim, no decurso de 1940, verificou-se a venda da fábrica ao experimentado ceramista João Bernardo Moreira, dono, na altura, de um pequeno estabelecimento fabril do género no vizinho lugar de Aradas.

Até que, cinco anos mais tarde, ou seja, em 1945, constituiu-se uma sociedade por quotas, "Faianças de S. Roque, L.da", entre o aludido João Bernardo Moreira, os aveirenses João Marques de Oliveira (Lavado) e João Matias Vieira, e ainda José António de Aguiar, do Porto.

Entrementes, em 1953, este último, que se ausentara para o Brasil, cedeu a sua quota ao sócio João de Oliveira (Lavado). Por seu turno, João Bernardo Moreira falecera no referido ano de 1950, ficando a respectiva quota, indivisa, pertença, na quase totalidade, dos sócios sobreviventes.

Em 1964, nova modificação se registaria, porquanto entraram dois novos sócios — António da Silva Matias e Nuno Tavares Pinheiro.

Por fim, e depois de vicissitudes recentes, a fábrica foi transaccionada, encetando uma nova etapa.

Ao longo da sua existência, o estabelecimento fabril realizou três exposições:

Numa sala, da Rua Coimbra, em data que não nos ocorre de momento, e em que figuraram, além dos trabalhos de João Lavado, produções de outros operários-ceramistas da fábrica;

no Salão Municipal de Cultura (de 26-12-1970 a 10-1-1971), onde, de permeio com meritórios trabalhos de operários-ceramistas, se destacavam, sobremaneira, as peças de João Lavado e de Celestino Moreira (Pim), entretanto pequeno sócio da fábrica;

e no Salão do Grémio do Comércio (16 a 31 de Dezembro de 1972), que reuniu, exclusivamente, trabalhos de João Oliveira (Lavado), Celestino Moreira (Pim) e Arminda Vieira de Freitas (Mindoca), esta do Porto, mas aluna de Lavado.

Restará talvez acrescentar que, nos iniciais cinco anos do estabelecimento fabril, apenas se usou a marca na louça artística. Ao longo dos 10 anos seguintes, enveredou-se pelo uso da marca, com carimbo, em azul. Finalmente, e até quase ao termo, ou até mesmo ao termo da década de setenta, passou a empregar-se idêntica marca, mas a verde.

Bem acompanhado, a seu tempo, por Celestino Moreira (Pim), poderá afirmar-se, sem sombra de contestação, que o prestígio da fábrica de S. Roque, do ponto de vista artístico e mesmo técnico, nasceu do "savoir-faire" de João Lavado. Conhecedor profundo de mil segredos do ofício além de ceramista notável, inovou e pintou infatigavelmente. Mais ainda, o que não é somenos: ensinou devotadamente, a arte a meio mundo...

J.S.

bibRIA

1	Síntese de Aveiro — Ass. J. Lavado	C 61x75	1959	Col. J. Sarabando
2	Prato com Quadra Popular	C 33x27	s/ data	Col. J. Sarabando
3	Prato com Quadra Popular	C 33x27	s/ data	Col. J. Sarabando
4	Prato com Homem Cristo	C 33x27	1973	Col. J. Sarabando
5	Vertedoiro com motivos da Ria	C 45x2	s/ data	Col. Dr. D. Cristo
6	Azulejo com motivos do Canal de S. Roque	C 30x45	s/ data	Col. Dr. M. Candal

Em 1882, Carlos da Silva Melo Guimarães fundou a Fábrica da Fonte Nova, que se manteve até à década de trinta. As suas faianças logo começaram a ser apreciadas tanto no País como nas suas Colónias e até no Brasil. Os painéis de azulejo, as grandes talhas e as peças decorativas, a par da louça utilitária, tiveram a consagração que a sua beleza e acabamentos mereciam. Entre outros artistas aqui grangearam nome, Licínio Pinto, Francisco Pereira, A. J. Mota, M. Paulino... das quais mesmo entre nós se pode verificar a sua capacidade recreativa; disto são exemplos as decorações em azulejaria no interior e no exterior da Casa de Santa Zita (antigo palacete dos Viscondes da Granja), nas paredes da estação do caminho de ferro.

bibRIA

1	Azulejo com motivo das Pirâmides Ass. F. Pereira	C	18x20	1904	Col. Dr. D. Cristo
2	Azulejo com decoração do Real Convento de Santa Joana – Ass. F. Pereira	C	30x21	1903	Col. Dr. D. Cristo
3	Jarra com motivos do Canal das Pirâmides Ass. A. J. Mota	C	36x17x17	1927	Col. Dr. D. Cristo
4	Painel com as Primeiras Fornadas das 1. ^{as} Fábricas aveirenses de faiança, com suas datas	C	111x42	s/ data	Col. Dr D. Cristo
5	Cesto (Macola) com taírnhas	C	21x76	s/ data	Col. J. Sarabando
6	Embarcações no Vouga – Ass. M. Paulino	C	28x33x15	1895	Col. J. Sarabando
7	Canal das Pirâmides	C	24x32	1916	Col. J. Sarabando
8	Tinteiro com motivos da Ria	C	16x23x15	1939	Col. Dr. M. Candal

Resultado de uma sociedade constituída em 1970, a PRIMAGERA nasceu por escritura pública de 23 de Maio de 1971, com capital quase exclusivamente pertencente à família Madail.

Implantada na freguesia de Aradas, onde laboram outras fábricas do mesmo ramo, rapidamente ganhou prestígio, impondo-se no mercado. A princípio dotada de apenas um forno de oito canais, com uma produção de 7.000 peças dia, eram seus objectivos a faiança doméstica e, lateralmente, decorativa.

Após mais de uma dezena de anos de laboração, os objectivos fundamentais mantêm-se, mas os resultados práticos traduzem-se por cerca de 30.000 peças dia, com apetrechamento de linhas automáticas de produção.

São seus principais mercados a França, Alemanha, Bélgica e Estados Unidos da América, embora o mercado nacional tenha também grande peso, representando cerca de 25 por cento da facturação.

Quanto a trabalhadores, estes rondam a centena e meia, no ocaso de 1982.

A sua produção artística assume particular interesse com a dedicação, desde o início da fábrica, do grande mestre modelador Armando Andrade, que na Vista Alegre deixou discípulos e presença notável. Depois de ter passado pela Artibus e pela SPAL, entre outras, aqui se radicou, contando hoje 74 anos. A decoração tem o cunho popular de A. Carvalho, em especial de temática regional e floral, hoje também reformado, a que Jacinto Bastos empresta, de quando em quando, a sua arte.

A.N.

1	Prato	C	32x32	1983
2	Prato	C	32x32	1983
3	Prato	C	22x22	1983
4	Prato	C	22x22	1983
5	Golfinho	C	30x15	1982
6	Talha	C	42x33	1983
7	Terrina	C	25x35	1983
8	Travessa	C	44x32	1983

1 – Antecedentes

Corria o ano de 1962 quando Jorge Pereira Campos Mourão de Mendonça Côrte-Real, bisneto do grande industrial de cerâmica e aveirense Jerónimo Pereira Campos, pensou em montar uma pequena oficina de cerâmica, para nos tempos livres, se poder dedicar ao estudo de pastas cerâmicas e vidrados, pelo sistema de monocozedura, tendo em vista um futuro fabrico de grés decorativo de feição artesanal. A sua actividade profissional, no cargo de director técnico das Fábricas Jerónimo Pereira Campos, Filhos, de Aveiro, não lhe deixava tempo disponível para se dedicar a estes trabalhos, e como não dispunha dos necessários meios financeiros, recorreu ao seu amigo industrial de cerâmica José Fernandes Costa Abrantes, proprietário da Fábrica de Cerâmica das Almas da Areosa, de Aguada de Cima, que se dedica à fabricação de produtos de grés. A generosidade e facilidades concedidas por este industrial, tornaram possível a efectivação das experiências necessárias para se chegar à certeza e êxito do projecto em vista.

Em fins de 1963, Jorge Corte-Real, em colaboração com Jaime Borges, actual proprietário das Galerias Borges, com vista a constituir uma futura sociedade, adquirem um primeiro forno eléctrico para cerâmica, de capacidade 0,250 m³, e instalam a sua oficina no logradouro contíguo à habitação de J. Corte-Real, que tem acesso pela Travessa das Olarias, em Aveiro. Em regime puramente familiar, trabalhavam nos tempos livres, além das pessoas citadas, as próprias esposas e as filhas do casal Corte-Real.

2 – Oficina "OLAVE"

Dada a forma como evoluiu todo o processo de aperfeiçoamento técnico ao longo dos anos 64,65 e 66, constituiu-se uma sociedade em 1967, com a designação de OLAVE-Olaria Nova de Aveiro, Lda.

Era o reviver das novas olarias aveirenses de tão largas tradições. E precisamente no mesmo local onde outrora tiveram existência as velhas olarias de barro vermelho de Aveiro.

Adquiriu-se então um segundo forno, com a capacidade útil de 0,500 m³, e passaram a trabalhar na oficina, além dos familiares, dois empregados.

Desde o seu início a OLARTE passou a ser local de obrigatório encontro, num convívio assaz benéfico, nos aspectos técnico e artístico, de vários artistas aveirenses, ou de fora de Aveiro. Em 1968, Mestre Júlio Resende procurava uma olaria onde pudesse executar seis grandes painéis cerâmicos para o Palácio da Justiça de Lisboa. Gostou do ambiente de trabalho familiar, da técnica e qualidade dos artefactos produzidos e ali "pousou" para efectuar o referido trabalho. Desta honrosa presença do Mestre e de sua esposa, durante oito meses, muito beneficiaram todos quantos ali trabalhavam e vieram a trabalhar.

Na ausência de quatro anos, a partir de 1967, de Jorge Côrte-Real, que foi dirigir uma fábrica de cerâmica na Galiza, ocupou o seu lugar... D. Cristina Côrte-Real, que entretanto se inteirou por completo de todos os processos técnicos de fabricação e decoração.

Em fins de 1970 Jorge Côrte-Real, regressa ao país para montar a Gresval, Vale do Grou – Águeda e fazer parte da sociedade então constituída. Transferiu-se todo o património da Olave para a nova unidade fabril, inclusivé o pessoal, passando a fabricar-se ali todos os produtos que eram produzidos em Aveiro. Beneficiou-se assim uma unidade industrial, com uma experiência de mais de oito anos, mas por outro lado empobreceu-se o artesanato cerâmico de Aveiro.

3. – Oficinas “OLARTE”

Jorge Côrte-Real, depois de ter dirigido tecnicamente a Gresval durante sete meses, e depois também a Gresil — Fábrica de Produtos de Grés da Mourisca do Vouga, resolve em 1973 montar nova olaria em Aveiro, em moldes diferentes da extinta OLAVE, mantendo o processo de monocozedura em grés decorativo, tipo artesanal. Amplia as instalações, adquire um novo forno eléctrico de 0,325 m³ de capacidade útil e em 6-2-1973 começa a laboração da nova oficina, com o nome de “OLARTE”.

As “oficinas OLARTE”, dentro dum espírito de abertura e dum chamamento a todos quanto estejam dispostos a dignificar as artes plásticas, têm vindo a servir a cerâmica portuguesa com dignidade e espírito inovador. Vasco Branco, personalidade aveirense polifacetada — letras, cinema e artes plásticas — é desde a primeira hora, o seu director artístico.

Ao longo de dez anos de actividade, tem procurado a colaboração artística dos que dignifiquem o que é lá produzido. Assim cheio da amizade e incentivo que dispensa à Olarte o Professor Júlio Resende, prestam colaboração assídua, o artista ilhavense Cândido Teles, o Professor portuense Avelino Rocha, Silvério Damas, cotado técnico de formas, desde a primeira hora, é depositário de uma insuperável experiência de mais de 60 anos como profissional de cerâmica.

A olaria, para além de tudo o mais, presta todo o apoio às Escolas Secundárias da região facultando as suas instalações para visitas periódicas dos alunos e professores, e fornecendo matéria prima para trabalhos oficinais, tem dado colaboração à Comissão Municipal de Turismo, quer nas feiras de artesanato promovidas pela mesma, quer participando em feiras e exposições no país.

Os produtos que presentemente são produzidos na OLARTE são os seguintes: Artesanato cerâmico em grés, pintado à mão; azulejos decorativos em relevo; painéis cerâmicos em diferentes medidas; painéis cerâmicos em elementos de 30x20, com prévia apresentação de projectos originais; trabalhos exclusivos de artistas nacionais.

A OLARTE tem conseguido com muita coragem e determinação prestigiar o sector cerâmico, sendo seu lema produzir tecnicamente o melhor, em ambiente familiar, onde nunca existiu o termo patrões e operários. Todos são responsáveis, começando pelos seus proprietários, passando pelos artistas-colaboradores, e terminando no mais humilde dos seus servidores. E é neste ambiente duma verdadeira humanização de trabalho que vive esta comunidade chamada “OLARTE”.

J. Côrte-Real

1	Figuras Regionais Salineira	C	22x15x14	1975
2	Figuras Regionais Homem dos Ramos	C	20x12x12	1975
3	Figuras Regionais Homem do Foguete	C	20x14x12	1975
4	Figuras Regionais Tricana	C	20x14x12	1975
5	Figuras Regionais Marnoto	C	20x16x12	1978
6	Santa Joana	C	23x14	1974

Nota — Estas peças foram moldadas por Vasco Branco (VIC) e enformadas por Silvério Damas.

Legalmente constituída de 26 de Maio de 1979, as instalações apresentavam-se parcialmente utilizáveis em meados do ano seguinte, altura em que começou a laboração.

O capital de base é proveniente de investidores da Região, situando-se a Quinta Nova no lugar de Bonsucesso, freguesia de Aradas, onde a tradição cerâmica remonta, pelo menos, ao século XV, comprovada documentalmente.

O objectivo fundamental foi, inicialmente — e pensavam os seus promotores que por muitos anos!, fabricar, em porcelana, louça de tipo hoteleiro, em mono-cozedura, quase que em exclusivo para o mercado externo, em especial para a Europa.

Mas, por exigências do mercado, o fabrico alargou-se a toda a gama de louças domésticas, mais finas, em bicozedura, obrigando a empresa a entrar numa segunda fase que, embora prevista a longo prazo, se tornou possível graças a um notável esforço da equipa técnica. Para tanto, a Quinta Nova foi dotada de linhas automáticas de produção. Mesmo assim, aí laboravam, em fins de 1982, cerca de 300 pessoas.

Tratando-se de material “nobre” da produção cerâmica — porcelana —, tem ganho dimensão a nível nacional, impondo-se, notoriamente, o seu departamento artístico em que aparecem já alguns motivos de inspiração regional.

A. N.

1	Prato c/ o Brazão de Armas de Aveiro	C	16x16	1983
2	Pratos c/ os Braços das vilas do distrito	C	9,5x9,5	1983
3	Talha c/ motivos de Aveiro antigo	C	37x37	1983



N.º 22 Pescador do bacalhau — Ass. A. Andrade

bibRIA

Não cabe no espaço deste “catálogo” a história da Vista Alegre. Esta, de tão vasta e rica, anda escrita em vários livros da especialidade, alguns dos quais contituem obras raras na Arte Portuguesa, nomeadamente os que foram consagrados ao seu centésimo aniversário, esperando-se, para breve, mais um valioso trabalho do director do seu museu histórico.

Os produtos “Vista Alegre”, fabricados durante mais de século e meio de laboração, são apreciados, internacionalmente, não havendo a bem dizer quaisquer fronteiras que a “VA” não tenha ultrapassado.

Os seus pintores e escultores, muitos deles anonimamente, têm-lhe dado o talento criativo que a torna não repetitiva, sempre actual e sempre cobiçada nos mercados internos e externos. Há porém alguns desses nomes que mereciam ser individualizados. Só que, pelo facto de tão longo período de labor (caso raríssimo na indústria portuguesa) e pela excelente qualidade artística sempre demonstrada, a lista desses nomes seria necessariamente extensa, ficando-nos, mesmo assim, a responsabilidade de cometer omissões injustas. A eles, para o reconhecimento público, basta referirem-se como “artista” da Vista Alegre.

De resto, no conjunto industrial, assume particular relevo a famosa secção de pintura, onde, no momento presente, trabalham mais de meia centena de artistas, para além da “escola de pintura”, autêntico alfofre para a manutenção da prestigiada qualidade que sempre caracterizou a porcelana “VA”.

Quanto à história da fábrica, por absoluta exigência do presente trabalho, aqui fica um bosquejo muito sintético, que em nada se aproxima do labor, quantitativo e qualitativo, de tão nobre empresa.

Nasceu por alvará régio de 1 de Julho de 1824, devido às raras qualidades do seu fundador, José Ferreira Pinto Basto, com o objectivo de produzir "louça, porcelana, vidraria e processos químicos". Quatro anos de trabalho mereceram-lhe, por parte do rei D. Miguel, o título de "Real".

Porém, quanto à porcelana, embora já fabricada em 1832, só gradualmente passou a constituir o grosso da produção, após a grande descoberta do primeiro jazigo português de caulino, em Vale Rico, concelho da Vila da Feira, talvez nesse mesmo ano, por Luís Pereira Capote.

Em 1850, iniciou-se a produção de biscuit.

Em 1861, rejuvenescendo a então já prestigiada marca, introduz-se uma máquina a vapor, o que lhe vai permitir acompanhar, na vanguarda, o surto de desenvolvimento que o País atravessou, aproximando-a das mais firmes concorrentes internacionais. De resto, governantes desse tempo (podemos dizer de todos os tempos!) prestaram-lhe homenagens com visitas regulares, sobretudo os mais identificados com o espírito liberal que o seu fundador e descendentes defenderam.

Tendo sofrido com os graves conflitos mundiais da 1.^a metade do século XX, nem por isso deixou de progredir. Associando-se à sua concorrente "Empresa-Electro Cerâmica", viriam estas duas grandes unidades fabris, a adquirir, em 1935, a "Sociedade de Porcelanas". Posteriormente, em 1945, a Vista Alegre conseguiu, quase na totalidade, as acções da "Empresa-Electro Cerâmica", o que, consequentemente, lhe deu o controlo sobre a "Sociedade de Porcelanas", resultando destes factos um vasto campo de expansão nos mercados internacionais, sem qualquer concorrência interna.

Técnicamente sempre actualizada, o seu fabrico é actualmente do mais avançado que o mundo industrializado conhece.

De cerca de uma centena de operários em meados do século XIX, era de 224 em 1890, rondando os 600 ao festejar o centésimo aniversário. E, apesar de permanentemente preocupada com a mais moderna tecnologia, o número de trabalhadores não pára de crescer.

Relevância ainda para as diversas actividades culturais (teatro, filarmónica, escolas gratuitas...), das quais sobressai, com cuidado especial por parte da Administração, o "Museu Histórico".

De resto, para além das datas, dos acontecimentos, dos eventuais sobressaltos políticos e económicos, das grandes transformações laborais de tão prestigiada empresa,...história da "VA" passa também pelas sucessivas variações com que as peças costumam ser sigladas, bem conhecidas pelos mais requintados coleccionadores.

E, é justo lembrá-lo, a Vista Alegre foi uma das poucas empresas que, em 1882, participou na "Exposição Districtal de Aveiro", em que, aliás, e de acordo com o Catálogo então elaborado, teve representação ao nível do prestígio que desde sempre se lhe reconhece!

A.N.

1	Busto de Luis Pereira Capote – Ass. A. Ferreira	C	9x9	1924 (?)
2	Busto do Arrais Gabriel Ançã – Ass. J. Andrade	C	22x13	1926
3	Medalha Comemorativa dos 150 Anos da V.A. com a efígie de J.F. Pinto Basto – Ass. Leonel C. Calisto	C	9x6	1974
4	Pescador da Ria Ass. A. Andrade	C	23x22	1949
5	Peixeira – Ass. A. Gomes e A. Pimentel	C	42x20	1931
6	Prato com retrato de Ângelo Chuva – Ass. P. Peixe	C	35x35	1958

7	Nossa Senhora Rocamador — Cópia de imagem da igreja de Sôsa — Ass. M. Fradinho	C	30x10	1974	
8	Nossa Senhora da Penha de França — Restaurada por J. Andrade em 1963	C	36x15	s/ data	
9	Sé de Aveiro e Cruzeiro de S. Domingos	C	27x27	1973	
10	Prato com motivos de Ílhavo —Ass. P. Peixe	C	25x25	s/ data	
11	Prato com motivos de caça —Adapt. P. Peixe	C	25x25	s/ data	
12	Prato com motivos da V. Alegre — Ass. P. Peixe	C	23x23	1962	
13	Baixo relêvo com retrato de J.T. Pinto Basto — Ass. J. Andrade	C	40x40	1956	
14	Jarro e Bacia com motivos da Vista Alegre — Ass. P. Peixe	C	45x27	1967	
15	Talha Malásia com motivos da Vista Alegre — Ass. P. Peixe	C	24x18	1965	
16	Pote com motivo marítimo — Ass. P. Peixe	C	30x19	1965	
17	Talha Serra com motivos da V. Alegre — Ass. P. Peixe	C	46x17	1946	
18	Terrina Luís XV e prato, com motivos da V. Alegre—Ass. P. Peixe	C	43x28	1972	
19	Talha 125 com motivos da Ria — Criação de P. Peixe	C	35x18	s/ data	
20	Talha 125 com motivos da V. Alegre — Criação de P. Peixe	C	35x18	s/ data	
21	Prato com Pescadores da Ria — Ass. C. Teles	C	27x27	1979	
22	Pescador do Bacalhau — Ass. A. Andrade	C	28x11	1949	
23	Santa Joana — Ass. Jorge Figueiredo	C	27x7	1982	
24	Prato com motivos marítimos — Ass. P. Peixe	C	35x35	1972	Col. Eng.º F. Frasco
25	Talha Chinesa n.º 2 com motivos da Ria — Ass. A. Pimentel	C	38x23	1978	Col. Eng.º C. Amaral
26	Talha Cochinchina com motivos da Ria — Ass. A. Pimentel	C	36x20	1979	Col. Comdt.º F. Santos
27	Colecção de 6 pares de chávenas comemorativas dos 150 Anos da V. Alegre — Ass. A. Pimentel	C	13x17	1974	
28	Talha Serra homenagem a P. Peixe — Ass. A. Pimentel	C	46x17	1975	Col. P. Peixe
29	Talha Serra com motivos das salinas—Ass. A. Pimentel	C	46x17	1979	Col. B. Cunha

bibRIA

- 1 Jarrão com o Brazão de Águeda
e de D. Manuel Trindade C 70x28 s/ data Col. Paço Episcopal

bibRIA

...A FECHAR

Penhorada, a organização reitera os seus agradecimentos a todos quantos a ajudaram neste empreendimento, que mesmo assim ficou aquém do seu desejo. Com a devida reserva por alguma falta involuntária, permite-se destacar:

Governo Civil de Aveiro;
Câmaras Municipais de Aveiro, Águeda, Feira, Ílhavo e Estarreja;
Museus de Aveiro, Ílhavo, Fundação Egas Moniz;
Associação Comercial de Aveiro;
Fábricas da Vista Alegre, Aleluia, Outeiro, Quinta Nova, Primagera, Oficinas Olarte;
Escola Secundária n.º 1 (Aveiro)
D. M.^a José Sampaio
D. M.^a Arroja Macedo
Dr. David Cristo
Dr. Manuel da Costa Candal
Dr. Frederico de Moura
Dr. Costa e Melo
Dr. Artur Casimiro
Dr. Artur Cunha
Sr. João Sarabando
Sr. Gervásio Aleluia
Dr. Moreira Lopes
Dr. António Redondo
Cap. Adriano Nordeste
Sr. José Sacramento
Arq.^o Samuel Quininha

Deseja ainda salientar os bons serviços, sempre disponíveis, da Câmara Municipal de Aveiro que desde a primeira hora a apoiou.

bibRIA

COMPOSTO E IMPRESSO
NAS OFICINAS GRÁFICAS DA TIPAVE
AVEIRO – 1983



bibRIA

Capa: cartaz de Cândido Teles.

O original é uma obra sobre papel (43x32), datada de 1982, recolhida da extensa "Obra gráfica" do artista, em que se faz uma exploração das técnicas mistas, inspirada na Ria de Aveiro, em que é feita uma transposição, em unísono, de atmosfericidade e figuração, atingindo os insólitos efeitos de abstração lírica e forte dramatismo.

Contra Capa: barco moliceiro na Ria de Aveiro. (Reprodução do cartaz da C.M. de Turismo. Fotografia de Almeida d'Eça).

Preço deste número 100\$00



bibRIA

CÂMARA MUNICIPAL DE AVEIRO